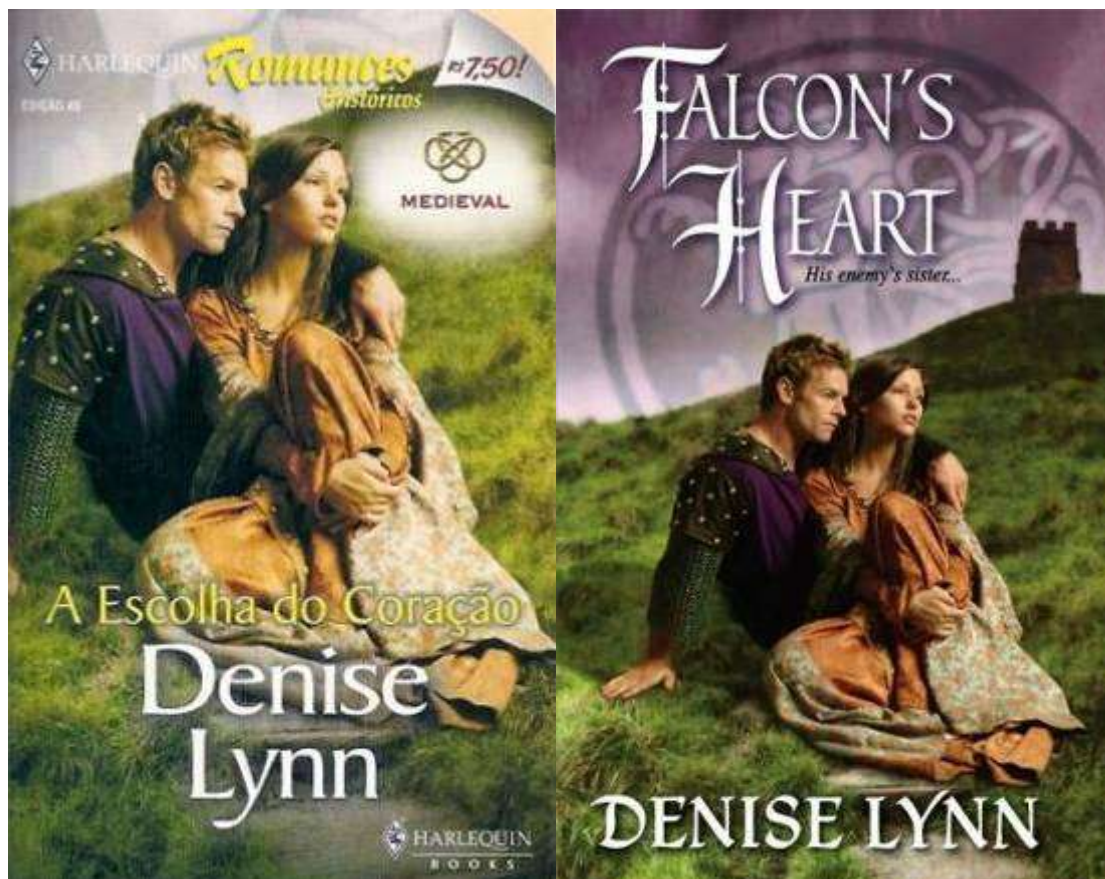


A Escolha Do Coração

FALCON'S HEART

Denise Lynn



Falcon 04 - Harlequin Romances Históricos 49

Sequestrada por bandidos e resgatada por um estranho sedutor e autoritário, Marianne de Faucon vive os momentos de emoção e aventura com os quais sempre sonhou. Ela esperava até mesmo encontrar o amor, como acontecera com seus irmãos, mas é perigoso se render ao desejo.

Afinal, Bryce de Ashforde deseja a destruição dos Faucon, e a inocente, teimosa e tentadora Marianne será seu instrumento de vingança.

Digitalização: Crysty

Revisão: Alice Akeru





Series Falcon

1. [Falcon's Desire](#) (2003) CH 274 – Dois amores, uma escolha (Rhys de Faucon e Lyonesse) – e-book
2. [Falcon's Honor](#) (2005) HRH 41 – A escolha honrada (Gareth de Faucon e Rhian) – e-book
3. [Falcon's Love](#) (2005) HRH 45 – A escolha de um amor (Darius de Faucon e Marguerite) – e-book
4. [Falcon's Heart](#) (2007) – HRH 49 – A escolha do coração (Marianne de Faucon e Bryce) – e-book



Querida leitora,

Marianne de Faucon já havia passado da idade de se casar, mas seu irmão mais velho ainda se encarregava de afugentar seus pretendentes e "protegê-la", mesmo contra sua vontade. Nascida e criada em uma família de guerreiros, ela sempre sonhara viver as fantásticas aventuras de seus irmãos. E, com o belo Bryce de Ashforde, seu desejo foi mais do que concedido. Inimigo mortal dos Faucon, ele a resgata de um bando de sequestradores apenas para utilizá-la em sua vingança. Contudo, Marianne é linda, astuta e insuportavelmente voluntariosa, e Bryce logo se vê em sérios apuros... quando ela decide seduzi-lo...

Equipe Editorial Harlequin Books



Tradução *Elaine Moreira*

HARLEQUIN

B O O K S

2008

183 páginas

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./ S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão,
no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou
mortas é mera coincidência.

Título original: FALCON'S HEART

Copyright © 2007 by Denise L. Koch

Originalmente publicado em 2007 por Harlequin Historicals

Projeto gráfico: Scalla Assessoria & Desenho Publicitário Ltda.

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração Eletrônica: ABREU'S SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654/2524-8037

Impressão: RR DONNELLEY

Tel: (55 XX 11) 2148-3500 www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907 - Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11) 2195-3186/ 2195-3185/ 2195-3182

Editora HR Ltda. Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para: Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br



Prólogo

Ashforde Keep, Devon, Inglaterra Início do verão, 1143

Bryce de Ashforde piscava em meio à fumaça que se elevava dos escombros de Ashforde Keep. Nada resistira ao incêndio em seu recém-adquirido domínio.

Ausentara-se por meros sete dias. Tempo suficiente para conhecer sua futura esposa e família. Uma semana antes, quando viera reclamar seus direitos como novo lorde, Ashforde Keep estava firme no lugar. Agora... agora jazia em ruínas.

Para reconstruí-la necessitaria de homens, ouro e tempo. Mas metade de seus homens tinha desaparecido. A maior parte de seu ouro agora enchia os cofres da imperatriz. E o tempo era escasso.

O acordo final de casamento estava em seu alforje, esperando apenas por sua assinatura. Uma vez assinado, marcariam a data para a troca dos votos. Então estaria casado, o que era imprescindível para qualquer lorde do reino. Ele precisava de filhos e de uma castelã para a fortaleza, duas exigências que seriam preenchidas pelo casamento. Mas agora para onde levaria sua futura esposa, Cecily de Glynnsen?

Teria de contratar alguém que supervisionasse a reconstrução da fortaleza. Estaria ocupado nas próximas semanas... ou meses... caçando os responsáveis por aquela devastação.

O nariz ardia. O peito se contraiu, protestando contra a fumaça densa e irritante que fazia os olhos lacrimejarem e causava uma tosse seca na garganta.

Contou sete corpos, aparentemente aldeões. Por que seus homens não estavam entre os mortos? Parecia que tinham sido levados da fortaleza. Ou tinham fugido ao primeiro sinal de ataque. Recusava-se a acreditar numa fuga. Quando a imperatriz o agraciara com o título e as terras, também lhe concedera 20 homens. Cada um deles havia lhe jurado fidelidade prontamente. Tivera certeza de que eram homens leais, honrados e bravos.

Então, onde estavam?

O vento ganhava velocidade, ameaçando arrancar a capa de seus ombros, lançando a fumaça pelo campo enegrecido pelo fogo.

O brilhante sol de verão reluzia em um objeto preso aos destroços. Bryce chutou as vigas queimadas. Depois de envolver a mão com a ponta de sua grossa capa de lã, puxou uma espada da pilha fumegante.

Mesmo com o coração pesado e a garganta ardendo para gritar de raiva, um sorriso amargo surgiu nos cantos de sua boca.



Havia um falcão entalhado na lâmina. As asas da ave de rapina estavam abertas, como que sobrevoando uma presa desatenta.

Só um homem marcaria sua arma dessa forma: o conde Rhys de Faucon. Embora nunca tivesse lutado com Faucon, tinha conversado com homens que o tinham feito. Todos mencionavam o entalhe do falcão.

Uma pergunta estava respondida. Sabia quem era o responsável pela destruição. Olhou em direção à floresta, agora pensando em encontrar seus homens.

Bryce voltou para o cavalo e prendeu a própria espada na tira de couro que pendia do alforje. Com grande cuidado, limpou as cinzas da espada que encontrara e ergueu a arma em direção ao sol forte.

— Eu prometo, Faucon, devolvarei sua espada e o farei pagar por isso.

Capítulo Um

Faucon Keep, Normandia 15 de outubro de 1143

Todo outono, desde que Marianne de Faucon podia lembrar, o conde de Faucon promovia um grande torneio e uma feira. Primeiro seu avô cuidara do evento, depois o próprio pai. A tarefa agora cabia ao atual conde de Faucon, seu irmão Rhys. Já acontecia há tanto tempo que era uma celebração muito esperada.

Um impressionante número de trovadores, malabaristas, dançarinos e músicos vinha entreter a massa reunida e forrar suas bolsas com moedas. Cavaleiros e guerreiros, procurando encher os cofres vazios com o ouro daqueles menos afortunados no combate, vinham testar sua perícia no torneio. Mercadores, desesperados para vender suas mercadorias antes do inverno, afluíam para a fortaleza.

Tendas coloridas salpicavam a clareira entre a floresta e a fortaleza. Galhardetes brilhantes e multicoloridos tremulavam sob a morna brisa de outono.

Cercada por inúmeras pessoas, Marianne não conseguia se livrar da inquietação que contraía seu estômago. Nem o ressoar de espada contra espada nem os gritos animados e as gargalhadas dos espectadores nas tribunas quebravam a perturbadora melancolia que a envolvia feito uma sufocante mortalha.

O passeio entre os mercadores não servira para melhorar seu humor. Nem as brilhosas fitas de cabelo, as exóticas essências do Oriente e as belas jóias despertaram sua atenção. Era realmente triste não encontrar nada que melhorasse seu ânimo.



Marianne suspirou antes de se afastar da multidão que assistia os eventos do dia. A festividade anual costumava lhe provocar um arrepio de ansiedade no corpo. Esperava por toda aquela agitação por meses a fio. Mas, nos dois últimos anos, a sensação começara a enfraquecer.

— Está indo tão cedo?

Um braço apoiado sobre seu ombro a deteve. Soube pelo simples gesto qual dos irmãos tentava impedir sua partida.

Seu irmão mais velho, Rhys, não perderia tempo se aproximando dela. Com tantos homens armados presentes, estava muito ocupado tendo de refreá-los.

Darius, o irmão mais novo, nunca tomaria tal familiaridade. Vivera longe de Faucon por muitos anos. O relacionamento deles era mais formal do que com o irmão do meio.

Marianne baixou o ombro e se livrou do braço de Gareth.

— Sim, estou. O dia foi muito longo. Minha cabeça dói e o barulho não me favorece. — Era uma pequena mentira, certamente uma que não lhe valeria toda a eternidade no inferno.

Gareth a segurou pelo pulso, puxando-a para o lado, impedindo sua fuga.

— É encorajador descobrir que não perdeu sua habilidade em fabricar mentiras tão descaradas.

Marianne sorriu.

— Aprendi com o melhor de todos, não foi?

Os olhos dele se arregalaram antes de os lábios se curvarem num sorriso.

— Suponho que sim. — Gareth passou a mão pelos cabelos úmidos de suor. — Mas talvez já seja hora de parar de imitar seus irmãos. Afinal, você é uma menina.

— Menina? — Por estranho que fosse, Marianne irritou-se com aquela simples afirmação. O sangue correu quente e o coração disparou no peito. Não era uma *menina* há muitos anos. Duvidava que alguém fora de sua família confundisse a curva dos quadris e dos seios com o corpo de uma menina.

Gareth a avaliou de cima a baixo com olhar lento e penetrante. O tipo de exame que um homem usava quando estava incerto do que via diante de si. Uma ruga se formou em sua testa. Ele esfregou o nariz antes de menear a cabeça.

— Não. Você não é mais uma menina, não é? — Gareth parecia surpreso. — Quando isso aconteceu?

A constatação do óbvio arrefeceu a raiva dela.

— Oh, tenho certeza de que foi na semana passada. — Era tão inevitável atormentar o irmão quanto respirar.



Gareth ignorou o gracejo e olhou para as arenas, claramente ansioso para ver os últimos momentos de ação que o torneio ofereceria naquele dia. Com um suspiro resignado, voltou sua atenção para a irmã.

— Por que ainda está solteira?

Uma risada escapou dos lábios de Marianne, fazendo todo seu corpo tremer. Secou as lágrimas dos olhos, meneou a cabeça, e então, apontando para os homens que aguardavam sua vez na justa, perguntou:

— E quem dentre os que aqui se encontram seria considerado adequado pelo conde de Faucon? Que homem seria merecedor de ter minha mão em casamento?

— O que está dizendo?

— Simples, meu querido irmão, ultimamente encorajei vários homens a pedir a aprovação de Rhys, mas de nada adiantou.

— E as razões dele não foram justas?

— Para ele, talvez. Mas, para mim, eram ridículas. — Marianne as recitou: — Velho demais ou jovem demais. Insuficientemente rico ou forte. Arrogante demais ou pouco arrogante. Um deles foi até considerado pouco inteligente para se tornar parente da poderosa família Faucon.

Gareth a encarava.

— Por que nunca reclamou disto antes?

— Nunca senti que algo estivesse faltando em minha vida até agora.

— O que quer que eu faça?

Marianne encolheu os ombros.

— Talvez pudesse falar com nosso irmão e convencê-lo de que meu coração também é merecedor de encontrar o amor.

— Talvez não resolva, mas prometo tentar.

Certa de que Gareth realmente falaria com Rhys, ela retomou sua escapada. A curta caminhada até a fortaleza foi realizada sem qualquer interrupção. O que não faria para que algum grosseirão considerasse interessante tirar vantagem do fato de estar sozinha.

Nenhuma aia a acompanhava. Quando deixara a fortaleza mais cedo naquele dia, estavam muito ocupadas atendendo inúmeros convidados de honra. Uma verdadeira bênção para ela. Era até divertido ter liberdade de movimentos, sem que cada passo seu fosse vigiado.

Contudo, se Rhys ou sua esposa Lyonesse a descobrissem fora da fortaleza sem uma aia ou um guarda, os ouvidos de Marianne arderiam com tantas reprimendas.

Ambos agiam como se ela fosse um grande prêmio que precisasse ser protegido a qualquer custo. Teria sentido se tivesse sangue real, mas não tinha. A



única coisa de valor, além das terras da família de sua mãe, era sua virgindade. E no momento Marianne ofereceria esse tesouro inútil para qualquer um corajoso o bastante para lhe pedir a honra.

O rosto de Marianne corou. Sua família ficaria horrorizada, pior, envergonhada se soubesse o tipo de coisa que ocupava sua mente ultimamente. Era normal ter essa vontade inexplicável, essa frustrante sensação de carência que a mantinha acordada à noite e aborrecida a maior parte do dia?

Era por isso que a maioria das garotas se casava tão cedo? Para que quando comesçassem a ter essa estranha e irritante consciência do próprio corpo já estivessem seguramente abrigadas na cama do marido?

Agora sua cabeça realmente doía. Tanto anseio logo minaria seu bom senso. Ao se aproximar da fortaleza, Marianne se misturou a um grupo de pessoas. Se alguém de sua família a visse entrando em Faucon, Marianne poderia dizer que não estava lá fora sozinha.

Antes de seguir para a própria cama, dirigiu-se à área privativa da família. Talvez uma breve visita aos sobrinhos fizesse sua aflição diminuir.

— A quem você acha que Marianne deveria ser entregue? — A voz de Lyonesse era ouvida fora do cômodo.

Marianne parou antes de transpor a arcada. Saiu de vista e encostou-se à parede, ouvindo suas cunhadas debatendo sobre seu futuro.

— O filho de Lorde Markam parece promissor — Rhian, esposa de Gareth, comentou.

Marianne conteve-se para não bufar. O filho de Markam? Só sobre seu cadáver a convenceriam a casar com aquele asno pomposo.

— Markam? — A esposa de Rhys riu antes de descartar aquela sugestão. — O filho de Lorde Markam não tem ouro, força ou juízo suficientes para proteger a própria vida, quanto mais a de Marianne.

— Já é mais do que hora de ela casar. Logo estará velha demais para que alguém se interesse. Marianne já tem 17 anos. Precisa casar rápido.

Oh, abençoada seja! Tudo o que Marianne mais queria no momento era abraçar Marguerite por aquela observação. Como Darius conseguira casar com aquela mulher era algo completamente fora de sua compreensão.

— Rhys está ciente da idade da irmã. — Marianne se encolheu com o tom cáustico de Lyonesse. Quando a Lady de Faucon falava dessa maneira, a maioria das pessoas recuava.

— Bem, Rhys precisa se apressar antes que algum patife perceba a luxúria que brilha nos olhos dela. — A observação de Marguerite fez as faces de Marianne arderem de vergonha novamente.

— Ah, então também notou? Talvez nós três devêssemos nos oferecer para ajudá-lo a resolver a questão. — O tom calmo de Rhian aliviou um pouco da



tensão de Marianne. — Afinal, somos mais capazes para saber o que deixaria outra mulher contente.

Contente? Marianne mexeu a cabeça ao sentir a tensão no pescoço e nos ombros retornar. Não desejava ficar contente. Sem querer ser vista, recuou silenciosamente. Nenhuma delas tinha casado para ficar contente, então por que imaginavam que ela faria isso?

Marianne não era diferente, queria as mesmas coisas que elas tinham. Uma fortaleza oferecia pouca privacidade, mesmo uma enorme como Faucon. Sabia o que aquelas mulheres compartilhavam com os maridos. Tinha ouvido as risadinhas, os suspiros de prazer e os demorados gemidos de satisfação.

Precisava disso também. Queria sentir desejo, uma paixão ardente que a enlouquecesse e ao mesmo tempo a deixasse plenamente saciada.

Jamais contente.

Que o bom Deus não permitisse que vivesse contente. Morreria de tédio.

Marianne encolheu os ombros, afastando tais pensamentos antes de descer a escada. Mas a conversa que escutara a deixara mais inquieta que antes. Uma inquietação agora enlaçada à urgência. Talvez, ao, invés de procurar a cama, devesse buscar algum divertimento no salão principal.

Parou no fim da escada, observando todo o salão. Em preparação ao festival, as paredes tinham sido caiadas. Nelas, Lyonesse e Marguerite tinham pintando flores silvestres e ervas. Quando Gareth e a esposa chegaram, Rhian entremeou videiras às coloridas ramagens.

O chão fora limpo e juncos novos tinham sido colocados. Aspérula fora espalhada livremente para ajudar a manter o odor o mais agradável possível.

Poucos dos homens ali reunidos não tinham sucumbido ao vinho de Faucon. Os que ainda estavam em seu juízo perfeito eram muito velhos ou muito jovens. Se fosse contar com a própria família para encontrar um homem de valor, talvez fosse melhor agir por conta própria. Com tantos homens atraídos pelo torneio, deveria haver um que acelerasse sua pulsação e deixasse seus joelhos fracos de desejo.

Depois de dispensar os guardas da entrada com um aceno, Marianne saiu da fortaleza. Felizmente, nenhum dos capitães de seus irmãos estava presente. Nunca a teriam deixado passar tão facilmente.

O vento erguia seus cabelos negros e lhe causava um calafrio na espinha. A brisa da noite já carregava a promessa do inverno. Marianne puxou o capuz de seu manto de lã sobre a cabeça.

O som de pessoas se divertindo era levado pelo vento. Risadas, vozes que cantavam e gritos animados flutuavam por cima das muralhas da fortaleza.



Marianne olhou brevemente por cima do ombro. Se ninguém de sua família a visse sair, ninguém poderia detê-la. Pagaria caro quando notassem sua ausência, mas no momento precisava de liberdade.

Nunca em sua vida tivera permissão de ultrapassar as muralhas à noite sem a companhia de um dos irmãos. Mas uma vez casados, dificilmente estavam dispostos a acompanhá-la até a aldeia para participar de qualquer festividade. Passara várias noites sentada à estreita janela de seu quarto ouvindo a alegria dos outros e ficando mais frustrada a cada instante.

Estava cansada de ser obediente, de ser uma irmã comportada. Se já estava passando da idade de casar, certamente tinha idade para cuidar de si mesma enquanto se distraía um pouco.

Conferindo rapidamente a pequena bainha pendurada à cintura, garantiu que a adaga estaria à mão antes de ultrapassar o portão nos fundos da fortaleza.

Logo alcançou um grupo de mercadores que seguiam com as famílias para a feira montada ao lado da clareira. Se fosse realmente seguro andar em grupo, então estava mais do que feliz em segui-los.

A luz brilhava no céu salpicado de estrelas. Talvez com uma noite tão bonita pudesse esquecer a persistente agitação em seu estômago.

O aroma suculento de porco assado no espeto fez a boca de Marianne salivar. Se a cozinheira de Faucon estivesse envolvida naquele banquete, a carne seria servida com molho de passas e vinho. Uma pitada de cominho seria acrescentada para dar um sabor especial.

Marianne seguiu o cheiro. Com o inverno se aproximando, era seu dever prover seu corpo com um pouco mais de gordura para se aquecer. Riu da própria idéia. Peso extra era algo que não precisava, mas estava ali para se sentir feliz. E se sua diversão não podia incluir um homem, então a comida teria de bastar.

Quando viu as cozinheiras junto ao espeto, Marianne parou. Para seu desapontamento, seu nariz tinha razão — as cozinheiras de Faucon estavam ali. Ela tinha sido a castelã de Faucon até Rhys casar com Lyonesse. As cozinheiras a reconheceriam prontamente.

Observou os outros que aguardavam sua vez para comprar uma porção de comida, então se deparou com uma criança desconhecida. O menino quase babava com os aromas que alcançavam seu nariz. Pela sujeira e pela roupa rasgada, Marianne duvidava que ele pudesse comprar algo para comer. Ou talvez fosse um típico rapazinho — roupas rasgadas e sujas não deviam ser algo incomum para ele.

Não importava. Era um menino e, pelo que observara ao longo dos anos, eles tinham um estômago que parecia sem fundo. Tirando algum dinheiro de sua algibeira, tocou o ombro dele.

— Garoto, teria a gentileza de me fazer um grande favor? Será bem recompensado.



Os olhos dele se iluminaram quando viram as moedas na mão dela. Havia o suficiente para comprar comida para ela e mais dez pessoas.

— Oh, sim, *milady*.

Depois de despejar o dinheiro na mão dele, ela indicou o espeto com a cabeça.

— Tudo o que desejo é uma porção daquela carne. O resto é seu. — Ela resistiu à vontade de colocar o dedo sob o queixo do garoto para que ele não continuasse boquiaberto. — Estarei esperando aqui.

Sem dizer palavra, ele correu para atendê-la. O estômago de Marianne roncava. Não tinha ignorado a refeição da noite por estar sem fome. Apenas estava sentindo muita pena de si mesma para se juntar aos outros. Portanto, aquele pequeno prazer era tanto necessidade quanto desejo.

O menino voltava com a comida bem firme nos braços. Já perto dela, parou. Marianne viu os lábios dele se moverem, mas, com todo aquele barulho, não ouvia suas palavras.

Deu um passo na direção dele. No mesmo instante, ouviu:

— Ali está ela. — Antes que pudesse reagir, uma mão cobriu sua boca, impedindo seu grito. Outra a enlaçou pelo pescoço, arrastando-a para as sombras.

Bryce de Ashforde observou com assombro quando os quatro estranhos praticamente tiraram Marianne de Faucon de suas mãos.

Por dois dias, ele e seus homens rondaram a feira esperando pela oportunidade de apanhar a irmã de Faucon. E alguém havia roubado sua presa.

Se não fosse chamar atenção desnecessária, Bryce teria urrado de raiva.

— Milorde? — O tom de Sir John ecoava a mesma surpresa. — Devo ordenar que os homens surpreendam os patifes?

Patifes? Bryce quase riu de seu capitão. Se aquelas criaturas mal vestidas eram patifes, o que ele era então? Não tinha vindo até Faucon com a intenção de fazer o mesmo?

Talvez não *exatamente* o mesmo. Seus homens iriam raptar a irmã de Faucon, vendá-la e levá-la na direção de Ashforde. Então ele, o conde Bryce de Ashforde, resgataria a moça bravamente, zelaria por seu conforto e segurança, devolvendo-a intacta aos cuidados do irmão. Assim, conquistaria a gratidão eterna do conde de Faucon.

A gratidão de Faucon seria apenas o primeiro passo da vingança que buscava.

Infelizmente, estava no território do inimigo. Do contrário, não teria pensado duas vezes em resgatar a dama. Mas, se fizesse isso agora, surgiriam



muitas perguntas que ele não poderia responder. Para começar, não tinha como explicar sua presença em Faucon.

Mesmo que o festival atraísse muitas pessoas, duvidava que alguém ali fosse fiel partidário da imperatriz Matilda.

— Não. Não faça nada que denuncie nossa presença, — Bryce meneou a cabeça. — Siga-os de perto. Interceda pela dama apenas se as circunstâncias se agravarem. Tudo ainda pode se ajustar ao planejado.

Capítulo Dois

Faucon Keep

16 de outubro de 1143

Lyonesse de Faucon penteava distraidamente os cabelos ruivos, olhando pela abertura arqueada da janela. O sol da manhã penetrava no quarto que compartilhava com o marido.

Como ainda era cedo, o pátio estava silencioso. Mesmo a fortaleza estava razoavelmente quieta. Uma verdadeira bênção. Embora a feira fosse um evento muito esperado, era bem mais cansativo do que ela imaginava. Felizmente só durava duas semanas.

A porta do quarto bateu contra a parede, quebrando o silêncio que ela tanto aproveitava. Só uma pessoa forçaria as dobradiças daquela maneira.

Ela abandonou a janela, seu sorriso acolhedor arrefecendo ao olhar para o marido.

Rhys, o conde de Faucon, parecia o próprio demônio. O olhar zangado anunciava a aproximação de uma desastrosa tempestade.

Olhou pela estreita abertura novamente, observando a paisagem atentamente. Estavam sob cerco? Algum exército se aproximava de Faucon?

— Marianne sumiu.

Lyonesse se voltou para ele tão depressa que sentiu a cabeça girar.

— O que quer dizer com sumiu? — Tentou apagar a ruga na testa ao se aproximar do marido.

— Sumiu. A cama permaneceu intocada durante a noite. Não está na fortaleza, no pátio ou na aldeia.

— Oh, Rhys, não. — Lyonesse apoiou a mão no peito dele.

Rhys a puxou para seus braços e enterrou o rosto nos cabelos da mulher. Lyonesse apoiou o rosto nele. A necessidade de agir duelava com a necessidade de oferecer aquele pequeno conforto ao marido.



Por fim, ele a soltou. Os olhos dourados de Rhys faiscavam, as sobrancelhas negras pareciam asas adornando-lhe o olhar. A imagem evocou um sorriso nos lábios de Lyonesse. Ah, sim, esse era seu diabólico conde, pronto para enfrentar quem ousasse atravessar-lhe o caminho.

Ele ergueu os ombros e cerrou os punhos. O gesto provocou uma risada em Lyonesse. Risada que apenas se intensificou quando ele lhe dirigiu o olhar zangado.

— Rhys, meu amor. Antes de reunir seu exército, não seria melhor procurá-la novamente? Espere um dia ou dois antes de declarar guerra a um oponente desconhecido.

— Claro que continuarei procurando por ela.

Ela lhe acariciou a mão.

— Sem destruir nada na aldeia?

Mesmo descerrando o punho, a expressão dele não mudou.

— Ela não deve estar longe. Estava aqui ainda ontem... — Ele fez uma pausa, as sobrancelhas se erguendo em questionamento. — Não estava?

Com tantos estranhos reunidos em Faucon, Lyonesse sabia que ele estava distraído quanto à família. Seu foco eram os homens que tomavam parte nos vários jogos de guerra organizados nas arenas. O torneio atraía quase tanta gente quanto a feira, exceto que os que vinham para as competições estavam armados.

— Sim, não se preocupe, ela estava aqui ontem... — Agora era Lyonesse quem parava para pensar. Quando vira Marianne pela última vez? A menina não aparecera para a refeição da noite. Depois disso, também não se juntara à família no solar.

— O quê? — Antes zangado, o olhar de Rhys agora refletia preocupação. — Quando a viu pela última vez?

Lyonesse repassava os eventos do dia anterior em sua mente. Vira Marianne depois do desjejum? Não que lembrasse.

— Ontem de manhã.

Rhys gemeu.

— Como estava Marianne quando a viu?

Lyonesse olhou para o teto.

— Como sempre. Melancólica. Distraída. Frustrada.

Enquanto Rhys parecia considerar a informação, ela perguntou:

— Acha que a idéia de fugir passaria pela cabeça dela?

Rhys refletiu antes de responder. Então, meneou a cabeça.

— Não. Ela pode ser teimosa e, às vezes, escapar da aia para cavalgar pela propriedade, mas não, não fugiria.



— Então isso só pode significar... — Lyonesse ficou atônita. — Alguém a levou.

— Sim. É o que temo.

— Talvez enviem um pedido de resgate.

— Se as pessoas que a levaram desejam viver, é melhor que esse pedido de resgate apareça rápido.

— Contou aos outros?

Rhys meneou a cabeça.

— Não, queria falar com você primeiro.

— Talvez seja melhor lhes contar agora — Lyonesse sugeriu.

— Irei procurar Gareth e Darius, você procura as esposas deles.

— Claro. Melhor nos encontrarmos no solar? Teríamos mais privacidade que no salão.

Quando Rhys saiu, Lyonesse se concentrou em sua tarefa. Rezou para que quem tivesse levado Marianne soubesse quem havia capturado. Um homem de fala macia seria capaz de fazer a menina esquecer-se de preservar sua reputação.

Se a identidade dela fosse conhecida, duvidava que qualquer homem fosse estúpido a ponto de desonrar a irmãzinha dos Faucon.

Mesmo preocupada com Marianne, sabia que Rhys e os irmãos fariam de tudo que estivesse em seu poder para encontrar a irmã.

E assim que conseguissem, cuidariam para que a menina encontrasse um marido o quanto antes.

Capítulo Três

Hampshire, Inglaterra 19 de outubro de 1143

Demorou quase quatro dias para que as coisas se ajustassem para Bryce de Ashforde. Desde o início, a sorte parecia estar contra ele. Os homens que sequestraram a irmã de Faucon se juntaram a uma caravana em direção ao norte. Então cruzaram o canal e viajaram em direção a Hampshire.

Bryce enviara dois de seus homens na frente para descobrir o que pudessem. O rapto da irmã de Faucon era um ato ousado. Algo que faria as línguas espalharem rumores em ritmo acelerado.

Então, quando menos esperava, o bom Deus decidira ser piedoso, uma ocorrência que não era comum ultimamente.

Os homens reunidos no círculo disputavam um prêmio raro. Um prêmio que faria com que o conde Rhys de Faucon sofresse parte da vingança merecida.



Faucon imaginara que podia destruir Ashforde Keep sem sofrer as consequências. O covarde tinha atacado quando Bryce estava ausente, atendendo o chamado da imperatriz Matilda. Voltara para seu feudo apenas para encontrar a fortaleza em ruínas, as plantações devastadas, sete aldeões mortos e seus homens desaparecidos.

Guerra era guerra. Mesmo que Faucon tivesse sido vitorioso naquele dia, logo experimentaria a derrota.

Exatamente naquela manhã, seus homens trouxeram rumores de que o bando de ladrões que raptara a irmã de Faucon estava nas cercanias de Hampshire.

Depois de usar algumas moedas, Bryce soubera que os criminosos tinham ficado aterrorizados ao descobrir quem tinham sequestrado. Temerosos de pedir um resgate, deixaram a Normandia e atravessaram o canal para a Inglaterra. Talvez não fossem completos idiotas, pois tinham percebido imediatamente que Faucon os mataria ao invés de pagar um resgate.

Para se livrar do que agora consideravam uma carga inútil, os ladrões tinham oferecido a moça como prêmio de um jogo de azar. Um prêmio que Bryce aceitaria com alegria.

O jogo aconteceria naquele dia. Chegara cedo ao lugar combinado, atrás da oficina do ferreiro. Bryce não perderia aquela chance abençoada.

— Sua vez, milorde.

Ele tomou o par de dados e os esfregou em sua mão. Tudo se resumia àquele último lance. O silêncio era pesado. Quase podia ouvir as batidas dos corações daqueles que assistiam... e esperavam.

Sacudiu os dados, pedindo para que o ajudassem novamente, então os lançou no meio do círculo.

Toda sua vida passou diante de seus olhos enquanto os dados caíam e rolavam no grosseiro círculo riscado no chão até pararem completamente.

Todos os homens gritaram. Alguns de desespero, outros felicitando Ashforde.

Bryce se ergueu, aceitando as felicitações em silêncio. Mas por dentro, seus gritos de vitória ecoavam-lhe no peito. Um lance de dados não só lhe garantiria o prêmio desejado, mas também o poupava de ordenar que seus homens tomassem a irmã de Faucon à força.

O homem responsável pelo jogo apontou mal-humorado para uma tenda multicolorida.

— Seu prêmio está ali, milorde.

Antes que o homem terminasse de falar, Bryce tinha atravessado metade da distância até a tenda erguida no canto da clareira. Parou por um instante, saboreando sua vitória, antes de transpor a aba.



Um pequeno braseiro de metal clareava levemente o interior, iluminando seu prêmio no canto mais afastado da tenda.

Mesmo suja, a irmã de Faucon o fazia desejar que as circunstâncias fossem diferentes. Tendo os cabelos tão negros quanto os dos irmãos, ela era mais alta que a maioria das mulheres. Mas levando a altura dos irmãos em consideração, a família deveria achar sua estatura irrelevante.

O súbito desejo de ter aquelas pernas longas expostas ao seu olhar fez seu coração bater erráticamente. Uma reação que sua futura esposa não acharia nada aceitável.

Só ficara na companhia de Cecily poucos dias, mas testemunhara seu temperamento explodir com frequência suficiente para saber que ela não aceitaria calmamente que seus pensamentos estivessem ocupados com outra mulher. Para acalmar a pulsação, Bryce ergueu os olhos para o rosto da jovem.

Mas mirar aqueles brilhantes olhos verdes pouco fez para aliviar seu crescente desconforto. O que havia de errado com ele? Além de estar comprometido com outra, aquela mulher encantadora era irmã de seu inimigo.

Contudo, ela era inocente. Um instrumento para seu objetivo, um peão num jogo do qual não escolhera participar.

Aproximou-se devagar, não querendo deixá-la mais atemorizada do que já devia estar.

Marianne mantinha a atenção naquele novo estranho.

Sentindo raiva de si mesma e dos homens que a levaram de Faucon, já tinha aceitado o fato de que talvez não sobrevivesse. Mas não daria seu último suspiro sem colocar em prática as lições aprendidas com os irmãos. Se aquele homem que vinha lentamente em sua direção imaginava atacá-la e sair ileso, teria uma grande surpresa.

Ela apertou a faquinha escondida nas dobras de seu vestido sujo e rasgado. Mesmo que a pequena lâmina não o matasse, Marianne esperava detê-lo tempo suficiente para que pudesse fugir.

Os sequestradores tinham sido bem cuidadosos até então. Mas naquela manhã, quando um deles trouxera seu desjejum, uma faquinha de refeição fora deixada para trás.

O homem deu mais um passo. Marianne ergueu a mão esquerda, como se quisesse afastá-lo.

— Pare. Não se aproxime.

As sobrancelhas dele se ergueram, quase desaparecendo entre as ondas rebeldes dos cabelos louros. Mas ele parou e a fitou por um instante antes de dizer:



— Não tema, Marianne de Faucon, só quero ter certeza de que não está machucada antes de devolvê-la ao seu irmão.

Tal preocupação por parte de um estranho a surpreendeu. A voz profunda ecoava em seus ouvidos com a mesma suavidade de uma calma brisa de verão.

— Nós nos conhecemos?

Ela mirou novamente seu salvador, se é que isso era mesmo verdade. O medo que sentira constantemente nos últimos dias voltou com plena força. Ele dizia não constituir ameaça. Podia acreditar nele? Embora não parecesse tão cruel quando os homens que a tinham capturado, ainda era um estranho. Um estranho cuja falta de cerimônia a deixava alarmada.

Com uma pequena reverência, acompanhada de um sorriso arrasador, ele se apresentou:

— Bryce de Ashforde a seu serviço, *milady*.

O nome atinou algo em sua mente. Felizmente, a sensação impediu que o sorriso maravilhoso dele lhe roubasse o fôlego.

— Ashforde... Ashforde... Conheço esse nome.

Uma ruga na testa desfez o sorriso. Ao invés de oferecer uma explicação, ele se aproximou.

— Precisamos sair rápido daqui.

Algo estava errado. Marianne contraiu os músculos para o caso de precisar se defender. Embora não tivesse feito nada contra ela até o momento, não tinha razão para confiar nele.

Apontou com a cabeça para o vestido esfarrapado.

— Também quero sair desse lugar... e por bom motivo. Mas por que a pressa, milorde?

— Não gostaria de perder meu prêmio tão rápido. — Bryce olhou por cima do ombro para a entrada da tenda. — A não ser que prefira a companhia deles à minha.

Marianne se esforçou para não ficar boquiaberta.

— Prêmio? — Ela examinou rapidamente a tenda antes de estreitar os olhos. — Não vejo ouro ou quaisquer outras riquezas.

Com um traço de humor no rosto e na voz, Bryce esclareceu:

— Você é o prêmio.

Ela piscou, certa de que não tinha ouvido direito.

— *Eu sou o prêmio? Você me ganhou?*

— Sim. Num jogo de dados.

— Jogo de dados? — Marianne não sabia se ria ou chorava. Tinha sido oferecida feito um cavalo.



Certamente imaginando pegá-la desprevenida, Bryce deu mais um passo. Marianne meneou a cabeça.

— Não. Fique onde está. — Ele deu de ombros ao se afastar. — Então, em vez de pedirem resgate, esses imbecis decidiram me oferecer num jogo?

— Parece que queriam alguém menos importante que a irmã do conde de Faucon... Ficaram com medo de exigir um resgate.

Marianne mordeu o lábio. *E quem era a grande imbecil?*

— Eles descobriram isso graças a mim.

Bryce riu.

— Talvez tenha sido seu passo mais insensato.

— Discutível. — O rubor de vergonha por sua falta de decoro tê-la colocado naquela situação coloriu as faces de Marianne. Admitiu: — Tenho certeza de que andar pela aldeia à noite, sem uma escolta, deve ter sido meu passo mais insensato.

O leve assobio a surpreendeu. Imaginou que ele riria, faria pouco caso ou lhe daria um sermão. Ao contrário, ele apenas perguntou:

— Seus irmãos perderam o juízo?

— Não são culpados. Eu me aproveitei do tumulto na fortaleza para escapar despercebida.

Foi então que ele riu.

— Difícil de ser controlada, não é?

A pergunta, feita no tom que alguém usaria com alguém bem mais jovem que ela, feriu seu orgulho. Marianne ergueu ligeiramente o queixo antes de corrigi-lo:

— Não sou criança para ser controlada por minha família.

Bryce deixou o olhar vagar por seu corpo. Os olhos brilhavam e um pequeno sorriso brincava nos lábios quando fixou os olhos nos dela.

— Não, Marianne de Faucon, você não é criança.

O desejo que surgia nos olhos dele fez o coração de Marianne disparar no peito. Pelos céus, o que fizera?

O silêncio dominou a tenda. As paredes pareciam mais próximas, sufocando-a. Marianne umedeceu os lábios repentinamente secos. A rápida inspiração de Bryce ecoou no pequeno espaço.

Para surpresa e desalento de Marianne, seu corpo não reagiu com medo, mas com expectativa. Era aparente, ao menos para seu corpo, que aquele estranho louro e alto poderia preencher o anseio que a atormentava dia e noite nos últimos meses.

Quando saíra à procura de algo que saciasse sua frustração, era nisso que pensava... mas não dessa maneira.



Não como uma prisioneira que precisasse ser salva.

E definitivamente não como um prêmio oferecido num jogo de dados.

Queria recuar, afastar-se do desejo que exigia que se rendesse a ele. Precisava fugir antes que fizesse algo totalmente imprudente... como se atirar nos braços de Bryce.

Vozes no exterior da tenda a distraíram. Bryce se aproximou e Marianne instintivamente jogou o corpo contra ele, ao mesmo tempo em que erguia a mão direita, a faca estendida.

Bryce viu a faca e girou o corpo para que a lâmina passasse de raspão e não atingisse seu estômago.

Depois de derrubar a faca, puxou Marianne contra o peito, enrascando a mão no emaranhado de cabelos que lhe caíam pelas costas, ordenando enquanto colava os lábios nos dela:

— Lute comigo, sua tolinha.

Como permanecesse a fitá-lo chocada, Bryce desceu a mão até encontrar a maciez das nádegas, apertando-a rudemente contra sua virilha.

— Se quiser sair daqui inteira, lute comigo, Marianne.

Assim que ela começou a se contorcer em seus braços, Bryce girou para que Marianne pudesse ver o intruso dentro da tenda. Antes de afastar os lábios, sussurrou:

— Grite.

Bryce olhou por cima do ombro para o homem parado na entrada.

— Quer alguma coisa? — Ele curvou os lábios, na esperança de que o homem considerasse aquilo um rosnado e não um esgar de dor.

— Deixe-me — Marianne gritou. — Solte-me.

O homem riu.

— Nada, milorde. Só queria ter certeza de que estava aproveitando seu prêmio.

Marianne ficou espantada e se contorceu ainda mais. Bryce a apertou, rindo rudemente.

— Estava, até ser interrompido.

O homem inclinou a cabeça antes de sair.

— Perdoe-me, milorde. Eu o deixarei com seu divertimento.

— Divertimento? — Marianne gritou. — Rhys matará todos vocês!

Quando Bryce estava certo de que o homem tinha saído, soltou Marianne.

— Seu porco! — Ela acertou a mão no rosto dele.

Ignorando o ardor na face, Bryce agarrou o pulso dela.

— Tente isso novamente e se arrependerá.



— Eu? — A raiva tornava o rosto de Marianne vermelho. Abaixou-se e pegou novamente a facinha, apontando-a para ele. — Se me tocar novamente, eu o mato.

Quando refletira sobre as dificuldades em seu plano, Bryce não imaginara que ela lhe causaria problemas. Tão impetuosa e valente quanto os irmãos, Marianne de Faucon estava se tornando sua maior dificuldade... a menos que conseguisse tomar o controle da situação.

Bryce sacudiu o pulso de Marianne até ela largar a faca. A arma pequena, mas letal, caiu no chão. Tentou intimidá-la com o olhar. Cerrando os dentes por causa da dor na costela, disse:

— Da próxima vez que tentar me matar, sugiro que termine a tarefa.

— Ou o quê?

Sim, o que faria? Ele enrugou a testa ao puxá-la para si.

— Poderia beijá-la até a submissão. — Fez uma pausa, permitindo que o espanto nos olhos dela se transformasse em ultraje. — Talvez seja mais seguro para nós dois se eu amarrá-la.

— Não ousaria. — Marianne tentou recuar.

Uma das mangas do vestido estava em farrapos. Segurando-a com uma das mãos, Bryce rasgou o tecido, amarrando-lhe os punhos com um sorriso.

— Ousaria muito mais, mas isso bastará... por enquanto.

Marianne olhou para os punhos como se tentasse entender o que estava acontecendo. Torceu inutilmente as mãos, conseguindo apenas machucar a pele. Então tentou arrancar as tiras com os dentes. Novamente, seus esforços foram infrutíferos.

Por fim, ela baixou a cabeça e estendeu os braços.

— Por favor, milorde, não o atormentarei mais se soltar minhas mãos.

Bryce queria acreditar nela, mas suspeitava que Marianne estivesse mentindo. O som de passos apressou sua decisão. Tirando a adaga da bainha, cortou a tira.

— Só me pergunto o que essa estupidez vai me custar.

Assim que se viu livre, Marianne tentou empurrá-lo. Era confortante saber que suas suspeitas estavam corretas. Ela tentou novamente, acertando o ferimento com a base da mão. Bryce gemeu de dor.

Marianne recuou e o fitou por um instante antes de quase gritar:

— Oh, milorde, está sangrando.

— Nem posso imaginar o porquê. — O sarcasmo não era sua maneira habitual de lidar com comentários óbvios, mas nada estava acontecendo usual naquele dia.

— É onde eu o golpeei.



Ele engoliu a resposta. Ao invés de fazê-la parecer idiota, apontou para uma jarra.

— O que tem aí?

Marianne correu para pegar a jarra.

— É um vinho muito azedo, mas servirá. — Ela apanhou a faquinha do chão. Ouvindo o suspiro, Marianne assegurou: — É para cortar uma tira do meu vestido. —Aproximando-se, puxou a capa dos ombros de Bryce. — Dispa-se.

— Que convite tentador, *milady*. — Bryce lhe tomou a faca e a jarra das mãos. — Depois de você.

Capítulo Quatro

Marianne quase engasgou.

— Depois de mim? — Seu salvador estava começando a provar ser mais perigoso que seus captores.

Bryce meneou a cabeça.

— Perdoe-me. Isso foi injustificável. — Ele observou a entrada da tenda. — Por mais que aprecie sua gentileza em enfaixar o corte que me fez, não temos tempo a perder.

Olhando na mesma direção, Marianne viu que não havia ninguém na entrada.

— Parece não haver ninguém de tocaia. — Ela cortou uma tira do vestido, estendendo-a para ele. — Não vai demorar.

Bryce a agarrou pelo pulso, puxando-a para o fundo da tenda.

— Estão de vigia. Agora que disse que seu irmão os matará, não se arriscarão permitir que volte a Faucon. — Ele ergueu um lado da tenda. — Se quiser sair daqui viva, corra para a floresta. Estarei bem atrás de você.

Ela hesitou, sem saber se acreditava nele ou não. O som arrastado de passos próximo à tenda apressou sua decisão. Marianne se curvou pela abertura e disparou para a proteção oferecida pela densa floresta.

— Aqui, por aqui. — Bryce passou por ela, guiando-a para onde um cavalo esperava.

Ele a empurrou sem qualquer cerimônia para a sela.

— Segure-se. — Sem olhar duas vezes, puxou as rédeas e entrou ainda mais na floresta.

Marianne se agarrou à crina do animal com toda força, sentindo a exaustão de seu corpo. Não lembrava a última vez em que comera, bebera ou mesmo dormira por mais que algumas horas.



Quando Bryce diminuiu o passo para reconhecer os arredores, Marianne lambeu os lábios secos.

— Será que eu poderia beber alguma coisa?

Ele a fitou.

— Há um riacho perto daqui. Chegaremos lá em breve.

O clarão do sol surgiu entre a folhagem. A luz irrompeu no rosto bonito, criando um brilho incomum nos olhos de Bryce.

Marianne olhou para as profundezas daqueles olhos azuis. A combinação de raiva e medo havia nublado sua visão na tenda. Mas agora, sem necessidade de bravata, podia vê-lo claramente. E o que viu roubou seu fôlego e qualquer pensamento lógico de sua mente.

Os olhos tinham o tom da superfície congelada de um lago no inverno. Os cílios cinzentos constituíam uma moldura que tornava o olhar mais intenso, mais penetrante.

Ele não olhava apenas. Parecia perscrutar seu coração e sua alma. Naquele instante, Marianne percebeu o quanto devia estar parecendo desgrenhada, vulnerável e exausta.

— Eu... hã... está bem. — Na tentativa de dizer algo coerente, Marianne baixou o olhar. — Posso esperar. — Nunca na vida se sentira tão nervosa e inepta perto de um homem. E com o número de homens que iam e vinham de Faucon, já estivera perto de muitos. Queria que a terra se abrisse e a engolissem.

— Está bem? — A preocupação impregnava as palavras.

Céus, o homem logo a consideraria uma débil. Não que pudesse culpá-lo depois de sua resposta sem sentido. Mas um pouco de preocupação era o que ele merecia pela maneira com que a tratara na tenda.

Se respondesse agora, ele perceberia o divertimento em sua voz, por isso Marianne apenas assentiu. Quando Bryce voltou a puxar as rédeas, ela se esforçou para engolir a gargalhada.

Ele olhou por cima do ombro, estreitando os olhos.

— Divertindo-se?

— Um pouco. — Marianne deu de ombros. Tanto esforço para nada.

Bryce retomou a jornada em passo rápido. Era cruel deixar que ele pensasse que não estava bem.

— Não sou débil.

— Se é o que diz.

— Como disse?

Sem deixar de andar, ele respondeu:

— É interessante ver que alguém em sua posição considere isso divertido.

— Você disse que não representava perigo.



— E acreditou em um completo estranho? Não acha isso imprudente?

Antes que Bryce tivesse oportunidade de perceber o que ela pretendia, Marianne soltou a crina do cavalo, fez uma pequena oração a Deus e lançou-se da sela.

Caiu no chão com estrondo, ficando imediatamente de joelhos. Com o coração disparado, ergueu-se às tontas e colidiu com uma parede de músculos revestidos por uma cota de malha.

Antes que pudesse recuar, Bryce a agarrou pelos ombros.

— Esperava que fosse buscar liberdade, mas pensei que ao menos esperaria estarmos longe daqui.

Marianne não disse nada. Apenas se remexia, tentando se soltar.

Bryce tirou uma faca da bainha e a manteve entre eles. O estômago dela se contorceu de pavor. Não devia ter confiado nele. Morreria ali no meio do nada e sua família jamais saberia.

Apavorada, chutava-o enquanto tentava se livrar da mão de Bryce, que agora segurava apenas um de seus pulsos.

— Pare. — Ele a puxou com força, chocando o corpo dela contra o seu. — Deixe de estupidez.

Erguendo-lhe a mão, Bryce a fez segurar o punho da faca. Então se afastou e apontou para a floresta.

— Está livre para ir.

Mal Marianne se virou na direção sugerida, ele acrescentou:

— Esteja avisada, os homens que a capturaram estão bem atrás de nós.

Marianne congelou.

— Terá de fazer uma escolha. Ou fica vagando pela floresta ou volta para o cavalo se quiser sair daqui.

O som distante de vozes pôs fim ao embate mental. Marianne esqueceu a liberdade... momentaneamente... e voltou para o cavalo. Bryce a ajudou a subir na sela, agarrou as rédeas e desatou a correr, puxando o cavalo.

Marianne segurava a crina.

— Não poderá manter o ritmo

— Meu acampamento está bem perto.

— Talvez, mas não seria mais rápido... — Gritos interromperam seu argumento.

Marianne se virou na sela e viu quatro homens correndo na direção deles. Todos do grupo que a raptara. E todos erguiam espadas, prontos para lutar.

Seu salvador puxou a arma, avisando:

— Vá. Meus homens estão acampados mais adiante na primeira clareira.

— Não posso deixá-lo sozinho.



As sobrancelhas dele se ergueram, mas Bryce apenas lhe jogou as rédeas e deu um tapa na anca do cavalo. O animal disparou, quase a atirando da sela.

O esforço para controlar o animal drenou toda a força que ainda lhe restava. Rapidamente puxou as rédeas para que o cavalo virasse, reduziu o trote e voltou para onde Bryce enfrentava os outros homens.

Precisava admitir: ele lutava bem. Já tinha despachado um homem quando ela voltou à clareira. Num rompante, Marianne deslizou da sela e amarrou as rédeas do cavalo num pequeno tronco. Então se esgueirou atrás das árvores para pegar a arma do homem morto. Antes que alguém a visse, correu para o cavalo e montou com a ajuda de um tronco caído.

Dois homens atacavam Bryce. O terceiro agora corria em sua direção. Não parecia temê-la. Na verdade, parecia rir dela. Marianne testou o peso da espada. Malfeita, não tinha bom equilíbrio. Manteve a lâmina abaixada, paralela ao chão, apoiando o lado achatado em sua perna ao investir contra o homem.

Relutante à mera idéia de que uma mulher o pudesse ferir, o homem deixou o peito desprotegido, oferecendo o alvo perfeito.

Quando ela impulsionou a lâmina, não errou.

Teria achado graça da expressão surpresa no rosto do criminoso se não estivesse dominada pela ânsia de vômito. Marianne piscou para deter as lágrimas que ameaçavam turvar sua visão e incitou o cavalo até Bryce.

Com a espada ainda alojada no peito do homem que acabara de matar, só poderia atijar o cavalo contra os homens que restavam.

Escolhendo o que estava mais próximo, inclinou-se contra o cavalo. Carne e osso não serviram de proteção contra os cascos pesados do corcel.

Sua tática deu a Bryce a chance de despachar o último homem ainda de pé. Ele girou, atirou o criminoso no chão e pressionou a ponta da espada no pescoço dele.

O medo contraía os músculos do pescoço do sequestrador. Ele engoliu em seco, puxando a garganta para longe da ponta da arma.

Enquanto desmontava, Marianne ouviu Bryce perguntar:

— Por que entrar em batalha com um cavaleiro sem usar armadura?

Marianne se aproximou e considerou a pergunta válida, uma vez que seu sequestrador vestia apenas uma couraça. Era pesada e acolchoada, mas não oferecia garantia contra a investida de uma espada.

— Pensamos que a sorte estava a nosso favor.

Bryce deu um passo para trás e ordenou:

— Levante-se. — Quando o outro obedeceu, ele derrubou-lhe a espada da mão. — Diga a seu mestre que o jogo terminou. Deixem Marianne de Faucon em



paz. — Ajustou a espada na garganta do homem, enfatizando: — Não será tão afortunado da próxima vez.

Quando baixou a arma, o homem saiu em disparada. Mas foi Bryce quem prendeu a atenção de Marianne.

O suor lhe cobria o rosto. O cabelo comprido, úmido pelo esforço, enroscava-se no pescoço. Os olhos azuis brilhavam de fúria.

Um calor correu por suas veias. O coração ficou descompassado. Marianne engoliu em seco e conteve um sorriso.

As vestimentas, a cota e as armas dele eram de excelente qualidade, então, aparentemente, Bryce possuía riqueza considerável. E tinha acabado de vê-lo lutar para saber que era forte e bravo o suficiente. Mesmo que sua bela aparência fizesse o coração dela palpitar, Bryce parecia não notar, portanto não era vaidoso. Seu modo de falar era refinado, e poderia ser considerado inteligente.

Ainda havia muitas perguntas não-respondidas, então não sabia se podia confiar completamente em Bryce. Mas não podia negar a verdade que seu corpo bradava: esse era o homem.

Rhys não seria capaz de encontrar nada de errado nele. E se encontrasse... bem, teria de convencê-lo. Seria fácil pedir a ajuda de suas cunhadas.

O maior obstáculo seria o próprio Bryce. Como convencê-lo de que uma união entre eles seria vantajosa? Parecia honrado, um homem de palavra... Outro sorriso surgiu nos lábios de Marianne.

Ele não ameaçara beijá-la até a submissão?

Bryce se voltou para a trilha, encolhendo-se. Preocupada com o ferimento que causara, Marianne lhe tocou o braço.

— Está com mais algum ferimento?

Bryce não pôde evitar. Riu, incapaz de acreditar. A mulher desobedecera sua ordem. Mesmo assim perguntava sobre *seu* bem-estar? Devia estar preocupada com o *dela*. Será que matar um homem a deixara em estado de choque?

— Eu disse para se juntar aos meus homens.

— Eu sei, mas você estava em desvantagem.

— Eram paspalhos inexperientes. Eu não corria perigo.

— Como pode ter certeza? Eu só quis ajudar.

Oh, sim, era confortante saber que aquela mulher, praticamente uma menina, pensava que ele precisava da ajuda dela numa luta.

— Seus irmãos podem precisar de sua ajuda, mas eu não.

Quando Marianne parou de rir, disse:

— Meus irmãos não precisam da ajuda de ninguém.



Aquilo o enfureceu. E imaginar que tinha se sentido culpado por usá-la em sua vingança.

Tinha conseguido o título e as terras por sua habilidade no campo de batalha. Tinha se tornado um dos homens de confiança de Matilda apenas usando sua espada. Por mais que quisesse jogar o fato na cara daquela mulher, mordeu a língua, sentindo o gosto do próprio sangue.

Contar isso só destruiria seus planos.

Não podia prolongar aquela discussão. Do contrário, perderia a pouca paciência que ainda lhe restava.

— Suba no cavalo.

— Você está zangado.

Marianne era excelente em constatar o óbvio.

— Eu ficaria preocupado com qualquer homem que *não* ficasse zangado.

— Não entendo. Por quê?

Bryce sentiu o exato momento em que seu último fio de paciência se esvaiu.

— *Por quê?! —* Para evitar que as mãos fizessem algo de que se arrependesse, apertou o punho da espada até sentir os nós dos dedos prestes a quebrar. — Preciso de ajuda tanto quanto seus irmãos. Não vivi esse tempo todo sem saber como me defender.

— Mas...

— *Basta!* — Bryce ergueu a mão. A expressão assustada de Marianne fez com que percebesse que o punho continuava cerrado. Abrindo a mão, disse: — Não. Não diga nada. Sou homem, conheço e entendo minhas obrigações. E as cumpro bem. Você, no entanto, é uma mulher, e é obvio que não conhece as suas. Então, deixe-me explicar exatamente o que eu quero que faça.

Ela cruzou os braços.

— Oh, tenha a gentileza.

Bryce ignorou o sarcasmo.

— Fará o que for ordenado, sem questionar. Quando surgir perigo, irá procurar um lugar seguro e ficar lá até eu dizer o contrário.

— E, é claro, também irá me avisar quando devo comer, beber e dormir, certo?

Não foi a pergunta que o irritou ainda mais, mas o tom doce e o sorriso falso.

Bryce puxou as rédeas do cavalo. Pegou Marianne e praticamente a atirou na sela.

— Logo estaremos no acampamento. Chegando lá, fique de boca fechada.

— E se eu não quiser?



O que ela pretendia? Os irmãos lhe davam mesmo tanta liberdade? Será que nunca lhe controlaram a língua ou os modos?

Não era surpresa que Marianne de Faucon ainda fosse solteira. Que homem em seu juízo perfeito desejaria esposa tão teimosa?

Fechou os olhos e respirou fundo, rezando para que tivesse forças para lidar com aquela mulher.

Como se emergindo de uma neblina, escutou novamente a risada dela. Era estranho que soasse tão cálida e suave a seu ouvido.

— Não me respondeu, Ashforde. O que fará se eu me recusar a obedecer suas ordens?

Bryce abriu os olhos e a viu inclinada junto a ele, sorrindo como se não tivesse qualquer preocupação no mundo. Talvez já fosse a hora de Marianne descobrir que seus irmãos não podiam protegê-la para sempre.

Antes que ela pudesse impedi-lo, Bryce a puxou do cavalo. Lutou para ignorar o sangue correndo quente nas veias. Fingiu não ouvir as batidas rápidas do coração. Com o que esperava ser seu olhar mais autoritário, encarou Marianne. O brilho nos olhos dela e o sorriso nos lábios entreabertos foram as primeiras pistas de que havia cometido um grave erro.

Marianne deslizou os dedos pelo cabelo de Bryce, trazendo-lhe gentilmente a cabeça para perto.

— Isso demorou, milorde. — Ela roçou os lábios nos dele. — O que mais preciso fazer para que me beije até a submissão?

Bryce fechou os olhos e gemeu. Céus! A irmã de seu inimigo queria seduzi-lo!

E, pior! Ele estava gostando da idéia.

Capítulo Cinco

Marianne desviou o olhar. Cometera um engano com lua ousadia?

O gemido e a expressão severa falavam do horror de Bryce pela atitude dela. Mas quando tentou se afastar, ele impediu.

— Perdoe minha ousadia, milorde. Deixe-me ir.

Bryce baixou a cabeça, roçando os lábios nos dela.

— Deixá-la ir? Pensei que queria ser beijada até a submissão.

— Sim... digo, não. — Naquele momento, ela queria Correr. — Por favor, não costume falar inadvertidamente. Não queria soar tão atrevida.

Uma risada foi a resposta. Antes que Marianne pudesse dizer algo, Bryce lhe tomou o rosto com as mãos. Não fez nada além de fitá-la. Um olhar



penetrante que manteve enraizada ao chão. A mão em seu rosto parecia queimar sua carne. Longe de feri-la, o toque a fazia querer mais daquele calor.

Uma parte selvagem e incontrolável de seu ser imaginava como seria sentir os lábios de Bryce nos dela, mas a auto-preservação alertava que não era hora nem lugar para descobrir isso. A precaução a incitava a ser racional, a pensar em sua segurança e não em seus desejos.

Antes que aquele olhar entorpecedor pudesse lhe lançar algum feitiço, Marianne o empurrou com força.

— Pelo amor de Deus, deixe-me ir.

Ele ainda a deteve por um instante, um sorriso estranho nos lábios.

— Não precisa ter medo de mim.

— Ter medo de você? — Sem pensar, ela admitiu: — Tenho mais medo de mim mesma.

Bryce se afastou, olhando para o morto no chão.

— E com razão... — Falava mais para si mesmo, portanto Marianne ficou em silêncio.

A última coisa que desejava era repetir a discussão que a levava a cometer tamanha imprudência.

— Vamos. — Bryce agarrou as rédeas do cavalo e a ajudou a montar. — Meu acampamento está perto.

Os homens de Bryce estavam, de fato, acampados perto dali. Mas Marianne não podia realmente chamar aquilo de acampamento. Não passava de uma clareira com meia dúzia de homens reunidos ao redor de uma fogueira. Os cavalos estavam amarrados em arbustos próximos. Uma tenda fora erguida perto das árvores.

Mas, naquele instante, a cena lhe parecia maravilhosa.

Marianne desceu da sela sem saber o que fazer primeiro: dormir, matar a sede ou encher o estômago com a carne que assava na fogueira.

O homem de aparência mais primitiva que já vira na vida ergueu-se de seu lugar junto à fogueira e se aproximou, colocando um fim em qualquer desejo de dormir, beber ou comer. Marianne instintivamente colocou-se atrás de Bryce.

Uma cicatriz riscava um dos lados do rosto do homem, conferindo-lhe um permanente sorriso de desdém. As médias brancas e prateadas nos longos cabelos castanhos lhe davam um ar de animal selvagem.

— Jared! — Bryce logo se aproximou, encontrando o homem no meio da clareira, segurando-lhe os braços à guisa de cumprimento. — Quando chegou?

— Enquanto você jogava. — O homem indicou Marianne com a cabeça. — Vejo que ganhou.



— Isso é discutível — Bryce murmurou antes de acenar para que ela se aproximasse. — Marianne de Faucon, esse cão desganhado é Jared de Warehaven.

O Dragão? Parecia mais um lobo. Marianne olhou de Warehaven para Bryce sem saber o que pensar ou dizer. Segundo sabia, Warehaven era inimigo de seus irmãos. Então, o que pensar de Bryce?

Jared, no entanto, curvou-se ligeiramente antes de fixar os olhos verdes nela.

— Seu irmão Darius é velho conhecido meu. Um homem interessante.

O timbre áspero na voz profunda era intrigante. Agradável aos ouvidos, era um convite para escutá-lo falar. Marianne piscou. Obviamente cansada demais para pensar coerentemente, apenas concordou:

— Sim, ele é. — Então tocou o braço de Bryce. — Ficaremos no acampamento esta noite?

— Sim. — Ele acenou para dois homens antes de continuar: — A tenda é para seu uso, e há um riacho ali perto. Sir John e Eustace a vigiarão.

Marianne hesitou. O homem mais velho, de cabelos brancos, parecia tão firme quanto um gigantesco carvalho, enquanto o mais jovem, de rosto avermelhado, parecia gostar muito de beber.

Todos, ali eram estranhos. Não sabia se eram amigos ou inimigos.

Marianne olhou para os cavalos. Nenhum deles estava selado. Mesmo o de Bryce estava sendo escovado por um de seus homens. Poderia cavalgar em um palafrém sem sela, mas não saberia controlar um corcel sem o equipamento próprio.

— Tire esse pensamento da cabeça, *milady*. — Bryce a encarava com seriedade.

Como ele sabia o que lhe passava na mente? Depois de fechar os olhos e respirar fundo, Marianne o fitou.

— Não estava pensando em nada. Só...

Quando ela não soube como continuar, Bryce improvisou:

— Só se perguntava a melhor maneira de fugir.

— Então sou uma prisioneira?

— Você é meu prêmio... conquistado num lance de dados. — As palavras suavemente ditas lhe causaram nova onda de medo. — Você está sob meus cuidados. Até ser devolvida aos seus irmãos, cuidarei de sua segurança, gostando você ou não.

— Sei cuidar da minha própria segurança.

— Sem dinheiro ou arma, como terá segurança? — Bryce se aproximou, baixando a cabeça. — Sua roupa está rasgada. Você está descabelada. O que



outros viajantes imaginarão ao vê-la? — Ele ergueu as sobrancelhas. — Pensarão estar diante de uma dama?

Para seu desapontamento, Marianne concluiu que Bryce estava certo.

— Então sou obrigada a ficar sob sua proteção? Uma prisioneira por necessidade?

— Diz isso porque está cansada. Uma refeição decente e uma boa noite de sono a farão perceber a situação de maneira diferente.

A presunção de Bryce a irritava. Achava que ela era idiota? Já a havia chamado de prêmio mais de uma vez. Ordenara que os homens a vigiassem. Não proteger, mas vigiar. Mesmo estando furiosa, sabia que era melhor guardar suas opiniões para si mesma. Ao invés de discutir, assentiu.

— Talvez tenha razão.

Bryce se afastou com um sorriso.

— Meus homens a levarão ao riacho, depois a trarão para a tenda.

Marianne cruzou os braços e assentiu. Bryce suspirou, meneando a cabeça.

— Preciso conversar com Jared. Quando eu terminar, levarei algo de comer.

Bryce observou o trio se afastando para o riacho e imaginou por um instante se teria cometido um erro ao não alertar seus homens para que fossem cuidadosos. Mas Marianne estava desarmada, seus passos eram lentos, os movimentos rígidos. Se tentasse fugir, duvidava que tivesse sucesso.

Depois que Marianne havia deixado o acampamento, Bryce se sentou em um tronco caído.

Jared se juntou a ele, perguntando:

— Foi sensato mandar apenas dois homens?

Bryce deu de ombros.

— Se ela tentar qualquer tolice, será apenas uma mulher Cansada contra dois homens.

Ao invés de responder, Jared grunhiu. Ruído que, desde a infância, fazia os dentes de Bryce rangerem.

— Espero que sua caçada não tenha sido muito extenuante.

Jared admitiu:

— Algumas moedas bastaram para descobrir a direção dos sequestradores. Só segui a estrada até encontrar os homens.

— Presumo que tenha vindo aqui por outra razão que não fosse grunhir para mim.

— Curiosidade. Queria saber se tinha conseguido o prêmio que procurava. Aliás, gostaria de ficar em minha toca enquanto reconstrói sua fortaleza?



A toca de Jared, como chamava seu lar desde que fora denominado O Dragão, era uma fortificação de pedra na ilha de Wight.

— Não, obrigado. Estou a um dia de Ashforde. Quero ver o progresso das construções e verificar se há mantimentos suficientes para o inverno. Então levarei Marianne para os irmãos.

Jared esticou as pernas e cutucou Bryce.

— Então, me fale de sua dama.

Bryce não sabia por onde começar. Marianne de Faucon era diferente de qualquer mulher que conhecera. O pouco tempo na companhia dela revelara que lhe traria mais problemas que o imaginado.

— Além do fato de saber usar uma arma, não há muito a dizer. — Percebendo o olhar questionador de Jared, Bryce tentou se explicar: — Ela me apunhalou, mas não foi nada grave.

Como o amigo continuasse em silêncio, Bryce prosseguiu:

— Ela é velha demais para estar solteira ainda. Mas é muito jovem, muito inexperiente quanto aos homens fora de sua família. — Deu de ombros. — Uma tarefa que será bem interessante ao homem certo, isso se ele conseguir sobreviver aos irmãos dela. Claro, o maior problema de todos seria a própria Marianne.

O olhar do amigo era tão estranho que Bryce acrescentou:

— Ela é teimosa, franca, ousada e curiosa. Uma combinação tão intrigante quanto irritante.

Depois de breve silêncio, Jared comentou:

— Céus, homem! — A ruidosa gargalhada parecia sacudir as árvores próximas. — Sua explicação foi esclarecedora, mas estava perguntando sobre Cecily de Glynnson... sua futura esposa.

Bryce lamentou-se silenciosamente pela estupidez.

— Lady Cecily está bem.

— Mas é óbvio que não é tão memorável quanto Marianne de Faucon.

Ninguém seria tão memorável quanto a irmã de Faucon.

— Cecily é uma dama em cada sentido da palavra. — Isso era verdade. Ela fora criada para a posição de esposa. Não havia dúvida de que cuidaria facilmente das questões domésticas de uma casa. Desconsiderando os queixumes, as reclamações e o mau humor, Cecily conhecia seu lugar.

— Não sei se gostaria deste tipo de dama como esposa. — Jared lhe lançou um olhar de desafio. — Será que uma mulher ousada e curiosa não seria mais... agradável... que uma que conhece o próprio lugar?

— Agradável? — Às vezes era útil fingir-se de tolo. — Acho que ter uma esposa capaz de cuidar do dia-a-dia da minha fortaleza seria bem agradável.



— Isso se você tivesse uma fortaleza! — Jared bufou.

— Talvez *agradável* não tenha sido a palavra certa, mas sabe muito bem que não estava me referindo às tarefas domésticas.

— Sim. — Não era como se Bryce não tivesse imaginado o mesmo: será que a criação rigorosa de Lady Cecily a permitiria demonstrar paixão ou desejo?

Não tinha pensado nisso até o momento. Eles não tinham ficado a sós por nenhum instante. Mas parte disso era culpa dele. Depois de testemunhar os gritos dirigidos à criada que derramara uma gota de vinho na toalha da mesa, ele evitava ficar sozinho com Cecily.

Apesar disso, sua educação e seu autocontrole beiravam o tédio. Nunca olhara para ele com desejo ou demonstrara qualquer sinal de interesse.

Não da maneira que Marianne de Faucon fizera. O pulso de Bryce acelerou. Mesmo que não tivesse se deitado com tantas mulheres, tinha experiência suficiente para reconhecer o que vira nos olhos dela. Jared meneou a cabeça.

— É óbvio que a Faucon já lhe lançou seus encantos. Já assinou o acordo de casamento?

— Não. Mas irei. Em breve.

Jared revirou os olhos.

— Melhor tomar uma decisão antes de se prender a Glynnson.

— A irmã de Faucon é mero instrumento da minha vingança. Não tem qualquer influência no meu compromisso com Cecily. — Bryce deu de ombros. — Mesmo que tivesse, a imperatriz jamais me permitiria desfazer esse acordo.

Jared se levantou.

— Com a quantidade certa de ouro, a imperatriz estaria caçando outro marido para Lady Cecily antes mesmo que seu noivado não-firmado fosse esquecido.

— E o que me diz da dama em questão? Ela não merece receber mais consideração de seu futuro marido?

— E você? Quer vingança melhor que roubar o coração e a lealdade da irmã de Faucon?

— É apenas uma menina inexperiente.

— Menina? — Outro grunhido irritante pontuou a pergunta de Jared. — Ficou cego? É claro que não é uma menininha. Inexperiente talvez, mas é uma garota crescida. A menos que ela deseje dedicar a vida à Igreja, logo deixará a família quando encontrar um marido. Por que não ser esse homem?

— Eu... — Havia inúmeras razões para não ser tal homem. A mais óbvia de todas lhe veio à mente. — Quando descobrir quem sou e o que planejo, ela me matará.

— Não se o coração dela já lhe pertencer.



Quanto mais pensava, mais a idéia fazia sentido. Poderia obter sua vingança da melhor maneira possível. Mas a honra o alertava para o perigo.

— Não precisa tomar uma decisão agora — Jared comentou baixinho. — Mas pense nisso, Bryce. Pense nessa mulher compartilhando sua vida e sua cama. Pense no quão furioso ficaria o homem que destruiu sua fortaleza e suas terras.

Um alvoroço na floresta chamou a atenção de ambos. Bryce se levantou em alerta, puxando a espada. Então viu Marianne surgir correndo da floresta e entrar na tenda.

Jared riu.

— Vejo o quanto estava bem vigiada. — Afastou-se, dizendo: — Vou me juntar aos outros na fogueira e deixá-lo com seu *prêmio*.

O que Marianne tinha feito com os guardas? Bryce rumava para a tenda quando Sir John irrompeu da floresta.

— Lorde Ashforde! — John correu até ele, gritando. Eustace o seguia. Sir John tinha um ar espantado. Eustace estava visivelmente envergonhado. Ambos estavam encharcados.

Bryce gemeu. Sabia o que lhe diriam. De alguma maneira, Marianne conseguira atirar os dois na água fria. Era culpa sua. Devia ter cuidado dela pessoalmente.

— Milorde, eu...

Bryce interrompeu a explicação de Sir John.

— Cuidarei do assunto. Melhor irem se secar junto ao fogo.

Capítulo Seis

Marianne acordou, sobressaltada. Algo a despertara. Não acreditava ter dormido, não enquanto esperava por Bryce. Tinha corrido para a tenda, esperando que ele fosse aparecer exigindo explicações sobre o que acontecera no riacho.

Lembrava apenas de ter se deitado para esperar pela fúria de Bryce.

Fazendo o mínimo de barulho possível, ela vasculhou a cama feita de cobertores dobrados até encontrar a pedra trazida do riacho. Não era uma arma, mas serviria para deixar um homem desmaiado se usada com força.

— O que está procurando?

— Nada. — Marianne relaxou os dedos, mas deixou a pedra escondida ao seu lado. — Só estava me espreguiçando. Esse catre é o mais desconfortável no qual já dormi.

— Tentei não acordá-la. — Bryce riu enquanto se aproximava.



— Pensei que viria mais cedo para falar sobre seus homens. Eles voltaram para o acampamento?

Bryce ignorou a pergunta.

— Estive aqui mais cedo. Mas você não teria ouvido qualquer coisa além dos roncos de seu estômago. Está com fome.

Sim, estava com fome. A presunção de Bryce a irritava, mas, mesmo que quisesse discutir, pensar em comida a fazia esquecer das perguntas e reclamações. Algo caiu no chão, fazendo com que Bryce praguejasse.

— Espere. Vou ver se consigo um pouco de luz.

Quando ele saiu, Marianne vasculhou e encontrou uma pequena trouxa. Não tinha comido no dia anterior. E mal tocara na comida que seus captores lhe ofereceram naquela manhã. Os dedos tremiam ao desembulhar o conteúdo gorduroso.

Marianne mordeu um pedaço e suspirou. A carne fria, dura e sem tempero era digna de um banquete.

Bryce voltou e prendeu uma das abas da tenda.

— A tenda é muito pequena para que se faça uma fogueira aqui dentro e não temos nenhum braseiro. Coloquei uma tocha perto da entrada, mas se quiser podemos sentar junto ao fogo.

Enquanto mastigava, ela murmurou:

— Não. Assim está bom. — Podia ver a fogueira dali da entrada. O brilho do fogo e das tochas espalhadas pela clareira fornecia luz suficiente para que visse os contornos de Bryce dentro da tenda.

Quando ele sentou ao lado dela, a luz lhe dançou sobre o rosto. Sim, por mais que quisesse esconder, Marianne podia ver a raiva na expressão dele.

Bryce apontou para a trouxa.

— Vejo que encontrou o que chamamos de comida.

— Está maravilhosa. — Ela ergueu a trouxa para ele. — Quer um pedaço?

— Não. Já comi da comida de meus homens antes.

— Está vivo, então não deve ser tão ruim.

— Verdade. — Bryce ergueu um odre. — Mas atribuo esse milagre ao vinho.

Marianne engoliu o último pedaço antes de pegar o odre.

— Para o caso de estar correto. — Quase engasgando com o líquido amargo, apressou-se em devolver o frasco.

Os dedos de Bryce tocaram os dela. O leve contato a lembrou do quão vulnerável estava na companhia daqueles homens estranhos.

Bryce não era um de seus irmãos. Nem queria que ele fosse.

Para seu profundo desgosto, ela o queria como uma mulher quer um homem. Talvez mesmo como marido. Mas primeiro precisava descobrir mais sobre ele:



quem era, de onde vinha, por que a tratava feito uma prisioneira e, acima de tudo, por que seu nome lhe parecia familiar.

Contudo, sem nenhuma razão aparente, sentia-se acanhada. A presença dele a deixava desconfortável, alerta... mais consciente de coisas que normalmente não notaria.

Coisas como sua pulsação acelerada, a respiração pesada, o anseio inexplicável em seu peito, a maneira como a brisa fria tocava suas faces quentes. Bryce a tocou no ombro.

— Está satisfeita?

— Sim. — Ficou quieta, esperando pelo sermão.

— Respondendo sua pergunta, sim, meus homens voltaram para o acampamento.

Não teve de esperar muito. Mas estava surpresa. Esperava que ele esbravejasse ou gritasse, mas Bryce mantinha a voz baixa e agradável. Era como se falasse com uma amante, um sussurro rouco que a acariciava, incutindo, -lhe uma sensação de segurança que não podia ignorar.

Bryce deslizou os dedos pelo rosto dela. O toque gentil deixava uma trilha ardente na pele. Marianne recuou do gesto perturbador.

— Não tente me adular como se eu fosse seu cão de caça favorito.

— Não se parece com um cão de caça.

— Não. Sou o *prêmio* que ganhou nos dados. Uma prisioneira que além de lhe cortar a carne, desobedeceu a suas ordens e humilhou seus homens.

— Está errada novamente. — Bryce a puxou para perto e sussurrou-lhe ao ouvido: — É uma mulher desejável que pretendo conhecer melhor.

— Não acredito em você. Só quer me humilhar. Fazer Com que eu pague pela humilhação de seus homens de uma maneira que só as mulheres podem.

Bryce afastou a mão e ficou olhando fixamente para ela. A confusão no rosto dele fez com que Marianne pensasse se não o teria julgado injustamente.

Bryce desviou o olhar. O que a fazia pensar tal coisa dele? Mesmo que decidisse seguir a sugestão de Jared, procederia devagar, com cuidado. Sim, estava zangado com ela, mas violentar Marianne de Faucon não a faria lhe entregar o coração. Na verdade, além de deixá-lo enojado, cometer tal ato certamente provocaria sua morte. Não havia dúvida de que enfrentar três Faucon decididos a defender a honra da irmã seria uma forma rápida e indolor de morrer.

Meneou a cabeça.

— De onde tirou essa idéia?

— Você me mantém prisioneira.

— Não mesmo.



— Mas mandou seus guardas me conduzirem até o riacho...

— Será que preciso lembrá-la que uma floresta é lar para salteadores? — Marianne ao menos teve a decência de se mostrar envergonhada.

Sendo honesto consigo mesmo, Bryce tinha achado engraçado que dois dos homens da imperatriz tivessem sido enganados por uma mulher. Travando o queixo para conter o sorriso, perguntou:

— Como conseguiu jogar os dois na água?

Não acreditou quando Marianne bufou com ar de divertimento.

— Não foi difícil notar que o mais novo está mais interessado na bebida que em suas obrigações.

— E achou isso engraçado?

Marianne ergueu o rosto para ele.

— Engraçado? Não. Achei estranho haver um bêbado entre seus homens. Creio que não o estão servindo com muita competência.

Poucos meses atrás ele não passava de um mercenário, exercendo seu ofício para a imperatriz Matilda. Fora acaso ser o que estava mais próximo para salvá-la da flecha que lhe fora endereçada quando caçava. Um feito que lhe rendera um título e uma pequena fortaleza. Ashforde, agora uma pilha de cinzas espalhadas pelos ventos de outono, era o primeiro bem propriamente seu.

Como poderia explicar a Marianne que aqueles homens pertenciam à imperatriz? Não tivera ainda a oportunidade de substituí-los por soldados de sua própria escolha. Por isso era imperativo localizar os homens restantes. Precisava devolvê-los ao verdadeiro suserano.

— Não sou um poderoso Faucon, com recursos aparentemente ilimitados. — Agarrou-se a uma meia-verdade. — Talvez esses homens pareçam não me servir devidamente, mas as circunstâncias têm sido terríveis nos últimos tempos.

— Isso não é desculpa. Merece ser melhor servido.

— Preocupe-se com o que lhe diz respeito. Vejo que conseguiu ludibriar Sir John, mas não teve ter sido fácil fazer o mesmo com Eustace.

— Na verdade, foi. — Ela deu de ombros. — Quando ele se inclinou para ajudar Sir John, eu o chutei para dentro do riacho.

Por alguma estranha razão, Bryce queria rir. Mas isso só a encorajaria. Então engoliu a risada, cerrou os dentes e declarou:

— Deveria ser chicoteada por agir feito uma criança teimosa.

— Chicoteada? — Com olhos arregalados, Marianne se afastou. — E quem seria... tolo suficiente para tentar?

A hesitação deixou evidente que Marianne tencionava perguntar quem seria "homem" suficiente para tentar. Ao menos fora inteligente de não desafiar



ainda mais sua paciência. Mas a expressão assustada fazia com que Bryce lamentasse a péssima escolha de palavras.

— Marianne, ainda se arrependerá por ser tão imprudente.

Ela se ergueu e começou a andar pela pequena tenda.

— Não é imprudência querer liberdade.

Bryce se levantou também.

— Não se faça de tola, Marianne. Não é uma prisioneira. Pretendo devolvê-la a Faucon, completamente ilesa. Mas você parece ter o hábito de correr riscos desnecessários.

Ela desviou o rosto do brilho faminto nos olhos dele.

— Só corro riscos quando necessário.

— Então desobedecer minhas ordens e atacar meus homens foi algo realmente necessário?

— Eu nunca desobedeci... — Ela ficou calada, lembrando que ele a mandara seguir para o acampamento quando tinham sido atacados na floresta.

— Que bom que lembrou. — Marianne mordeu o lábio. — Não tem nada a dizer em sua defesa? — Ela meneou a cabeça. — Então concorda que correu riscos desnecessários?

Uma estranha tontura se apossou de Marianne, fazendo-a se apoiar nos ombros dele.

Os braços de Bryce a envolveram, mantendo-a firme no lugar.

— Prometa que não se arriscará novamente até estar em Faucon.

Ela engoliu em seco. Era uma promessa que não poderia fazer. Não quando o maior risco contra sua segurança a tinha junto ao peito.

— Olhe para mim, Marianne.

— Não posso. — Se fizesse isso, se perderia nos olhos de Bryce. Concordaria com tudo o que ele dissesse... ou sugerisse.

Bryce lhe tocou o pescoço com os lábios, deixando uma trilha de beijos até os ombros.

Marianne foi incapaz de conter um gemido.

O som encorajou Bryce, fazendo com que erguesse o rosto dela. Marianne fechou os olhos contra o turbilhão de emoções e sentimentos que nublavam seu juízo.

Ele lhe beijou o canto da boca, então sussurrou:

— Só um beijo, Marianne, nada mais. Não a machucarei.

Ela não tinha medo dele. Bryce já tinha deixado bem claro que, mesmo zangado, não lhe faria nenhum mal. Não, sua preocupação era o beijo em si. E se um não bastasse para saciar seu fogo? E se um a fizesse desejar mais?



Marianne suspirou, entreabrindo os lábios. Sentiu o calor do hálito dele, então se preparou para...

— Bryce! — O grito de Warehaven quebrou o encanto que agia sobre ela. Abriu os olhos e se afastou de Bryce.

Bryce se levantou num salto, desembainhou a espada e puxou Marianne.

Seguiu para a entrada da tenda, ordenando por cima do ombro:

— Não faça nada insensato. Fique atrás de mim. — Já que não sabia o que encontraria lá fora, nem tinha idéia do que ela poderia fazer, decidiu segurá-la pelo pulso.

Olhando pela aba ainda aberta, podia ver o campo de batalha no qual o acampamento se transformara. Pelo menos dez homens montados atacavam seu grupo. Incapaz de controlar os cavalos em área tão pequena, a maior parte dos inimigos tinha desmontado para lutar. Não havia como saber se outros se escondiam entre as árvores.

Jared lutava junto aos homens próximos à tenda. Por mais que Bryce quisesse ajudar na luta, sua prioridade era clara. Apertou o punho da espada e o de Marianne.

— Fique perto.

Os intrusos não formavam um grupo de ladrões procurando por ouro. Estavam bem armados, cavaleiros que provavelmente procuravam um prêmio: Marianne de Faucon.

Apesar da balbúrdia dos gritos e do retinir de espadas se chocando, ele disse:

— Assim que deixarmos a tenda, virão nos atacar. Jared e meus homens nos protegerão enquanto puderem. Precisamos fugir depressa.

Quando Jared ficou numa distância razoável, Bryce imitou o grunhido do amigo, sinal de que estava para sair. Jared assentiu quase que imperceptivelmente antes de forçar seu oponente para longe da tenda.

Bryce saiu, puxando Marianne, e disparou para a floresta. Sem ter escolha, Marianne acompanhava-lhe o passo. A noite sem lua os favoreceria.

Incapaz de ver qualquer coisa no escuro, Bryce abria caminho com a espada. Lentamente se afastavam do acampamento e dos ruídos da batalha. Marianne gemeu, o que fez Bryce parar.

— Está bem? — O sussurro parecia ecoar entre as árvores.

— Torci meu pé naquele último tronco.

— Consegue andar?

— Não é o que tenho feito?

— Marianne. — Ele respirou fundo para acalmar a voz. — Não comece a discutir comigo.



— Não estou discutindo. Quando eu estiver, tenho certeza de que saberá.

Bryce respirou fundo para acalmar os nervos. Segurou o rosto dela, tentando acalmá-la.

— Ficaremos bem.

— Não se ficarmos aqui parados.

No escuro, Marianne não podia ver seu sorriso. Já sabia que ela não era uma donzela afetada, pronta para desmaiar a qualquer sinal de ameaça. Mas agora percebia que ela usava a raiva para lidar com o perigo.

— Então vamos continuar. — Ele segurou a mão dela.

— Está rindo de mim?

Marianne não fazia idéia do quanto ele queria fazer justamente isso.

— Não, *milady*, só concluí que enfrenta o perigo com raiva ao invés de medo.

Ela suspirou.

— Sentirei medo depois... quando estiver em segurança.

Bryce não esqueceria daquele pequeno sussurro. Estaria lá para tranquilizá-la quando o *depois* chegasse.

Capítulo Sete

Bryce seguiu o riacho, mantendo o ruído das águas sempre à direita.

Usando a espada, esforçava-se para abrir uma trilha. Quando atingiu uma rocha, vasculhou para ver se não havia animais escondidos por ali.

Pelo que pôde distinguir, tinha descoberto um pequeno rochedo cuja saliência formava uma espécie de caverna que poderia servir de abrigo para a noite.

Soltou a mão de Marianne.

— Fique aqui. Não se mova.

Ela se agarrou à manga da túnica dele.

— Aonde você vai?

— Acho que encontrei um abrigo. Quero ver se é seguro.

Bryce se ajoelhou e engatinhou pela pretensa caverna. Depois de afastar pedras e galhos secos, chamou por Marianne:

— Abaixar-se e siga em frente, engatinhando.

Ela obedeceu e sentou-se ao lado dele.

— Tem certeza de que não é a toca de nenhum animal?



— Não, não tenho certeza. Mas não notei nada que parecesse um ninho, então provavelmente estamos a salvo.

— Provavelmente? Que tranquilizador. — Sua voz estava trêmula. Marianne devia estar muito cansada.

— Chega de conversa. Descanse.

Marianne não discutiu. Teria de fazer muito esforço para que os dentes parassem de bater. Não lembrava ter sentido tanto frio antes. O ar da noite estava úmido pela promessa iminente do inverno. E o vestido rasgado pouco a protegia do frio.

Bryce a puxou para perto, então começou a esfregar-lhe vigorosamente os braços.

— Você está congelando.

Incapaz de responder por causa dos dentes batendo, Marianne cruzou os braços e apertou-se nele para aproveitar o calor oferecido. Bryce vestia uma cota por baixo da túnica de lã. Os elos de metal não deixavam muito calor passar.

Ele tirou a túnica e a ofereceu a Marianne.

— Não é muito, mas vista.

Uma vez vestida com a túnica tão comprida quanto um vestido, Marianne encolheu as pernas para que ambos pudessem compartilhar do abrigo.

Bryce a puxou novamente, mantendo os braços ao redor dela.

— Tente dormir um pouco.

Marianne pousou a cabeça no peito dele. Bryce lhe dizia para dormir. Mas agora que estava mais aquecida, dormir não era o que queria. Estavam sozinhos. Estava escuro. Queria aquele beijo. Mas caso o instigasse, Bryce permitiria que ela desistisse caso mudasse de idéia?

Marianne fechou bem os olhos, engolindo um gemido de desgosto. Essa vontade que ia e voltava estava esgotando sua paciência. O que havia de errado com ela? Nunca na vida ficara tão indecisa... tão incerta...

Era hora de pôr um fim naquele tormento. Afinal, era apenas um beijo. Marianne respirou fundo, buscando coragem para ato tão ousado.

Ergueu a cabeça e tocou-lhe o rosto.

Bryce agarrou a mão dela.

— Não.

— Não o quê?

— Pretendia me beijar.

Marianne ficou grata à escuridão da noite. Ao menos ele não veria seu rubor de vergonha. Suspirou e cruzou as mãos sobre o colo, apoiando o rosto novamente no peito dele. Era sua culpa. Não podia ficar zangada com Bryce. Fora ela quem perdera a oportunidade.



Bryce apoiou o queixo na cabeça dela.

— Eu adoraria beijá-la. Mas conseguir um beijo se tornou um tanto... cansativo.

Marianne ergueu o rosto.

— Beijar-me é cansativo?

— Sim, querida. Ou você muda de idéia ou somos interrompidos.

Querida? Tinha ele notado que lhe falara com carinho? Talvez ainda houvesse chance de convencê-lo a mudar de idéia. Precisava tentar.

— Estamos sozinhos. Não há ninguém para nos interromper desta vez.

Como ele não respondesse, Marianne ficou de joelhos e inclinou-se até sentir o hálito quente contra seus lábios.

— E não mudarei de idéia.

Bryce gemeu antes de murmurar:

— Está brincando com fogo.

— Então, se eu me queimar, a culpa será minha.

Bryce hesitou. Marianne deslizou um dedo pelo maxilar dele.

—Beije-me... Bryce.

Bryce deixou um rápido beijo abaixo da orelha dela, murmurando:

— Era isso o que queria?

Marianne esperava um beijo nos lábios, não aquele toque estranho que a fazia ansiar por mais. Queria que Bryce deixasse de tocá-la. Então, no mesmo instante, queria que Bryce continuasse.

O beijo seguinte foi no pescoço, a ponta da língua traçando um caminho de volta ao ponto anterior, abaixo da orelha. Marianne jurava que aquela carícia estranha tinha lhe derretido todos os ossos do corpo.

Abraçando-a, Bryce mordiscou gentilmente o contorno do queixo, aproximando os lábios da boca de Marianne.

— Era isso o que queria?

Lutando para respirar, Marianne respondeu:

— Eu não sei. Eu...

Ele lhe sugou o lábio inferior, então traçou os contornos da boca com a ponta da língua, antes de sussurrar a pergunta novamente:

— Talvez fosse isso?

Quando conseguiu fôlego, ela meneou a cabeça, quase ofegando de frustração.

— Sim. Não. Eu... apenas me beije.



Bryce finalmente lhe tocou os lábios. A boca formigava. As batidas de seu coração falharam antes de dispararem em ritmo desordenado. Quando o chão começou a lhe faltar, agarrou-se aos ombros de Bryce.

O choque inicial sumiu rapidamente. *Isso* era o que tanto queria experimentar? O beijo prolongado era pouco mais que um beijo de boas-vindas ou de despedida em um membro da família. O desapontamento esfriou as primeiras chamas de desejo.

Tinha esperado tanto do beijo de um homem. Com o nariz pressionado contra a bochecha de Bryce e os lábios presos ao dele, Marianne notou que mal respirava. Afastou a cabeça para tomar ar.

Mas antes que Marianne pudesse tomar fôlego, Bryce puxou-a para o colo, aproveitou-se dos lábios entreabertos e incitou a língua de Marianne com a dele.

Marianne ficou paralisada. Quanto tentou corresponder, Bryce se tornou mais ousado, mais exigente... muito mais instigante.

Marianne levou os braços ao pescoço dele, dando vazão aos sentimentos que a assaltavam enquanto as mãos de Bryce lhe aflagavam desde as costas até os quadris.

Os seios, pressionados contra o peito dele, pareciam arder. O que antes fora uma agitação transformava-se em fogo, espalhando chamas para além de seu ventre.

Agora sabia por que suas cunhadas suspiravam e gemiam nas camas. Compreendia os olhares que lançavam aos maridos quando achavam que ninguém estava olhando.

Mas também não tinha dúvida de que havia algo mais. Algo grandioso. Do contrário, por que seu corpo ansiaria tanto por algo que nem sabia nomear?

Bryce interrompeu o beijo, pousando o rosto dela no ombro. Marianne sentiu um tremor no corpo dele. Seria possível que sentisse as mesmas emoções que ela?

Querendo mais, Marianne roçou os lábios no queixo dele. Não podia resistir à vontade de morder a pele com barba aparente.

Bryce sabia que se a mantivesse mais tempo em seu colo acabaria por deitar Marianne no chão e torná-la sua. Aquela mulher inexperiente era o desejo em forma de pessoa. Marianne só queria um beijo. E um beijo gentil fora tudo o que ele planejara oferecer.

Contudo, percebera o desapontamento e a frustração, Marianne estava pronta para mais do que um beijo amigável. E ele estava mais do que preparado para responder às perguntas que tumultuavam a mente dela. Agora, era ele quem ficaria frustrado.

— Pronto. Teve seu beijo.

Marianne brincava com o cabelo dele.



— Sim. E foi maravilhoso. Quero mais deles.

Bryce lhe segurou a mão.

— Não sou feito de pedra, Marianne. Eu iria querer mais do que beijos.

— Eu ficaria feliz em...

— Não diga isso. — Ele colocou um dedo sobre os lábios dela. — O desejo nos faz querer coisas insensatas. Ficaria envergonhada pela manhã.

Marianne se afastou *dele*. Por mais que quisesse permanecer em seus braços, seria mais seguro assim. Bryce deu umas batidinhas no chão.

— Essa toca é larga o bastante para deitarmos. Durma aqui, ficarei deitado na entrada.

Sem dizer palavra, Marianne saiu do colo dele e esticou-se no chão. Bryce esperou que a respiração dela se normalizasse antes de se deitar também.

Deitando de lado, virado para a entrada, apoiou a cabeça no braço e ficou olhando a escuridão.

Ela era irmã de seu inimigo.

Mas as coisas que descobrira sobre Marianne faziam com que se sentisse mais vivo do que nunca.

Ousada. Obstinada. Imprudente. Curiosa. Todas as coisas que afastariam o tédio e manteriam seus longos dias cheios de atividade.

Atrevida. Audaz. Desejosa. Todas as coisas que adoça-riam seus sonhos e manteriam suas curtas noites cheias de paixão.

Quando Marianne jogou a túnica sobre ambos, colando-se às costas dele e abraçando-o pela cintura, Bryce ficou tenso.

— Não há razão para que congelemos até a morte.

Aquela seria a noite mais longa na vida de Bryce.

Para Marianne, era como se tivessem andado por horas até avistarem a estrada principal. Bryce ergueu a mão, sinalizando para que ela parasse. Marianne aguardou atrás de uma árvore enquanto ele examinava a área.

O gesto fez Marianne lembrar do irmão, Rhys. Quantas vezes ele já não dera ordens aos seus soldados com um simples gesto de sua mão?

O peito dela se apertou: queria voltar para o conforto de casa. Tal pensamento a deixava feliz e receosa. Ficaria aliviada por estar na segurança das fortes muralhas de Faucon. Mas como os irmãos e as cunhadas a receberiam?

Se descobrissem como sua imprudência permitira o sequestro, ficariam desapontados com ela.

Como poderia conviver consigo mesma sabendo que tinha destruído a confiança deles? Rhys, assim como os pais já falecidos, havia lhe ensinado a honrar não só o nome da família como também o próprio nome.



Fora capaz de esquecer aquelas lições por uma mera noite de prazer. Além de desejar um homem que nem ela nem os irmãos conheciam, arriscara-se enormemente ao provocá-lo.

As bochechas de Marianne coraram.

E fora Bryce quem controlara o desejo antes que fossem longe demais. Ela quase havia implorado por algo além dos beijos, mas mesmo assim Bryce mantivera a honra dela intacta. Ele tinha razão: mesmo que a paixão entre eles tivesse chegado às alturas na noite passada, Marianne estaria se sentindo culpada e envergonhada pela manhã. Por mais difícil que fosse conviver com o desapontamento dos irmãos, precisava voltar para casa... o mais rápido possível. Antes que Bryce lhe pedisse mais do que beijos.

Era vergonhoso ansiar novamente pelo toque de seus lábios. Sim, fora do casamento, pensamentos assim eram pecaminosos. Mas talvez quisesse casar com aquele homem. Toda uma vida para compartilhar de seus dias... e suas noites.

E que maneira melhor de garantir a aprovação de Rhys do que ser levada de volta a Faucon por Bryce? Poderia não recebê-lo bem, mas o irmão ficaria grato a Bryce por trazê-la de volta a salvo.

O som de cavalos se aproximando fez com que ela adentrasse mais alguns passos na floresta. Escondeu-se atrás de um arbusto e espiou a estrada.

Um homem gritou:

— Lorde Ashforde!

Marianne reconheceu a voz áspera de Warehaven. Ao invés de deixar o esconderijo, ficou onde estava. Mesmo que Bryce chamasse Warehaven de amigo, o homem era inimigo da família dela.

Bryce respondeu ao grito seguinte. Mesmo assim, ela permaneceu escondida. Algo lhe dizia para ter cautela.

Achou melhor esperar que Bryce a chamasse. Por enquanto, estava em posição perfeita para observar os dois homens e ouvir a conversa.

Desmontando, Warehaven perguntou:

— Onde esteve? Já cruzamos essa estrada várias vezes desde o nascer do sol.

— Nós acompanhamos o rio na noite passada. Achei mais seguro permanecer na floresta do que voltar ao acampamento.

— Nós? — Warehaven olhou ao redor. — Não vejo sua dama. Você a perdeu?

Bryce também olhou ao redor. O olhar se deteve em Marianne por um segundo antes de terminar o exame da área.

— Eu a deixei bem aqui. Não deve estar longe.



Marianne franziu a testa. Tinha sido vista. Então por que ele mentia para o homem que chamava de amigo?

O Dragão de Warehaven fez um som estranho que soava feito um cruzamento de rosnado e baforada. Talvez ele imaginasse que um dragão de verdade fizesse um som assim. Era um ruído irritante, sem dúvida.

Bryce se dirigiu ao homem que acompanhava Warehaven:

— Como está tudo?

— Eles perderam três homens. Você perdeu um, outro está um pouco ferido. Enterramos os quatro depois que o restante dos intrusos fugiu.

— Vejo que encontraram os cavalos.

— Alguns... o meu, o seu, o de Sir John. Os outros eram deles. Agora temos dois a mais, além das capas, armas e suprimentos. — Warehaven riu antes de acrescentar: — Espólios de guerra, eu diria.

— Concordo.

— Tem certeza de que não quer se abrigar em minha toca por alguns dias?

Marianne colocou a mão sobre a boca. Felizmente, conteve o grito. Não ficaria na *toca* de Warehaven de maneira alguma.

Bryce fez menção de dizer algo, depois pareceu refletir.

— Não. Estamos perto de Ashforde. Poderemos descansar um dia ou dois por lá antes de seguirmos para Faucon.

— Será bem-vindo entre nós.

Diante do convite, a risada de Warehaven sacudiu as árvores.

— Não. Mas agradeço. — Disse mais alguma coisa que Marianne não conseguiu ouvir. Mas o tom que usava era óbvio... estava provocando Bryce.

Será que Warehaven estava imaginando algo entre eles? Sentiu o rosto arder novamente, A voz de Bryce interrompeu suas reflexões.

— A escolha é sua. Depois de deixar Marianne a salvo na fortaleza do irmão, seguirei para Warehaven. Peço que cuide de meus homens até meu retorno.

— Vai viajar sozinho até Ashforde?

— Não. Mas só precisarei de Sir John e mais um outro. Quanto menor o número, mais rápida será a viagem.

— Verdade. — Warehaven montou no cavalo. — Desejo-lhe sucesso em Faucon. Boa viagem. — Então ele e os outros homens, exceto dois, desapareceram na estrada.

O comentário de Warehaven intrigou Marianne. Que tipo de sucesso Bryce poderia ter em Faucon?

— Pode sair agora.



Marianne afastou-se dos arbustos. Esperava que Bryce fosse dizer algo sobre sua atitude, mas nada disse. Apenas estendeu a mão para ela, guiando-a até um cavalo. Depois de envolvê-la numa capa de lã, ajudou Marianne a subir na sela.

Com a mão ainda sobre a coxa dela, ergueu o rosto. Marianne se surpreendeu com a tristeza no semblante de Bryce.

— Ele é como um irmão para mim...

Não havia dúvida de que falava de Warehaven. Marianne tentou defender sua reação.

— Ele é um traidor, um inimigo dos Faucon.

— Essa é uma guerra onde famílias lutam em lados diferentes e amigos matam uns aos outros. — Um brilho de raiva iluminou-lhe os olhos, espantando a tristeza. — Seus irmãos não estão aqui. Jared não a ameaça. Não quero que o trate dessa maneira novamente.

Marianne mordeu o lábio para não responder. Ignorando as peculiaridades daquela guerra, por que Bryce defendia um traidor? Como podia considerar aquele homem um irmão?

Bryce lhe apertou a perna.

— Ouviu?

Marianne encolheu-se devido ao tom severo.

— Sim.

— Bom. — Ele relaxou a mão, acariciando-lhe a coxa com o polegar. — Vamos, é hora de partir.

— Para Ashforde?

Um sorriso lhe suavizou as feições. O olhar perturbador a manteve em silêncio.

— Sim. Estive longe por muito tempo. Preciso verificar algumas coisas antes de viajar para Faucon.

Capítulo Oito

Faucon Keep, Normandia 22 de outubro de 1143

— Não esperarei mais. — Rhys olhou para todos na mesa. Cada rosto demonstrava níveis variados de desalento, preocupação e medo.

Lyonesse estava sentada à direita e colocou a mão sobre a dele.

— Só se passou uma semana, Rhys. Não deveria esperar mais alguns dias antes de pegar em armas?



— Não. — Rhys bateu com o punho na mesa. — Sete dias já foram demais. — Tentava afastar a raiva e a impaciência da voz, mas percebeu que falhara miseravelmente ao ver a esposa se encolher.

Olhou para Gareth, pedindo ajuda.

— O que me diz? Quanto tempo ficaremos procurando pelos arredores de Faucon enquanto esperamos um pedido de resgate?

— Já esperamos demais. — Quando Rhian bufou descontente, Gareth encarou a esposa. — Não posso continuar aqui preocupado. Preciso fazer algo para encontraí Marianne.

— Como saber se ela não fugiu com um amante?

Todas as cabeças se voltaram para Rhian. Gareth se exaltou:

— Ela não faria tal coisa.

Darius tentou acalmar todos dizendo:

— Teríamos recebido uma mensagem dela.

— Marianne não cometeria essa desonra. — As palavras de Rhys sibilaram por entre os dentes.

Os três irmãos tinham falado ao mesmo tempo, fazendo Rhian afundar no assento. Ela ergueu as mãos, como se estivesse a defender-se de um ataque.

— Perdão. Só imaginei que ela talvez tivesse encontrado alguém de quem gostasse... alguém que vocês julgariam inadequado.

Rhys se endireitou na cadeira à ponta da mesa.

— O que está dizendo?

Todas as três mulheres riram de maneira estranha.

— Oh, meu querido marido. — Lyonesse meneou a cabeça. — Quantos homens já lhe pediram permissão para desposar Marianne?

A esposa de Darius, Marguerite, perguntou:

— E quantos rechaçou?

— Pediu a opinião dela sobre qualquer um deles? — Rhian questionou.

Rhys apoiou os braços na mesa.

— É isso o que pensam? Que uma menina deixaria a família preocupada só porque se encantou com um homem?

— Menina? — Gareth e Darius exclamaram ao mesmo tempo.

— Tem prestado atenção nela ultimamente? — perguntou Darius. — Se tivesse aberto os olhos, teria notado que lua irmãzinha é uma mulher crescida. Já passou da idade de estar casada.

Rhys ficou zangado. Era desconcertante descobrir que toda a família perdera o juízo. Mas isso não mudava a situação.



— Que seja, mas Marianne ainda está desaparecida. Precisamos decidir agora... Continuaremos esperando? — Ele se levantou. — Ou cuidaremos do problema?

Sem hesitar, Gareth e Darius ergueram-se também.

As esposas suspiraram.

Rhys manteve a atenção nos irmãos.

— Eu os encontrarei no pátio em uma hora. Tragam alguns de seus homens e estejam armados.

Antes que as mulheres tentassem dissuadi-lo, Rhys decidiu sair dali. Quando estava no meio do salão, Melwyn, o capitão de sua guarda, entrou na fortaleza.

— Milorde, nossas buscas surtiram resultado.

Vendo o sorriso presunçoso no rosto de Melwyn, Rhys teve esperanças de que seriam informações sobre Marianne.

Quando os outros se aproximaram, Melwyn acenou para dois guardas enormes, que arrastaram um homem machucado e o jogaram aos pés de Rhys.

— O que é isso?

Melwyn incitou o homem a falar ao lhe chutar a perna.

— Milorde, nós... eu não sabia... — Ele enterrou o rosto nas mãos.

Rhys agarrou o homem pela túnica e começou a sacudi-lo no ar.

— Diga o que sabe.

— Um homem nos pagou para levar a menina. Como estava sozinha na feira, não imaginamos que fosse sua irmã.

— O que pretendiam fazer com ela?

O homem começou a soluçar intensamente.

— Devíamos matá-la, mas pensamos em... nos divertir um pouco primeiro, milorde.

Gareth praguejou e parou ao lado de Rhys.

— E tiveram seu divertimento?

— Não. Não. Antes que pudéssemos... digo... ela disse quem era antes disso.

— Onde ela está? — Darius se juntou aos irmãos.

— Por que não a trouxeram de volta? — O coração de Rhys sentia medo.

— Ficamos com muito medo.

Darius bufou, mas repetiu a pergunta.

— Onde ela está?

— Não sei.



— O quê? — Os três irmãos gritaram ao mesmo tempo. Com o grito, o homem molhou as calças. Uma poça se formou abaixo dele. Rhys largou a criatura trêmula, sem se importar que tivesse caído na própria urina.

Melwyn puxou a espada e a apontou para o homem encolhido no chão.

— Quer que eu termine o interrogatório?

— Pelo sangue no rosto dele parece que já fez o bastante. — O tom desaprovador de Marguerite era óbvio para todos.

Darius olhou para trás, ordenando:

— Fique quieta!

Lyonesse agarrou o braço de Marguerite. Sussurrou para explicar:

— Está tudo bem. Melwyn conhece bem seu trabalho. É o que faz de melhor.

Rhys meneava a cabeça para Melwyn.

— Não. — Empurrando o ombro do prisioneiro com o pé, fez com que ele se ajoelhasse. — Onde ela está?

O choro terminara. Era óbvio que o homem sabia que destino o aguardava. Com um suspiro resignado, ele admitiu:

— Decidimos conseguir mais dinheiro. Mas tive medo de atravessar o canal, então os outros seguiram para Hampshire sem mim.

— O que fizeram com ela?

— Iriam oferecê-la como prêmio num jogo de dados.

Já emotiva por estar carregando seu segundo filho no ventre, Lyonesse desmanchou-se em lágrimas. As outras duas mulheres a ampararam e seguiram para a escadaria.

Rhys olhou para os irmãos, imaginando se o horror que marcava o rosto deles também era aparente no seu.

Melwyn sorriu ao se aproximar do homem.

— Milorde?

Rhys assentiu.

— Seja rápido. Mas não no salão. — Então deixou a fortaleza, seguido por Gareth e Darius.

O ar frio pareceu acalmar a agitação em seu estômago.

— Um prêmio? — O sussurro irritado de Darius flutuou no vento.

Gareth andou calmamente até a construção mais próxima e desferiu um golpe que furou a parede de madeira. Então, cuidando dos dedos que sangravam, virou-se para perguntar:

— Quando partimos?

Rhys engoliu em seco.



— Preciso ver minha esposa primeiro. Sugiro que façam o mesmo. Mas quero estar na estrada antes do pôr-do-sol.

— Nós a encontraremos. — Era como se a voz de Darius estivesse embargada pela emoção. Então ele rumou para a fortaleza.

— Claro que sim — Gareth disse antes de sair à procura da esposa.

Rhys olhou pelo pátio e fez algo que raramente fazia. Rezou.

Capítulo Nove

Ashforde Keep, Devon, Inglaterra 24 de outubro de 1143

Um dia e meio depois, Bryce respirou aliviado quando o desvio para a pequena cidade nas cercanias de Ashforde surgiu mais à frente.

Tinham seguido viagem evitando cidades maiores e fortalezas. Não tinha passado tempo suficiente em Devon para saber quem era amigo ou inimigo. Tendo a irmã de Faucon a seu lado, não desejava esbarrar com ninguém que a conhecesse ou com algum dos irmãos.

Também mantivera distância de Marianne que, para seu alívio, parecia satisfeita com sua atitude. Cavalgavam lado a lado, conversavam sobre coisas amenas e Bryce fazia o possível para não tocá-la.

Mesmo assim seus músculos estavam tensos. O frio do outono não acalmava o fogo quase febril que o torturava dia e noite.

Mas agora, tão perto de Ashforde, sua pulsação normalizava. Poderia se concentrar no trabalho braçal e ir para a cama à noite sem ter nada em mente além do sono.

Fez o grupo parar e entregou algumas moedas a Eustace, ordenando:

— Vamos descansar um pouco. Vá até a cidade e compre algo para comer.

Embora seus dois homens não expressassem opinião, Marianne suspirou.

— Graças a Deus. — Ela desmontou, amarrou o cavalo a uma árvore e se espreguiçou.

Bryce também desmontou, acenando para que John fizesse o mesmo.

— Sir John, preciso falar com você. — O homem franziu a testa, mas o seguiu.

Quando ficaram fora do alcance dos ouvidos de Marianne, Bryce se apoiou em uma árvore.

— Como se sente?

A ruga na testa de John aumentou ainda mais.



— Bem. Por que pergunta?

Uma abordagem direta parecia a melhor resposta.

— Você bebe muito mais que os outros.

— Oh! — O rubor tomou conta do rosto já avermelhado. — Não percebi que isso tinha se tornado motivo de preocupação.

— Não teria caído no riacho se estivesse em pleno domínio de suas faculdades mentais.

John relanceou um olhar zangado para Marianne antes de encolher os ombros.

— Acreditei na mentira sobre a jóia caída na água. Não teve relação com a bebida.

— Pode ser o caso. Mas não posso ficar sempre avaliando se seus atos foram induzidos pela bebida.

— Posso falar francamente?

— Ninguém disse que não poderia.

— Sua vingança contra Faucon não está tomando o rumo que disse.

— Tem sido assim desde o começo. — Bryce sabia que nada saíra como esperava naquela missão. Mas isso não era motivo para que o homem que a imperatriz lhe indicara como capitão temporário para a guarda de Faucon bebesse em excesso. — É por isso que tem bebido?

— Não. Bebo para esquecer a mulher que amo.

A revelação deixou Bryce mais confuso.

— Ser indicado para me servir o afastou de sua amada?

— Não. Ela foi oferecida a... outro homem.

— E beber muda esse fato?

John meneou a cabeça.

— Não. Mas pensei que estaria ocupado tirando informações de Faucon, não escoltando a irmã dele de costa a costa.

O tom era amargo. O olhar obscureceu.

— Não aprova a tarefa ou a mulher?

— Ambos. A mulher mais que tudo. — Sir John fez uma breve pausa. — Ela é arrogante e age como se fosse melhor que todos nós.

Bryce se voltou para Marianne. Não havia notado isso nela, mas era verdade.

— Essa guerra criou dois tipos de pessoas, John. Aquelas que dão ordens e aquelas que as seguem. Somos mercenários que passam a maior parte do tempo seguindo ordens. — Apontou Marianne com a cabeça. — Ela vem de uma família que dá as ordens.



— A família dela ficaria contente com a nossa morte. — A raiva reprimida emanava dele feito uma nuvem negra.

Bryce não estava gostando do tom de Sir John. Tampouco sentia-se confortável com a maneira como ele olhava para Marianne.

O mais sensato a fazer era dispensar Sir John de suas obrigações e enviá-lo de volta para a imperatriz. Mas sem ter quem colocar no lugar dele, Bryce não tinha opção senão mantê-lo.

Até a situação poder ser resolvida, vigiaria John bem de perto.

— Marianne de Faucon não é nossa inimiga. Pode compreender isso?

— Compreender? Sim. Concordar? Não.

O tom de John tornara-se sarcástico, a atitude beligerante. Bryce ergueu os ombros ao encarar o capitão.

O título e a posição podiam ser novos, mas ele já estava acostumado a lidar com rapazolas arrogantes. Uma forte presença física e algumas palavras severas o colocariam em devido lugar.

— Não perguntei se concordava. — Quando os olhos de John se arregalaram, Bryce percebeu que sua tática funcionaria... por enquanto. — Só peço que me sirva enquanto não tiver meus próprios homens. Então poderá voltar para a imperatriz se desejar. Pode fazer isso sem descontar sua raiva numa mulher inocente?

John hesitou, como se refletisse numa resposta. Por fim, assentiu.

— Ela não é exatamente inocente, mas odiaria arruinar seus planos.

— Ótimo. E deixe a bebida. Não servirá para trazer sua mulher de volta. Precisa pensar num outro modo.

Ouvindo isso, o humor de John melhorou consideravelmente. Sorriu, mas Bryce notou que o sorriso não alcançava os olhos.

— Oh, não se preocupe, milorde, estou planejando algo.

— Desejo-lhe sorte. Vamos encher o estômago e depois retomar viagem.

Sentada contra uma árvore, Marianne engoliu o último pedaço de pão com queijo que Eustace trouxera.

Como estivesse ansiosa por esticar as pernas, Marianne anunciou:

— Não quero nem pensar em voltar para a sela agora. Irei andando para a aldeia e os esperarei por lá.

Bryce se levantou num pulo.

— Não.

Os olhos lampejaram, a voz soava sufocada. Marianne estranhou aquela reação.

— Por que não?



Bryce parecia tropeçar nas palavras ao dizer:

— Não sei como seremos recebidos na aldeia.

Quando Eustace fez menção de dizer algo, Bryce lhe lançou um olhar de aviso. Eustace ficou calado.

Marianne cruzou os braços, esperando explicação.

— A aldeia é perigosa? Salteadores controlam a estrada? Criminosos se escondem por aqui?

Bryce passou a mão nos cabelos, meneando a cabeça.

— Não.

Marianne estreitou os olhos.

— Então o que está escondendo?

— Nada. Não tenho nada a esconder. — Bryce não a encarava.

— Que péssimo mentiroso. — Ela descruzou os braços, espanou as migalhas de pão de seu andrajoso vestido e rumou para a estrada.

— Eu disse não.

As palavras ríspidas a detiveram. Marianne se virou lentamente.

— Quero um bom motivo para fazer o que me pede.

— Não é um pedido. É uma ordem.

Marianne avaliou o olhar irritado e as linhas que se formavam na testa de Bryce. Era óbvio que havia algo de errado na aldeia. Algo que ele não queria que ela soubesse. Isso apenas a deixou mais determinada a descobrir o que era.

— Uma ordem? — Marianne foi se aproximando dele. — Pensei que não fosse prisioneira. Isso mudou de repente?

Bryce adotou a familiar postura de um homem que se julga no comando. Cabeça erguida, ombros alinhados, coluna esticada, mão apoiada sobre o quadril.

— Posso mudar isso agora.

Mesmo a voz estava diferente: era profunda, quase o rosnado de um homem em campo de batalha.

Teve vontade de rir. Será que todos os homens tinham os mesmos maneirismos? Era algo que nascia com eles ou aprendiam quando cresciam? No instante seguinte, teve vontade de chorar. Não conhecia muito sobre os homens, mas Bryce parecia um Faucon louro. Em vez de rir ou forçar uma discussão, Marianne voltou a sentar.

Bryce praguejou antes de ordenar aos homens:

— Sigam na frente. Já os alcanço.

Quando foram deixados sozinhos, Bryce se aproximou dela.

— Marianne? O que há de errado?



Errado? Por que haveria algo errado? Bryce tinha lhe dado ordens feito um grandíssimo arrogante... feito um de seus irmãos.

Marianne fungou. Secou os olhos antes que as lágrimas caíssem.

Bryce agachou ao lado de Marianne e ergueu-lhe o queixo.

— Oh, entendi. Está com dó de si mesma.

Ela desviou o rosto.

— Não. Não estou.

— Ótimo. — Bryce lhe segurou o queixo novamente, fazendo com que olhasse para ele. Enquanto secava algumas lágrimas do rosto dela com os dedos, continuou falando como se não houvesse nada de errado. — Fico feliz por ouvir isso, porque não vejo razão para que um Faucon, mesmo sendo o mais jovem deles, sinta dó de si mesmo por causa do fardo que tem na vida.

Marianne sabia que se abrisse a boca, um soluço escaparia. E provavelmente diria algo muito infantil, como: *Quero ir para casa* ou *Tenho saudades da minha família*. Já tinha 17 anos, não tinha mais idade para choradeiras. Mas queria mesmo ir para casa. Sentia muita falta dos irmãos e das cunhadas. Mesmo que os irmãos se ausentassem de Faucon por meses a fio, Marianne nunca ficara sozinha longe de casa.

Aquela jornada fora... esclarecedora. Aceitando ou não, vera verdade, aquele pequeno falcão não estava pronto para deixar a segurança do ninho.

Bryce suspirou antes de se levantar novamente.

— Sente falta de seu lar e de sua família. Não há vergonha nisso.

Marianne ficou paralisada. Fitou Bryce com os olhos marejados de lágrimas.

— Como sabe disso? Que tipo de artifício lhe permite ler minha mente, saber dos meus pensamentos?

— É mais como um instinto. — Ele refletiu. — Não sei explicar esse pressentimento em relação a você. Apenas acontece. Sou capaz de pressentir seus sentimentos, seu humor. Se há alguma feitiçaria envolvida, foi você quem balançou.

— Não lancei nada em você. Nada.

Com um suspiro exasperado, Bryce ordenou:

— Levante-se.

Sem querer discutir por causa do choro preso na garganta e incapaz de pensar em nada que não fosse o conforto de seu lar, Marianne obedeceu.

— Olhe para mim.

Era um comando que não poderia obedecer. Já bastava que ele soubesse de seus sentimentos. Não permitiria que ele testemunhasse a profundidade de sua tristeza.



— Marianne, posso não ser um de seus irmãos, mas meus braços são tão fortes quanto os deles. — Algo diferente no tom de voz de Bryce, uma ternura que não conseguia discernir, aqueceu o coração dela. — Meus ombros são tão largos quanto os deles. Sou mais do que capaz de amparar suas dores.

Como Marianne permanecesse parada, sem saber o que Bryce esperava dela, ele sussurrou:

— Venha.

Sem hesitar, Marianne procurou pela segurança que aquele abraço oferecia. Bryce a tomou nos braços e a apertou com força.

Sabia que ele lhe oferecia conforto e segurança. Mas seu coração desejava apenas chorar.

Bryce lhe afagava as costas.

— Não há nenhum problema em chorar.

Uma pequena risada brotou da garganta de Marianne. Bryce tinha feito novamente: adivinhado, pressentido suas vontades.

— Não costumo chorar como um bebê.

— Não é difícil notar isso. — Ele riu. — Uma mulher que investe um cavalo contra o inimigo e usa uma espada como lança dificilmente teria o costume de se desmanchar em lágrimas.

— Eu só... é que... — Marianne desistiu de tentar explicar.

— Você disse que sentiria medo depois. — Bryce balançava suavemente, como se a embalasse nos braços. — Acha que esse *depois* já chegou?

Marianne fungou e tentou controlar o tremor no queixo.

— Um homem não chora quando está com medo.

— Acho que já deve ter notado que não é um homem, Marianne. Seria estranho se não chorasse às vezes.

Bryce apoiou o queixo na cabeça dela.

— Contudo, é perturbador que sua tristeza me faça querer chorar junto com você.

A imagem dos dois chorando juntos feito criancinha fez com que ela risse. Uma risada que, antes que Marianne notasse, descambou em soluços.

Bryce não disse nada. Apenas a abraçou mais, permitindo que ela chorasse livremente.

Por fim, depois de muito tempo, ele perguntou:

— Sente-se melhor?

Marianne assentiu.

— Então não ficará ofendida se eu me zangar com você?

— Você não ficou zangado, você me deu ordens.



— Como se nenhum homem costumasse fazer isso.

— Dê ordens a seus homens, não a mim.

Bryce sorriu, segurando-lhe o rosto.

— Ah, sim, ouvi-la discutindo é muito melhor.

As mãos esquentavam sua pele. Marianne encontrou o olhar de Bryce e sentiu o coração parar. Franziu a testa quando uma súbita certeza lhe roubou o fôlego.

Bryce seria o homem que lhe ofertaria tudo o que tanto desejava. Seria aquele capaz de amparar seu coração e oferecer o amor que merecia.

Marianne tinha pensado que a paixão era algo que aconteceria depois que estivesse casada com o homem aceito por Rhys. Mesmo já tendo decidido que seus irmãos teriam de escolher Bryce, não esperava que o amor a atingisse de maneira tão violenta.

Nunca imaginara encontrá-lo no calor de um abraço, no olhar insistente de um par de olhos azuis.

Sem desviar os olhos, baixou os braços e deu um passo para trás.

— Oh, céus! — O sussurro pairou entre eles.

Pela expressão de surpresa e horror que surgiu no rosto de Bryce, ele também tinha sentido os primeiros sinais do amor.

O pensamento talvez o apavorasse agora, mas Bryce logo perceberia que seu coração estaria a salvo nas mãos dela.

Bryce balançou a cabeça como se acordasse de um sonho, e apontou para os cavalos.

— Está pronta?

Ela apenas assentiu. Mas, bem no fundo do coração, uma voz gritava de alegria "Oh, sim, estou pronta. Mais do que pronta, meu amor".

Marianne já sabia que Faucon era enorme comparada à maioria das aldeias, mas nunca imaginara que algo tão pequeno pudesse existir.

Umás poucas choupanas se alinhavam na estrada. Uma construção maior que parecia ser a oficina do ferreiro, tinha um alpendre com uma mesa e alguns bancos. Deduziu ser o local de encontro dos aldeões.

A estrada fazia uma curva em direção a uma colina. Aproximando-se do topo, Bryce diminuiu o passo.

— Não espere ver Faucon.

Marianne lhe tocou o braço.

— Não importa se Ashforde não é tão rica e grande quanto Faucon. É seu lar. Isso basta.

A boca de Bryce se contorceu numa careta de escárnio.



— Ashforde... — Ele olhou para o céu. — Ashforde é... — Por fim, ele deu de ombros. — É um nada. Veja por si mesma.

O bosque se abria numa clareira. Marianne fez o cavalo parar de súbito. O campo entre o bosque e o que antes deveria ter sido uma muralha estava enegrecido pelo fogo.

Tábuas de madeira formavam uma paliçada ao pé da colina à sua frente. Torres também de madeira flanqueavam os portões. A construção de uma nova fortaleza no topo da colina mal começara.

— O que aconteceu? — Não conseguia imaginar Faucon reduzida a minas assim. Isso bastava para deixá-la enjoada. — Um cerco?

— Não.

A resposta ríspida chamou atenção de Marianne. A raiva se transformava em ódio no rosto de Bryce. Mesmo o cavalo pareceu sentir o receio de Marianne, pois tentava se afastar dele.

— Então, o que houve?

Ele indicou as ruínas com a cabeça.

— É óbvio que foi um incêndio proposital.

— Onde você estava? Alguém morreu?

Bryce meneou a cabeça.

— Eu estava longe. Sete aldeões pereceram.

— Quem faria coisa tão horrível?

Capítulo Dez

Devia contar a verdade?

Se Marianne não acreditasse nele, a espada guardada em um baú em Ashforde seria a prova. Ela veria o falcão na lâmina e logo concluiria quem tinha destruído a propriedade de Bryce.

Mas tinha testemunhado o momento no qual Marianne compreendera quanto seus sentimentos por ele eram profundos.

A idéia de roubar-lhe o coração e usá-la para vingar-se do irmão era discutível. O primeiro passo acontecera sem nenhuma atitude intencional de sua parte. Agora, para sua surpresa e pesar, não queria usá-la de maneira tão vil.

Na verdade, sua maior vontade no momento era protegê-la.

— Não sei. Ainda temos de descobrir o responsável.

— O restante de seus homens... você ainda está procurando?

Ele riu.



— O restante de meus homens?

— Só havia cinco deles em Hampshire. Pensei que os outros estivessem em Ashforde.

— Sim. De certo modo. — Bryce incitou o cavalo a andar. Marianne fez o mesmo. — Metade deles desapareceu no incêndio.

Marianne arfou.

— Você só mencionou os aldeões.

— Não sei se estão vivos ou mortos. Quando voltei a Ashforde, eles tinham... desaparecido. Não havia corpos entre as cinzas. Estava à procura deles quando soube do jogo de dados. — A meia-mentira não arranhava muito sua honra. Estava mesmo procurando por seus homens.

Percebendo o silêncio de Marianne, Bryce olhou para trás. Ela mirava Ashforde Keep. Ele aproximou o cavalo e a tocou no braço.

— Não deixarei que nada lhe aconteça. Eu a levarei em segurança até seus irmãos, ou morrerei tentando.

— Agradeço, mas prefiro que continue vivo.

— Bem, essa é minha intenção.

— Quanto tempo levará para reconstruir tudo?

— Uns poucos anos, segundo fui informado.

— Parece que será uma fortaleza bem grande. Já era assim antes?

Bryce amaldiçoou sua falta de precaução. Devia ter imaginado que Marianne lhe faria perguntas que não poderia responder. Ainda assim, preferiu mentir o mínimo possível.

— Para ser honesto, não tenho certeza. Ashforde me foi entregue há pouco tempo. Só estive aqui uma vez, por metade de um dia, antes que fosse destruída.

— Oh, então está cuidando de Ashforde para seu suserano?

Será que Marianne saberia a qual coroa servia caso admitisse ser o conde de Ashforde? Era um risco que não queria correr.

— Sim. Cuido dela para meu mestre ausente. — Como isso não era incomum, ela não o questionaria. A maioria dos Lordes estava servindo Stephen ou Matilda.

— Foi assim que conheceu Warehaven?

Marianne tentava pescar informações. Ele não tinha como descobrir se era alguma tática intencional ou apenas simples conversa.

— Jared e eu crescemos juntos. Conhecemos-nos desde garotinhos.

— Onde vocês cresceram?

Bryce acelerou o passo. Quanto antes entrasse na fortaleza, mais cedo acharia algo para manter a mente de Marianne ocupada.



Marianne ficou atônita quando Bryce a deixou para trás. Devia estar ansioso para supervisionar os trabalhos. Ou talvez estivesse feliz por estar em casa.

Mas suspeitava que isso fosse mentira.

Tinha tagarelado para passar o tempo. Não esperava descobrir que o homem que era dono de seu coração também pudesse ser um inimigo. Seria por isso que o nome dele lhe soava familiar? Teria ouvido os irmãos falando dele? Melhor não fazer mais perguntas.

O que mais ele não dissera? Que segredos escondia?

Outro temor a dominou. Pior que suspeitar que Bryce servisse a imperatriz seria descobrir que já era casado.

Até ter a oportunidade de fazer as perguntas que desejava, ficaria de ouvidos e olhos atentos.

Quando atravessou os portões, Bryce já estava de pé no meio do pátio. Um rapazinho levava seu cavalo para os estábulos.

Marianne desmontou e entregou as rédeas para outro garoto. Girou lentamente, avaliando Ashforde Keep... ou o que um dia seria Ashforde Keep.

Bryce a levou até uma cabana de telhado de colmo construída na subida da colina.

— Imagino que queira descansar e tomar um banho. — Bryce avaliou o vestido dela. — Vou ver se encontro algo que possa vestir.

Cada passo aumentava a tensão de Marianne. Nunca tivera muita paciência. Por quanto tempo conseguiria conter as perguntas?

Quando chegaram à cabana, Bryce abriu a porta e permitiu que Marianne entrasse primeiro. Para alívio dela, não havia ninguém lá dentro.

Esperou que ele fechasse a porta e cruzasse o pequeno cômodo.

— Preciso perguntar uma coisa.

Bryce parou. Respirou fundo antes de se voltar para ela.

Marianne retorcia a saia entre os dedos. Não importava a resposta, precisava saber. Jurou não gritar, lamentar ou chorar. Era adulta, capaz de manter a calma enquanto aguardava a resposta.

— Bryce, você é casado? — Lamentou o patético tremor em sua voz.

— Casado? — Um sorriso suavizou a expressão preocupada de Bryce, que caminhava na direção dela. — Quer saber se sou casado?

— Sim. — Suas pernas tremiam. Encostou-se na porta, buscando por apoio.

— Considerando tudo, é uma pergunta razoável.

— Não devia ter perguntado antes de pedir para ser beijada?



— Eu não... — Marianne engoliu a resposta, tentada a desferir um tapa em Bryce para lhe tirar o sorriso do rosto. Escondeu as mãos nas costas para não ceder à vontade.

Bryce parou diante dela, acariciando com o dedo a linha de seu queixo.

— Nunca a trataria de maneira tão cruel, Marianne. Fique tranquila. Não sou casado.

O alívio afastou a tensão do corpo dela.

— Seu banho não vai demorar. — Seus lábios lhe tocavam a testa.

Marianne se forçou não olhar para ele. Fazer isso resultaria em mais um beijo.

Um chute na porta fez com que Marianne fosse parar nos braços de Bryce.

Ele a amparou, tirando-a da porta. Deu-lhe um beijo rápido no rosto antes de afastar-se.

Dois homens entraram com uma tina de madeira, que foi posta perto do braseiro a um canto da cabana. Enquanto outros três despejavam baldes de água quente na tina, os dois primeiros firmaram uma estaca e usaram uma cortina para fazer uma espécie de tenda.

Uma mulher de mais idade surgiu com uma cesta contendo itens para o banho e um banquinho. Ela espantou os homens dali, inclusive Bryce, antes de deixar o banquinho e a cesta perto da tina.

Um banho. Um maravilhoso banho quente. Só de pensar nisso a pele de Marianne se arrepiava.

A água fria entrou pelas narinas de Marianne, que acordou engasgada. Endireitou-se na tina, esparramando água pelo chão.

— Está bem?

A pergunta de Bryce a assustou ainda mais, fazendo com que ela esbarrasse na estaca que segurava a cortina, que agora caía dentro da tina.

— Como entrou aqui?

Os passos se aproximavam.

— Pelo telhado.

De que adiantava trancar a porta?

— Fique longe.

— Não precisa entrar em pânico. Só quero endireitar a tenda.

— Não estou em pânico.

A mão de Bryce surgiu pela abertura da cortina. Ele endireitou a estaca e arrumou a cortina ao redor da tina.

— Deve estar congelando aí.



Marianne abraçou os joelhos.

— Estou. Vá embora.

— Tenho água quente.

Marianne esticou a mão pela abertura.

— Obrigada.

Bryce ria dela. Colocando a cabeça para fora, viu que ele não mentia. Viu dois baldes de água fumegante. Imaginou que implorar funcionasse a seu favor.

— Por favor, milorde, posso usar a água?

Bryce olhou para o teto.

— O que ganho com isso?

— Depende. O que quer?

— O que tem a oferecer?

No que pensou ser o tom mais provocante possível, Marianne disse:

— Ese...

Bryce se aproximou.

— Sim. Continue.

— Quando eu estiver limpa e perfumada...

Mais um passo.

— Depois que eu sair deste maravilhoso banho quente...

Com um último passo, Bryce estava junto da tina. Ajoelhou-se, ficando olho a olho com Marianne.

— Sim... — O hálito quente alcançava o rosto dela. — Prometo que não o matarei enquanto dorme.

Ele riu.

— Isso me parece justo. Afaste-se para que eu possa despejar a água.

— Não, obrigada. Deixe os baldes aqui perto e saia. Posso me virar sozinha.

Ele fez o que ela pedia, mas, ao invés de sair, esticou-se na cama estreita.

— O que está fazendo?

— Descansando — ele respondeu, com voz divertida.

— Não na minha cama.

— Nossa cama.

Talvez tivesse sido muito bondosa. Devia matá-lo enquanto dormia.

— O que quer dizer como *nossa* cama?

— Parece que Sir John, disse a todos que somos casados.

— O quê? — Marianne gritou.

— Ele achou que seria melhor do que explicar a verdade. Assim evitaremos muitas perguntas.



Marianne puxou um balde pela abertura da cortina. Precisava terminar o banho se quisesse esclarecer as coisas. Bryce continuava a explicação:

— A princípio fiquei zangado. Mas ele tem razão.

Marianne despejou o outro balde na tina.

— Isso nos poupa de explicar como a ganhei num jogo de dados.

Marianne deixou cair o balde, que seguiu rolando pelo chão.

— Então achou melhor mentir?

— Como prefere que as pessoas de Ashforde a tratem? Como minha esposa ou como...

— Sua amante.

A cama rangeu.

— Não disse isso. — A voz soava alta. Devia ter se sentado na cama.

— Não era preciso. Estava implícito. — Marianne derramou sabão na escova e começou a esfregar os pés e as pernas.

— Por que pensariam isso?

— Não sei onde foi criado, mas em Faucon uma mulher solteira não anda por aí com um homem sem ter quem lhe faça companhia.

— Uma dama de companhia.

Marianne esfregava os braços, encolhendo-se quando as cerdas encontravam cortes e arranhões que nem tinha notado.

— Sim. Uma dama de companhia. Uma aia. Um irmão. Uma irmã. Alguém.

— É isso o que quer? Uma dama de companhia?

Marianne mergulhou a cabeça na água. Enquanto ensaboava os cabelos, respondeu:

— Não. Quero outro balde de água para enxaguar meus cabelos.

A cama rangeu novamente. O som de passos parou perto da porta. Ouvindo a barra cair no chão e a porta ranger, Marianne sorriu para si mesma. Bryce tinha mesmo ido buscar mais água.

Voltou antes que ela tivesse terminado de ensaboar a cabeça. A água fria escorreu pelo seu corpo, revigorando-a. Tirando o sabão dos olhos, Marianne viu que Bryce havia afastado a cortina.

Antes que ela pudesse se cobrir com as mãos, mais um balde de água fria foi despejada em sua cabeça.

— Que diabos...

Outro balde de água fria interrompeu a frase. Bryce apanhou os baldes vazios e rumou para a porta.

— Trarei mais.



No instante em que a porta fechou, Marianne agarrou a toalha. O banho tinha chegado ao fim. Enrolou-se, prendeu a ponta da toalha e correu para a porta.

Colocou a trava no lugar bem a tempo. Bryce colidiu contra a porta e Marianne ouviu uma imprecisão.

— Abra a porta — ele ordenou.

— Não. Obrigada, não preciso de mais água. Já terminei.

— Mariannel!

— Bryce! — Ela tentava igualar o tom ameaçador.

Como ele não respondesse, ela se aproximou do braseiro e sentou-se em um banco. Havia outra toalha e um pente na cesta.

A calma atividade de desembaraçar os cabelos fez com que a mente de Marianne divagasse. Mesmo que suas suspeitas estivessem corretas e Bryce servisse a imperatriz, qual a importância disso? Darius não tinha casado com a viúva de um inimigo?

E a família não recebera Marguerite e o filho de braços abertos?

Sim, havia algumas... pequenas diferenças. Darius e Marguerite já se amavam quando crianças. E Darius não precisava da aprovação de Rhys para casar.

Como conseguiria a aprovação de Rhys? Os olhos de Marianne se arregalaram. Só podia pensar numa maneira de conseguir casar com Bryce.

Seus irmãos ficariam furiosos, disse para si mesma. As cunhadas ficariam horrorizadas. Mas elas a compreenderiam e acabariam convencendo os maridos.

Ainda faltava convencer o próprio Bryce. Mas como se seduzia um homem? Suas faces começaram a arder.

Um ruído lhe chamou atenção. Marianne examinou a cabana escura. Nada. Viu apenas algumas velas, que acendeu antes de voltar a pentear os cabelos.

Novamente. Antes que ela pudesse descobrir a origem do barulho, Bryce desceu pelo buraco que fizera no colmo.

Ele usou a espada para recolocar a palha no lugar antes de sorrir para Marianne.

— Sentiu minha falta?

Marianne notou que Bryce tinha tomado banho. O cabelo estava úmido. Não comentou nada, apenas se virou para o braseiro.

— Você tinha saído?

Ele se aproximou e tomou o pente da mão dela. Então fez Marianne sentar num banquinho e acomodou-se no assento onde ela estava antes.

Bryce não disse nada quando ela se aproveitou para apoiar os braços em suas pernas estendidas. Continuou a lidar metodicamente com os nós do cabelo dela.



Marianne desenhava círculos nos joelhos de Bryce.

— Isso é bem pecaminoso.

— É sim.

— Minha família ficaria horrorizada.

— Ficaria.

— Mas aprecio sua ajuda.

— Eu sei.

— E sentir suas mãos em meus cabelos é tão... tão... — ela procurou pela palavra certa — tão agradável.

— Agradável?

Marianne suspirou antes de reclinar-se para trás. Ficou paralisada ao sentir o volume rígido contra suas costas. Agora as respostas curtas e a voz abafada faziam sentido.

Sentou-se novamente e prendeu a toalha com mais força. E agora? Tinha certeza de que essa seria a hora perfeita de aplicar sua tática de sedução, mas sentia-se perdida.

Bryce pousou as mãos nos ombros dela. O toque quase lhe queimava a pele.

— Marianne, não nego meu desejo por você. Mas não sou um bruto para tomar o que quero à força.

Marianne se ergueu e caminhou até o braseiro. As pernas tremiam. Só de lembrar que estava nua e sozinha com ele, a cabeça girava. Se os beijos lhe roubavam o fôlego, não podia imaginar o que o toque de Bryce faria.

Ele pigarreou, jogou o pente na cesta e levantou-se. Depois de passar as mãos pelos cabelos, indicou a cama com a cabeça.

— Você dorme ali. Eu ficarei num cobertor no chão.

Bryce pegou um cobertor na cama e Marianne percebeu que não poderia perder a chance.

Com toda a coragem que conseguiu reunir, virou-se e sussurrou:

— Bryce.

Quando ele olhou, Marianne soltou a toalha, deixando-a deslizar por seu corpo até se amontoar no chão.

Capítulo Onze

A boca de Bryce ficou seca. A chama das velas tremulava sobre a pele clara, iluminando as curvas sensuais.



Temendo que sua mente estivesse lhe pregando peças, caminhou lentamente para não interromper aquele sonho. Parou a centímetros dela, querendo tocar e acariciar a pele dos seios.

Mas quando encontrou o olhar de Marianne soube que, por mais que a desejasse, não poderia continuar mentindo.

— Marianne... não sirvo ao rei Stephen.

— Já suspeitava. — Ela desviou o olhar por um instante, contendo o fôlego. Deveria reconsiderar seu ato agora que sabia da verdade?

Marianne ergueu o queixo antes de voltar a fitá-lo.

— A quem você serve nesse momento, Bryce de Ashforde?

Ele engoliu em seco. Marianne sabia de sua lealdade pela imperatriz. Mesmo assim estava pronta para se entregar a ele.

O peito de Bryce pareceu derreter ao compreender que Marianne o preferia à própria família. Ajoelhou-se, tomou as mãos de Marianne e encostou a testa nelas.

— Sirvo a você, Marianne de Faucon. Mas precisamos conversar. Precisamos...

Marianne fez com que Bryce se levantasse e começou a correr os dedos pelos cabelos dele.

— Não quero conversar. Pode dizer o que quiser amanhã.

— Mas...

Marianne colou o corpo ao dele. A sensação dos seios contra o peito, dos lábios roçando seu pescoço quase o convenceu.

— Marianne.

— Não. — Seus dedos lhe cobriram a boca. — Não me sentirei envergonhada pela manhã. Quero você. — A mão livre deslizou pelo peito dele até encontrar o cinto. — Quero que sacie o fogo que você mesmo produziu.

Antes que Marianne chegasse mais longe com a mão, Bryce a tomou nos braços e a deitou na cama.

Ainda vestido, deitou ao lado dela. Sim, Bryce a desejava feito um moribundo que procura a salvação.

Mas, acima de tudo, queria oferecer a satisfação que ela tanto desejava. Ansiava por responder às perguntas que a torturavam, diminuir o medo que ela sentia do desconhecido.

Marianne se agarrou à túnica dele.

— Bryce?

Ele segurou o pulso de Marianne e manteve o braço dela preso sobre a cama. Antes que ela pudesse dizer algo, cobriu a boca de Marianne com a sua.



Marianne queria mais do que aquela carícia gentil. Queria ser tomada pela mesma paixão que Bryce inflamara naquela noite na caverna.

Sem esperar, um lamento de frustração lhe escapou da garganta. Um som ávido que Bryce parecia compreender melhor que ela.

Aceitando o convite que Marianne desconhecia ter feito, ele intensificou o beijo, cada investida da língua mais exigente que a anterior. Bryce lhe soltou o punho e deu vida às chamas que ela tanto esperava. A aspereza da mão calejada sobre o seio reacendeu a paixão.

Sim, o toque de Bryce estava diferente. Não era uma carícia tranquilizadora ou uma exploração hesitante. Não, os movimentos eram firmes ao traçar uma trilha desde seus seios até o ventre, da coxa ao joelho.

A tensão se espalhava pelo corpo dela e se instalava entre as pernas. Marianne arqueou o corpo na direção de Bryce, buscando satisfazer sua crescente frustração. Mas a tensão que ela sentia ficou ainda mais intensa quando os lábios dele encontraram seu mamilo.

Antes que Marianne arfasse de surpresa, Bryce deslizou a mão entre as pernas ligeiramente entreabertas, arrancando dela um gemido. Marianne agarrou-se aos cabelos dele.

Bryce lutava contra a própria tensão. O que era para ser uma forma de satisfazer a curiosidade e a frustração de Marianne se transformara numa batalha para manter o próprio controle. Batalha que não desejava perder.

Explorando a carne macia com o dedo, encontrou o ponto mais protuberante. Marianne se sobressaltou, mas no instante seguinte se arqueava contra a mão de Bryce. Ele circundou com a língua o mamilo saliente antes de olhar para o rosto dela.

Uma fina camada de suor lhe iluminava a pele. Os olhos estavam bem fechados, a expressão revelando que estava a ponto de atingir o prazer.

Seria tão fácil arrancar as roupas, fazer sua ereção ultrapassar aquela fina barreira e se satisfazer junto com ela.

Mas não podia fazer isso. Ficaria satisfeito em lhe oferecer prazer, mas não tiraria sua virgindade. Essa seria uma tarefa para o marido. Por mais que desejasse ser esse homem, Bryce duvidava que os irmãos fossem permitir que isso acontecesse.

Bryce aumentou a pressão dos dedos. Quase que imediatamente, Marianne ergueu os quadris do colchão.

— Bryce!

O nome dele ecoou nos lábios dela num arquejo de surpresa. Bryce recapturou a boca, contendo o grito maravilhado.



Então a apertou nos braços, enterrando o rosto nos cabelos dela. Seu coração ameaçava sair do peito. Nem mesmo numa batalha respirara com tanta dificuldade. Nunca suas mãos tinham tremido como agora.

— Oh, céus! — Recuperando a voz, Marianne admitiu: — Talvez agradável não tenha sido a palavra certa. — Ela o beijava no pescoço, deslizando os dedos por suas costas.

Incapaz de conter o gemido, Bryce se ergueu sobre os cotovelos e deixou um beijo na testa úmida de Marianne.

— Enrole-se nos cobertores. Voltarei logo.

— Vai embora?

— Sim.

Ela brincava com os cabelos da nuca de Bryce, causando-lhe arrepios.

— Mas você não... Pensei que pudéssemos...

Pelo tom sedutor, sabia que Marianne estava mais do que pronta para os jogos de amor. Se ficasse mais tempo na cabana, acabaria por atendê-la...

— Não. — Ele se levantou. — Preciso ir. Vá dormir.

— Aonde vai?

Bryce apanhou a toalha que Marianne deixara cair no chão.

— Tomar um banho frio.

— Pensei que já tinha tomado banho.

Marianne o observou saindo apressado, mas enroscou-se nos cobertores com um suspiro. Agora que já tinha uma pista do que fazia seus irmãos e cunhadas darem risadinhas e gemerem, queria mais. Muito mais. O que descobriria se Bryce ficasse nu também?

Subitamente acalorada, jogou os cobertores para longe e sentou. O ar frio da noite tocava a pele quente, causando-lhe calafrios na espinha. O fogo em suas veias arrefeceu Marianne sorriu. Isso explicava por que Bryce queria um banho frio.

Marianne jogou mais carvão no braseiro, apanhou o pente e correu para a cama. Como não tinha o que vestir, puxou o cobertor sobre os ombros e o prendeu entre as pernas.

Enquanto trançava seus longos cabelos, Bryce retomou. Parou na entrada, vestido apenas com a camisa e a calça.

— Deveria estar dormindo.

— Estava esperando você. — Marianne deu uns tapinhas na cama. — Venha, junte-se a mim.

Bryce fechou a porta, largou as botas e jogou as roupas sobre uma mesa. Então correu a mão pelos cabelos molhados.

— Acho que não é boa idéia.



Marianne prendeu as tranças com tiras de seu vestido rasgado, então as jogou para trás.

— Venha. — Ela estendeu a mão. — Prometo não tentá-lo até a loucura.

Bryce riu.

— Tarde demais.

— Não o deixarei dormir no chão frio.

— O chão é mais seguro.

— Ótimo, então nós dois dormiremos no chão. — Marianne fez menção de levantar.

— Não. — Bryce sentou na ponta da cama. — Você nunca desiste, não é?

— Não conseguiria o que quero se desistisse tão fácil.

Bryce meneou a cabeça e a empurrou pelo ombro.

— Deite-se.

Ela se deitou virada para ele.

— Não. Para o outro lado, Marianne.

— Covarde.

Quando ela ficou de costas, Bryce se deitou sobre as cobertas e pousou um dos braços sobre ela.

— Trate de dormir. Uma longa cavalgada nos espera amanhã.

— Para onde vamos?

— Faucon.

Marianne ainda não estava pronta para voltar para casa.

— Pensei que ficaríamos mais dias aqui.

— Mudei de idéia.

Seria mais fácil concluir seu plano ali na pequena cabana que na estrada. A mente de Marianne procurava uma desculpa que os mantivesse em Ashforde mais uma noite.

Por fim, ela perguntou:

— Fiz algo errado?

— O quê? — Bryce parecia cansado. — Não, não fez nada de errado.

Se tudo o que lhe restava era aquela noite, como faria para terminar de seduzi-lo? Marianne tentou pressionar as nádegas na virilha de Bryce.

— Oh, pelo amor de... — Ele lhe deu um tapinha no traseiro. — Comporte-se e durma.

Marianne se afastou.

— Por favor, Bryce, não quero ir para casa ainda.



— E eu não quero levá-la para casa. — Ele suspirou. — Marianne, se fosse possível eu a manteria aqui, nessa cabana, nua em minha cama por uma década ou mais. Mas você tem irmãos que são responsáveis por você.

— Sou responsável por mim mesma.

— Você gosta de pensar assim, mas sabe muito bem que o conde de Faucon é responsável por você enquanto estiver solteira.

O coração dela falhou uma batida.

— Eu pensei... — Marianne franziu a testa. — Digo... — Teria interpretado tão mal? — Mas você...

Bryce a apertou e apoiou o queixo em sua cabeça,

— Pensou que eu pediria para desposá-la?

Marianne assentiu.

— O que tenho a oferecer, Marianne? Não tenho fortaleza ou ouro. — Tantas mentiras ainda o atrapalhariam um dia. — Nem servimos à mesma coroa. É provável que tenha matado pessoas amigas de sua família. Terei sorte se sair de Faucon com vida. Nunca me permitiriam desposá-la.

— Você tem muito a oferecer. Ashforde será uma bela fortaleza quando estiver terminada. Quanto ao ouro, meu dote será o bastante para nós dois. Você não é jovem demais, nem velho demais. É bravo e forte. E meus irmãos nunca matariam o homem que me salvou. Por que fariam isso?

Bryce esfregava o rosto nos cabelos dela.

— Não conseguirá o que quer desta vez, Marianne.

Por que ele era tão teimoso?

— Está enganado. Minha família vai amá-lo tanto quanto eu.

Ele bufou.

— No que baseia esse amor, Marianne? No seu desejo por mim? Gosta dos meus beijos, de discutir comigo, de estar em minha companhia. Assim como gosto de fazer todas essas coisas com você. Mas não me conhece há tanto tempo para chamar isso de amor.

— Meu coração desconhece o tempo. Só sabe que bate mais forte por você. Eu o amo de verdade.

Bryce fechou os olhos ao ouvir a fervorosa declaração. Marianne não desistiria.

Mas os Faucon nunca permitiriam que a irmã casasse com um homem que, além de servir a imperatriz, não tinha como mantê-la.

Vivia numa cabana cercada por uma frágil paliçada que não seria capaz de deter nem um cão selvagem, quanto mais um exército. Os armazéns tinham sido destruídos junto com a fortaleza. O que sobrara nos campos fora queimado. Marianne tentou se virar, mas Bryce a manteve no lugar.



— Bryce, por favor.

Ele hesitou, mas sabia que tinha de colocar um fim naquela conversa.

— Marianne, homens fazem coisas durante a guerra que nem pensariam em fazer sob outras circunstâncias. — Precisava acreditar que os Faucon nunca teriam feito aquilo se não fosse pela guerra. — Certas coisas não podem ser perdoadas sem derramamento de sangue.

— O que isso tem a ver conosco? — Marianne ficou em silêncio. — Fez algo para que minha família deseje sua morte?

Bryce sabia que nenhuma noite de amor apagaria os laços que a uniam à família.

— Não, não fiz nada. Mas ninguém sabe quanto tempo essa guerra entre Stephen e Matilda irá durar.

— Mas...

— Quieta. — Bryce a apertou. — Pare de pensar em argumentos, pois não me convencerá. Vá dormir, Marianne.

O tempo passou e ela permaneceu quieta. Bryce agradeceu a Deus por ela não ser uma mulher dada a choradeiras.

Quando as brasas no braseiro tinham quase se extinguido e a escuridão dominava o pequeno cômodo, Bryce puxou Marianne para seus braços. Certo de que ela não o ouviria, sussurrou:

— Marianne, meu coração será sempre seu.

Capítulo Doze

Marianne acordou com Bryce praguejando. Esfregou os olhos e o encontrou parado no meio de uma poça de água, olhando para o teto.

— O que foi?

— Choveu durante a noite.

Marianne sentou, puxando as cobertas consigo.

— Odeio dizer isso, mas não é o buraco que abriu no telhado?

Bryce se virou com um olhar que dizia que não precisava daquele lembrete. Marianne mordeu o lábio para não rir.

Ele apontou para uma cesta perto da porta.

— Aquela mulher trouxe algumas roupas e comida.

Marianne saiu da cama e, ansiosa, arrastou a cesta até o banco.



Quando Bryce finalmente saiu para buscar um colmador, ela examinou as roupas e selecionou as que lhe serviriam. Depois de arrumar os cabelos, lavar-se e vestir-se, Marianne sentou-se à mesinha.

Seu nariz dizia que encontraria comida nos pratos cobertos.

Uma súbita batida no telhado fez cair sujeira na mesa. Marianne pulou da cadeira e arrastou a mesa para longe. Não impedia que a sujeira continuasse caindo na comida, mas os panos evitavam que seu banquete fosse destruído.

Sentando-se novamente, gritou:

— Divertindo-se?

— Oh, sim. Quer se juntar a nós?

— Obrigada, não. — Ela provou uma fatia de torta de carne e fechou os olhos. Com a boca ainda cheia, gritou: — Se não empregar essa pessoa como cozinheira, é um louco.

— O quê?

— A comida. É maravilhosa. Empregue a cozinheira.

Bryce desceu a escada e pôs o rosto pela janela que Marianne abrira para deixar entrar a luz da manhã.

— Vai me deixar alguma coisa?

— Não. — Ela deu mais uma mordida e revirou os olhos para mostrar quanto a comida estava saborosa, terminando por lambe os lábios.

— É melhor eu me apressar, então.

— Sim, seria bom.

Quando ficou satisfeita, Marianne deixou a comida coberta e apoiou-se no batente da porta para observar Bryce trabalhar junto com o colmador. Era interessante ver o senhor da fortaleza subir e descer a escada, levando ferramentas e material. Era especialmente engraçado ver como o velho sempre espantava Bryce para fora do telhado.

Mas o que realmente chamava atenção dela eram os músculos. Agora que o serviço terminara, Bryce havia tirado a camisa. Já imaginava que tivesse peito e braços fortes, mas não pudera ver antes o dorso bem definido.

— O que está fazendo?

— Oh! — Marianne observou-lhe o peito e lambeu os lábios. — Só estava vendo você... trabalhar.

Bryce ergueu o braço, flexionando os músculos.

— Satisfeita?

Marianne deveria ficar envergonhada por sua ousadia, mas, na verdade, estremeceu visivelmente.

— Não. Mas poderia ficar.

O rosto de Bryce ficou corado. Então ele se aproximou



— Você é muito atrevida.

— E de quem é a culpa?

— Não é minha.

Marianne riu, colocando as mãos para trás para evitar tocá-lo.

— Ainda partiremos hoje?

— Sim. — Bryce vestiu a camisa. — Mas ainda preciso verificar algumas coisas e falar com Edwin, o homem que ficará responsável pela fortaleza, antes de irmos.

— Gostaria que eu fizesse algo?

Bryce riu, um som carregado de paixão que deixava os joelhos dela fracos.

— Posso pensar em algumas coisas.

Marianne recuou para dentro da cabana, chamando-o com o dedo.

— Antes de verificar a fortaleza, não prefere comer... trocar-se... ou fazer alguma outra coisa?

Bryce se aproximou.

— Comer e trocar-me seria bom. *Alguma outra coisa* seria imprudente. Venha comigo. Vou lhe mostrar o que há para ver em Ashforde.

— Com prazer. — Passariam os próximos dias cavalgando. Uma caminhada seria mais do que bem-vinda.

Bryce a puxou, segurando-lhe a mão. Marianne olhou para os dedos entrelaçados, mas não disse nada. Estranha forma de agir de um homem que insistia em dizer que uma união entre eles seria impossível. Talvez Bryce não estivesse tão certo disso quanto imaginava.

Havia chovido a noite toda. Caminharam com dificuldade pelo chão lamacento até alcançarem as tábuas que formavam um caminho até o topo da colina, facilitando o andar e a movimentação de carroças e carrinhos de mão. Trabalhadores e cavalos andavam de um lado para outro, como se tivessem saído de uma tempestade de lama.

Quando alcançaram o topo da colina, Marianne largou a mão de Bryce para apreciar melhor a cena diante de si.

— Oh, Bryce, que local maravilhoso para sua fortaleza.

Olhando para o oeste, ela podia vislumbrar o mar. Na outras direções, as árvores tinham sido removidas para possibilitar ampla visão de quem se aproximasse.

Além da clareira ao norte, havia campos sem cultivo. Agora enegrecidos pelo fogo, talvez estivessem cheios de plantações no próximo verão. Mas como aquelas pessoas fariam para se alimentar no inverno?

Sentia-se doente só de pensar que poderiam morrer de fome.

— Bryce, o que aconteceu com as plantações?



— Foram destruídas.

— E a comida? De onde saiu a comida que me trouxeram essa manhã?

Bryce a puxou para perto.

— Não se preocupe. Ninguém passará fome. Comprei mantimentos que deverão bastar até a primavera. Desde que não sejamos atacados novamente.

— Mantimentos? — Marianne olhou os arredores de Ashforde. — Não vejo lugar para armazenagem.

Ele apontou para algumas construções sendo feitas entre a colina e a paliçada.

— Aquelas serão nossas cabanas de armazenagem para o inverno. Os grãos serão processados no moinho de uma cidade vizinha.

— Isso deve estar lhe custando uma fortuna.

— Felizmente, tenho um suserano generoso e oito anos de ouro conquistado no circuito de torneios.

O que ele precisava era de uma esposa rica. Marianne guardou a idéia para mais tarde. Talvez servisse de isca. Bryce tomou a mão dela.

— Precisamos ir.

Ela não queria ir tão cedo, mas sabia que ele não cederia às suas táticas para adiar a partida. Já no meio do que seria o pátio interno, viu a mulher do dia anterior. Marianne apontou para ela.

— Qual o nome dela?

— Berta. Por quê?

— Bryce, deveria colocar essa mulher para cuidar da cozinha.

— A comida é assim tão boa?

— Excelente.

Bryce chamou Berta. Quando ela se aproximou do caminho de tábuas, Marianne foi efusiva:

— Só queria agradecer pelas roupas e pela maravilhosa refeição.

— Fico feliz que tenha apreciado a comida. — A mulher ficou muito corada.

Bryce aproveitou a deixa.

— Berta, como sabe, Edwin cuidará de tudo enquanto eu estiver afastado.

— Ele explicou a Marianne: — Edwin é marido dela.

— Oh. Poderia ser mais perfeito? — Ela notou que a mulher parecia orgulhosa pela responsabilidade que o marido recebera.

— Concordo. Eu gostaria de saber, Berta, se estaria interessada em cuidar da cozinha de Ashforde.

A mulher deu um passo para trás. Bryce a segurou para que não terminasse caindo na lama.



— Milorde? Deve estar brincando comigo!

— Nunca faria isso.

Um sorriso iluminou o rosto de Berta.

— Fico honrada em aceitar sua oferta, milorde.

— Ótimo. Discutiremos os detalhes quando eu voltar.

Quando a mulher se afastou, Bryce encostou a testa na de Marianne.

— Obrigado.

— Foi um prazer. Conseguimos lidar muito bem com a situação, não foi?

Bryce demorou a responder, como se os pensamentos tumultuassem sua mente.

— Sim, Marianne, tem razão.

Então, ele a conduziu de volta à cabana.

— Tenho de resolver alguns assuntos, mas partiremos assim que eu voltar.

Marianne começou a recolher as roupas e os itens de banho que deixara espalhados. Depois arrumou a cama. Parecia-lhe natural cuidar dessas tarefas comuns. Era incapaz de manter o próprio quarto arrumado, mas ficaria feliz em fazer isso para Bryce pelo resto de seus dias.

Tinham lidado muito bem com Berta. Era como se estivessem casados há muitos anos.

Olhando para fora, concluiu que Ashforde seria uma bela fortaleza quando estivesse pronta. Mas seriam necessários anos de trabalho árduo para que a fortaleza pudesse adquirir uma rotina como a de Faucon.

No fundo do coração, sabia que ela e Bryce poderiam cuidar disso juntos. Ter com quem compartilhar o trabalho tornava o fardo menos pesado.

Se ele ao menos a ouvisse...

Descobriria uma maneira de convencê-lo antes que chegassem a Faucon.

Terminando de arrumar a cama, Marianne decidiu separar roupas limpas para que Bryce pudesse se trocar.

No canto do cômodo havia um baú. Mexendo nas camisas e calças, acabou por desfazer o embrulho que envolvia uma espada.

Não querendo que Bryce pensasse que estava bisbilhotando, tentou endireitar o tecido, mas ficou paralisada.

Não, não podia ser possível.

Inúmeras perguntas surgiram em sua mente. Mas uma não parava de atormentá-la: o que Bryce fazia com a espada dela?

Capítulo Treze



Marianne correu o dedo pelo falcão entalhado na lâmina. Era uma cópia quase autêntica, embora tivesse imperfeições.

Quem se daria ao trabalho de copiar sua espada? E por quê?

Marianne se sentou com ímpeto na cama. Alguém leal à imperatriz Matilda tinha a cópia de uma arma que pertencia a um partidário do rei Stephen.

Por quê? Algo estranho estava acontecendo.

Bryce surgiu na porta da cabana. Olhando para o baú aberto, ele respirou fundo antes de fechar a porta com um chute.

— Eu disse que precisávamos conversar.

— Então fale.

— Largue a espada primeiro.

Marianne o ignorou e levantou-se. Firmando os pés, segurou a espada com ambas as mãos.

— Se quer que eu largue a arma, terá de tirá-la de mim.

Bryce deu de ombros. Já tinha visto como ela lutava. A fraqueza de Marianne estava no lado esquerdo, por isso fingiu ir para a direita.

Esquivou-se da espada, longa e pesada demais para Marianne. Antes que ela pudesse erguer a arma, agarrou-lhe o punho esquerdo. Marianne acabou abrindo a mão, deixando a espada cair no chão.

Bryce a empurrou para a cama.

— Sente-se.

Guardou a espada no baú e fechou a tampa. Marianne o obedeceu, mas sentou no banco. Bryce parou diante dela, colocando um pé sobre o banco. Depois de apoiar o braço sobre a coxa, inclinou-se na direção dela.

— Você pergunta, eu respondo.

Marianne tentou afastar-se, mas foi impedida pela posição que Bryce tomara.

— Onde conseguiu a espada?

— Estava entre as cinzas do que antes era minha fortaleza.

Pelas emoções que surgiram no rosto dela, compreendeu que ela relutava em aceitar as conclusões óbvias.

— Como poderia ter aparecido aqui?

Bryce deu de ombros.

— Não sei. Talvez tenha sido esquecida pelo dono.

— Acha que um Faucon incendiou Ashforde?

— O que pensaria no meu lugar?

Sem querer aceitar aquela possibilidade, Marianne meneava a cabeça.



— Quando o incêndio aconteceu?
— No último verão.
— Rhys estava em casa. Darius estava em Faucongate.
— Ainda sobra um irmão.
— Gareth está reconstruindo Browan. Não teria tempo, nem disposição.
— Não seria necessário muito tempo. Browan fica perto daqui. Não mais que um dia de viagem.

— Não, não foi Gareth. — Marianne defendia o irmão com veemência. — Além disso, a espada não pertence a nenhum deles.

Bryce bufou.

— Quem mais carregaria uma espada com um falcão gravado na lâmina?

Marianne o fitou.

— Eu. — Ela apontou para o baú. — Aquela arma é uma cópia mal-feita da minha espada.

Bryce jamais imaginaria que Marianne possuísse arma própria. Contudo, agora que a conhecia, não podia desconsiderar o fato.

— Como pode saber que é a sua?

— Fácil. Cada um de nós tem seu emblema na espada. Rhys é a águia dourada. Gareth é o falcão pronto para atacar. Darius é o falcão em repouso.

— E o que é aquilo senão um falcão em posição de ataque? — Outro sinal que apontava Gareth de Faucon como culpado.

— A ave na lâmina é um filhote de falcão. Está sobre um rochedo, observando o próprio ninho. As marcas que parecem arranhões, na verdade, formam o desenho do ninho. — Ela ergueu as sobrancelhas. — Qual de nós seria considerado um filhote de falcão?

Bryce conteve um resmungo. Claro que o filhote seria ela.

— Como saber se um de seus irmãos não usou sua espada para despistar a própria identidade?

Marianne riu.

— Eles não seriam tão covardes. E a espada é só uma cópia.

— Parece ter muita certeza.

— E tenho. Eu deveria ser capaz de usar a espada com facilidade. Mas sem bom equilíbrio entre a lâmina e o punho, fui incapaz de me defender.

Bryce sentou-se ao lado dela, sem fazer comentários quando Marianne se afastou um pouco. Estava muito preocupado com aquela virada de fatos. Colocar certa distância entre eles não era má idéia.

— Não estou dizendo que acredito na inocência de seus irmãos. Mas se não foi um deles, quem poderia ter sido?



— E se alguém quisesse que você acreditasse que foi um dos meus irmãos, sabendo que você iria retaliar?

— Isso é possível, mas é difícil de acreditar. Até o verão passado, eu não passava de um mercenário sem qualquer homem sob meu comando.

— E o que aconteceu no verão para mudar essa situação?

— Salvei a vida de meu suserano e ganhei Ashforde.

— Uma pena, embora Ashforde seja um grande prêmio.

— O comentário sobre a imperatriz era desnecessário.

Marianne deu de ombros.

— Não espere um pedido de desculpas.

A zombaria dela seria divertida se o momento não fosse tão sério. O sarcasmo de Marianne só servia para irritá-lo. Bryce levantou e afastou-se do banco.

— Não esperaria isso de você.

— O que quer dizer?

— Você é uma Faucon, não é? Pelo que sei, não pedem desculpas por nada.

— Como pode tirar conclusões sem conhecê-los?

— Rumores. E se metade deles for verdadeira, é fácil concluir que a arrogância governa sua família.

— Arrogância?

— Sim. Acreditam-se capazes de qualquer coisa.

Marianne desejava ser um ratinho na corte da imperatriz Matilda, apenas para escutar as mentiras que falavam de seus irmãos.

— Hum. Opinião interessante. Então devem existir aqueles que acreditam que os Faucon merecem pagar pela arrogância.

— Talvez.

— E você é um deles? Isso justifica sua vingança?

Bryce foi até a porta em três largas passadas. Abriu-a e apontou para a colina.

— Não. Não fundamento minha vontade de vingança em rumores. Aquilo já justifica. A completa e total devastação de Ashforde.

— Basta! — Marianne levantou-se. — Como posso fazê-lo entender que eles não destruíram Ashforde?

Ele fechou a porta com força.

— Como pode ter tanta certeza?

— Eu tenho. Bryce, eles não são monstros.

— Quantos não morreram sob a lâmina de suas espadas?



— Em batalha. Apenas em batalha. Nenhum deles causaria a morte de um homem sem ser provocado. Apesar de turbulentos, meus irmãos fazem de tudo para zelar por quem está sob seus cuidados.

Os lábios de Bryce se curvaram num sorriso de escárnio.

— Palavras são insignificantes. Minha opinião baseia-se apenas nos fatos.

Marianne ressentia-se do sarcasmo. A vontade de lhe dizer que era tão arrogante, zombeteiro e confiante quanto os irmãos era grande. Mas sabia que isso não os levaria a nada. Provavelmente só pioraria as coisas.

— Então, por que está aqui, Marianne?

Ela franziu a testa.

— Era o zelo deles que a protegia naquela noite em que os quatro patifes a agarraram?

— Quatro patifes?

— Sim, os quatro homens que a arrastaram da feira.

Marianne deu um passo para trás.

— Como sabia disso?

— Você me contou.

— Não. — Ela meneou a cabeça. — Não, não contei.

— Contou sim. Disse que seu grande erro foi ter ido à feira sozinha.

— E foi tudo o que eu disse.

Quando Bryce arregalou ligeiramente os olhos, Marianne sentiu-se enjoada.

— Você estava em Faucon.

— Sim.

— Por que razão?

— Vingança. Eu pretendia raptá-la.

Antes que as pernas fraquejassem, ela se sentou novamente no banco, abraçando o próprio corpo.

Bryce praguejava silenciosamente contra sua raiva... e contra sua estupidez. Não queria que Marianne descobrisse tudo ainda.

— Marianne, naquele momento eu tinha certeza de que um de seus irmãos havia destruído tudo o que eu possuía.

— E agora? — A voz era tão baixa, tão desamparada que Bryce queria fugir da mágoa que lhe causara.

Parou diante do banco, mas Marianne desviou o rosto.

— Realmente não sei. A prova que tenho aponta para eles. Mas nada disso parece fazer sentido.

— Por que me salvou?



A tristeza pontuava a raiva na voz de Marianne. Ele queria mentir... proteger o coração dela. Mas seu senso de honra o obrigava a contar.

— Para levá-la de volta a Faucon. Pretendia usá-la para me aproximar de sua família.

O lábio de Marianne estremeceu.

— E o que foi a noite passada? Uma maneira de conquistar meu coração? Ou um modo de vingar-se dos Faucon?

Bryce lamentava a dor que causava a ela. A vontade de tomar Marianne nos braços e afastar seus temores era quase esmagadora. Segurou o rosto dela pelo queixo.

— Pode pensar o que quiser de mim. Mas saiba disso Marianne: se eu quisesse me aproveitar de você. Já teria feito. Voltaria para Faucon completamente arruinada. Esta entendendo?

Marianne fechou os olhos.

— Só entendo uma coisa nesse momento. — Quando Marianne abriu os olhos, o peito de Bryce se apertou ao ver que perdera a confiança dela. — Quero voltar para casa.

Não tinha palavras que pudessem amenizar a dor de Marianne. Não sabia o que fazer. Afastou-se dela e rumou para a porta.

Capítulo Catorze

Faucon, Normandia 28 de outubro de 1143

Quando alcançaram as terras de Faucon, as coisas só tinham piorado. Havia três dias que Marianne o ignorava. Não era tanto o silêncio que o incomodava, mas a completa apatia da parte dela. Bryce queria que ela gritasse ou chorasse. Mas tratá-lo como se ele não existisse o deixava extremamente perturbado.

Cuidar das necessidades dela, comida, água, abrigo, nesses últimos dias tornara-se um hábito que não queria abandonar. Ficaria feliz por passar o resto de seus dias cuidando de Marianne. Mas não era idiota a ponto de acreditar em sonhos que nunca se tornariam realidade.

Certo de que não seriam bem-vindos em Faucon, ordenara que Sir John e Eustace fossem para Warehaven.

Por alguma razão, tinha imaginado que sem os homens por perto Marianne se sentiria à vontade para expressar sua raiva... ou seu medo. Mas agora que cruzavam os domínios dos Faucon, a oportunidade de acabar com aquele silêncio estava perdida.



Mais adiante havia uma bifurcação na estrada. A trilha, da direita os levaria diretamente a Faucon Keep. A da esquerda adentrava na floresta.

Quando alcançaram a bifurcação, Bryce praguejou e parou o cavalo. Mesmo sem se virar, perguntou:

— O que quer que eu faça, Marianne?

Ela parou ao lado dele, lançando um olhar que falava por si só.

— Sobre o quê?

Bryce sabia que ela criaria dificuldades, por isso não ficou surpreso.

— Ashforde. Seus irmãos.

— Ashforde não me diz respeito.

— Seus irmãos, então.

Marianne ficou calada. Isso o deixou realmente surpreso.

— Quer que eu desista da minha vingança?

— Faria isso?

Que melhor maneira de desmoralizar a si mesmo como homem senão permitindo que os responsáveis pela destruição de Ashforde ficassem impunes?

— Sim. Por você, eu seria capaz de castrar a mim mesmo.

Marianne assustou-se não só com a imagem que lhe veio à cabeça, mas também com o que aquilo significava para Bryce.

Será que algum de seus irmãos recuaria de algo que consideravam uma questão de honra?

Não precisava pensar para encontrar resposta. Não, nunca.

E era isso o que a situação significava para Bryce: uma questão de honra. Podia compreendê-lo. Contrariar isso, como ele mesmo dissera, seria castrá-lo.

Não podia permitir que Bryce sentisse vergonha de si mesmo dessa maneira.

— Não posso pedir que faça isso, Bryce.

O suspiro foi audível.

— Então o que quer que eu faça?

— Não sei. Não é certo que eu tome essa decisão.

— Não é certo?—As palavras saíram abafadas. — Nada disso está certo. Não é certo que não a tenha conhecido em circunstâncias diferentes. Não é certo que eu a magoe. Não é certo que você tenha meu coração em suas mãos e eu não possa fazer nada a respeito. Nada disso é certo.

Sem fala, Marianne lutava para controlar as batidas do coração.

— Só quero saber o que você pensa dessa situação. Isso é tudo. Não precisa tomar decisões por mim. Só me diga o que você espera que aconteça.

Meio que para si mesma, ela respondeu:



— Só queria que descobrisse quem realmente destruiu Ashforde.

— Nada impede que isso seja feito por nós.

— Nós? — Marianne ficou sem fôlego quando ele lhe segurou a mão. Seu coração se contraiu enquanto o toque aquecia seu corpo.

— Sim, Marianne. Nós. Seria estranho duas pessoas trabalharem juntas por um objetivo comum? Não está curiosa para saber quem seria tão audacioso para copiar sua arma?

Sim, ela gostaria de desvendar aquele mistério.

Queria muito confiar em Bryce.

A mente de Marianne lembrou a declaração que ele fizera noites atrás. Imaginando que ela estivesse dormindo, Bryce havia dito que o coração dele sempre lhe pertenceria. E agora praticamente confessara a mesma coisa.

Marianne fechou os olhos, sentindo-se confusa. Ela mesma não tinha dito a Gareth que seu coração merecia encontrar o amor?

— A quem você serve, Bryce de Ashforde?

Bryce tocou o rosto dela.

— Você. Sirvo a você, Marianne de Faucon,

O palafrém dela se inquietou com a proximidade do outro cavalo. Marianne refreou o animal e virou para a esquerda, para longe de Faucon Keep.

— Então, siga-me.

Darius de Faucon voltou para onde tinha deixado o cavalo. Parecia que a pequena Faucon finalmente encontrara seu par. Infelizmente, o homem não servia o rei Stephen, fato que Marianne obviamente sabia, a julgar pela pergunta que fizera.

Montou o cavalo, satisfeito por ter seguido os dois sem ser visto. Ao menos sabia para onde ela ia.

Podia fazer idéia do que aconteceria na cabana de caça. O certo seria arrastá-la para a fortaleza. Mas já não tinha feito o mesmo? Era bem jovem quanto ele e Marguerite decidiram consumir o amor que sentiam.

Não queria envergonhar Marianne assim como o pai o envergonhara naquela longínqua data. Por isso, lhe concederia esta noite. Quando Rhys soubesse o que estava acontecendo, era provável que aquela noite fosse tudo o que restaria a Marianne.

Darius voltou para onde seu capitão, Sir Osbert, estava esperando com o prisioneiro amordaçado.

— Continuaram seguindo para a fortaleza? — perguntou Osbert.

— Não. Foram para as cabanas de caça.

O capitão assobiou.



— O conde ficará furioso.

— Sim. Felizmente o homem é um conde também. — Darius franziu a testa.
— Só me pergunto se o novo conde de Ashforde será forte o suficiente para enfrentar Rhys. Pelo bem de Marianne, espero que sim.

— Não seria melhor alertá-lo?

— Pensei o mesmo. — Darius olhou para o prisioneiro capturado em Hampshire. — É uma pena que nosso prisioneiro não possa dizer mais nada.

A única coisa que tinham descoberto era que Ashforde tinha raptado Marianne em vingança pela destruição que os Faucon tinham cometido em Ashforde. Mas os olhares furtivos e a fala apressada do homem deixavam Darius desconfiado.

— Vou para a cabana maior para ver se consigo apanhar Ashforde sozinho.
— Indicou o prisioneiro. — Leve nosso... convidado... para a cabana mais afastada. Eu o encontrarei lá. Melhor chegar em Faucon quando todos estiverem dormindo.

Se alguém descobrisse que Marianne estava por ali, na companhia de um homem, todos sairiam à procura dela. Era melhor que a irmã voltasse para a fortaleza por conta própria.

Quando os três homens saíram da floresta, o som de carroças e cavalos fez com que Darius sinalizasse para que Osbert recuasse.

Passada a comitiva, Osbert veio ter com Darius, trazendo o prisioneiro.

— Parece que Glynnsen mudou de lado novamente.

O conde de Glynnsen vivia oscilando entre o rei e a imperatriz.

— Está trazendo seu séquito para Faucon? Por que não ir diretamente até o rei?

Quando Darius se voltou para responder, viu como os olhos do prisioneiro estavam arregalados. Estaria com medo de Glynnsen? Ou da presença do homem ali em Faucon?

— Não sei responder, Osbert. — Mas sabia que os próximos dias ali em Faucon se provariam os mais interessantes, senão os mais perigosos, dos últimos tempos.

Marianne desmontou na frente da cabana maior, a que ficava mais afastada de Faucon.

— Cuide dos cavalos enquanto vejo que provisões há lá dentro.

Bryce levou os cavalos para trás da cabana. Marianne entrou e procurou pelo único baú que havia lá.

Era óbvio que Darius já não usava a cabana com a mesma frequência de antes. Ali só havia roupas de cama, uma panela, uma pederneira para acender o fogo, uma rede e uma adaga.



— Os cavalos já estão acomodados. — Bryce entrou. Depois de olhar rapidamente ao redor, disse: — Tão confortável quanto minha casa.

Estava tentando diminuir a tensão que sentia. Marianne apenas deu de ombros.

— É apenas um abrigo para caçadores. Darius costumava mantê-la suprida, mas acho que não vem mais para cá. — Marianne olhou para o sol. — Estou ficando com fome.

— Então é melhor eu colocar minhas habilidades com a caça em prática antes que escureça. — Bryce viu a pederneira. — Consegue acender o fogo?

— Claro que sim. — Marianne apontou para o baú. — Leve a rede, pode ser útil.

— Certamente, *milady*. — Ele jogou a rede sobre o ombro, mas, antes de chegar à porta, voltou para junto de Marianne. — Estará aqui quando eu voltar?

Marianne viu a ruga na testa dele. Poderia atormentá-lo um pouco, mas concluiu que três dias já tinham sido o bastante.

— Sim, estarei aqui. Prometo.

Bryce agarrou o faisão e quebrou-lhe o pescoço antes que escapasse. Já era a terceira vez que tentava apanhar uma ave com a rede. Nas outras duas tentativas só apanhara galhos e folhas. Podia até jurar ter ouvido as aves rindo dele a distância.

Depois de enrolar o faisão na rede e pendurá-lo no ombro, começou a voltar para a cabana. Para Marianne.

Uma faca na garganta o deteve. Sem pensar, buscou a espada. Contudo, a pressão da arma e o sangue que começou a descer pela garganta o detiveram.

— Conde Ashforde, sabia que falcões só têm um parceiro pela vida inteira?

Qual irmão seria? A lâmina deslizou por seu queixo, ferindo-o, antes que uma mão o puxasse pelo ombro.

O homem era da sua estatura e aparentava sua idade. Pelo que tinha ouvido, o conde de Faucon era alguns anos mais velho e tinha uma cicatriz ao longo do rosto. Diziam que o segundo irmão era um verdadeiro gigante. Esse devia ser o mais novo, Darius.

Bryce levou a mão à garganta. Os cortes não eram fatais.

Darius tinha puxado a espada e agora a apontava para o peito de Bryce.

— Imagino que seja Darius de Faucon.

— Sim. Entregue a espada e sente-se. Precisamos conversar.

Bryce tinha a impressão de que Dariusalaria e ele apenas ouviria. Mas a curiosidade fez com que ele obedecesse.



Quando sentou no chão frio, Darius se apoiou numa árvore. A postura relaxada não enganava Bryce. Se fizesse um gesto suspeito, a espada de Faucon o lançaria ao chão em segundos.

— Você é um péssimo caçador.

Bryce não tinha como discutir.

— Estou sem prática, só isso.

— Se for tão mal em todo o resto como é caçando, como será capaz de cuidar da minha irmã?

Não era esse tipo de conversa que Bryce esperava.

— Como?

Darius limpava o sangue de sua adaga.

— Não seja idiota. Eu disse que falcões só têm um parceiro para toda a vida. Se seu coração realmente pertence à minha irmã, imagino que consertará as coisas assumindo-a como esposa.

Céus, o homem tinha escutado a conversa deles na estrada.

— E se ela não concordar?

Faucon deu uma sonora gargalhada.

— Eu vi como ela o olha. Ouvi o tom da voz dela. Marianne já tomou uma decisão.

Bryce engoliu em seco. Tinha deixado suas costas desprotegidas. Darius o poderia ter matado a qualquer instante. Só de pensar nisso ficava enjoado.

— Talvez. Mas o que isso importa? Duvido que o conde concorde com esse casamento.

— Verdade.

Então por que estava discutindo esta possibilidade? O irmão de Marianne era louco? Darius suspirou.

— Deixe-me explicar. Eu capturei um de seus homens em Hampshire. Ele confessou que você raptou Marianne com a intenção de usá-la em sua vingança contra nossa família.

Bryce engoliu em seco.

— Essa não é exatamente a verdade.

— Foi o que imaginei. Mas acho que não está muito longe dos verdadeiros fatos que farão com que fique preso na torre de Faucon pelo resto da vida.

— Como capturou meu homem? Qual deles está com você?

— Eu os tenho vigiado desde Devon. O guarda mais velho ficou em Hampshire, mas o mais novo parecia decidido a segui-lo. Simplesmente ofereci minha embarcação para que ele atravessasse o canal.

Sir John estava seguindo-o? Por que desobedeceria uma ordem direta?



Darius continuou:

— Eu diria que não sabe escolher direito seus homens ou que não os paga bem. De qualquer forma, esse solta a língua muito rápido e parece gostar de embelezar a verdade.

Ainda refletindo sobre as motivações de Sir John, Bryce respondeu:

— Eu não os escolhi.

— Ah, um favor da imperatriz ao receber o título e a propriedade?

Bryce concentrou a atenção em Darius.

— Você me pegou em desvantagem. Parece saber de tudo, enquanto eu me sinto completamente perdido.

— Permita-me compartilhar o que sei.

— Oh, por favor. — Bryce não conseguiu conter o sarcasmo na voz.

Faucon ignorou o fato e começou a contar o que sabia:

— Você é o novo conde de Ashforde. Fortaleza, campos e grande parte da aldeia foram destruídos num incêndio que nenhum Faucon causou.

— Por que deveria acreditar em sua inocência?

— O que qualquer um de nós iria querer com Ashforde? — Darius parecia realmente confuso. — As terras de nossa família são hereditárias. Nossas propriedades são vastas o bastante para nos satisfazer por gerações.

Bryce pressentia que Darius não estava mentido.

— Eu sei que é leal à imperatriz Matilda. — Darius parou para sorrir. — Mas serve apenas a Marianne de Faucon.

Por que tinha a sensação de que o irmão dela ria dele?

— Sei que ganhou minha irmã num jogo de dados. Presumo que fosse trazê-la diretamente para casa, mas tinha assuntos urgentes para resolver em Ashforde primeiro. Isso explica a demora.

— Eu...

Faucon ergueu a espada, impedindo Bryce de falar.

— Você ia trazê-la diretamente para casa, mas tinha assuntos urgentes para resolver em Ashforde primeiro.

Era uma espécie de alerta, por isso Bryce resolveu aceitá-lo.

— Sim, precisamente.

— Ótimo. Também sei que minha irmã nunca entregaria o coração a um homem incapaz de enfrentar o conde de Faucon.

Bryce arregalou os olhos. O que esse Faucon estava tentando dizer?

Darius pareceu notar sua confusão, pois praguejou antes de perguntar:

— Você ama Marianne ou só está brincando com ela?

— Sim, eu amo Marianne, mas esse amor é impossível.



— Não me faça espancá-lo.

A afirmação deixou Bryce irritado.

— Se acha que pode, venha tentar.

Darius assentiu.

— Sim. Essa é a atitude que garantirá seu amor.

— O quê? Não fale por enigmas.

— Minha esposa também não apóia o rei Stephen. Isso não faz diferença, eu ainda a amo. Essa guerra pela coroa não será eterna. Mas, pelo que vi, Marianne o amará para sempre. Se você a amar ao menos um pouco, lutará por ela.

— Eu enfrentaria o próprio Satã, mas nunca um membro da família dela.

Darius bateu no braço de Bryce com a lateral da espada.

— Sim, terá de enfrentar. Rhys vai querer sua cabeça. Não posso fazer mais nada, o resto é por sua conta. Não terá escolha senão enfrentá-lo.

— E como faço para lidar com a fúria de Marianne?

Darius riu novamente, embainhando a espada.

— Só lhe concedo essa noite. — Afastou-se, acrescentando por cima do ombro: — Se não encontrar uma solução para essa questão até amanhã de manhã, não merece o amor de Marianne.

Capítulo Quinze

Os pensamentos de Bryce ainda estavam tumultuados quando ele chegou à cabana. Se tinha entendido bem, Darius estava lhe dando permissão para que deitasse com Marianne.

Por que Faucon faria isso? Não tinha dado a impressão de odiar a irmã. Pelo contrário, parecia preocupar-se muito com ela. Então o que ganharia se Bryce aceitasse a sugestão?

Era impossível que Darius estivesse agindo no interesse de Marianne. Aliás, mais uma das coisas impossíveis com as quais precisava lidar no momento.

Se os Faucon não eram culpados por destruir Ashforde, então quem era?

E como Sir John se permitira ser capturado? Por que a imperatriz lhe oferecera um homem tão indigno de confiança?

Com a mente longe dali, Bryce tropeçou numa sacola. Ali havia queijo, pão, carne de porco salgada e um odre de vinho. Examinou as árvores que rodeavam a cabana, mas não viu nada.

Como a comida dificilmente teria sido deixada ali por espíritos, imaginou que aquilo era obra de Darius. Será que Marianne tinha falado com o irmão?



O coração de Bryce se apertou. Ainda estaria lá dentro?

Uma vela iluminava a pequena cabana, assegurando que Marianne ainda estava ali.

Vê-la dormindo na cama estreita o acalmou, mas não serviu para controlar as batidas de seu coração. Deixou o faisão em cima do baú.

— O que apanhou?

Surpreso com a pergunta, ele ergueu a sacola.

— Um faisão.

Marianne sentou na cama. ,

— E o que pegou com a rede?

Ao olhar para o que erguia na mão, Bryce resmungou:

— Peguei o faisão com a rede. Mas alguém deixou isso aqui na frente.

— Quem? Não vi ninguém.

— Acho que foi seu irmão Darius.

— O que aconteceu com seu pescoço? — O grito de Marianne encobriu a resposta. Ela praticamente correu até ele.

— Estou bem. — Bryce deixou a sacola em cima do baú e agarrou as mãos dela antes que Marianne o tocasse.

— Bem? Está sangrando!

— É só um arranhão. — Tentando fugir dela, recuou até a parede. — Não precisa se preocupar.

— Eu decido isso já que não pode ver o ferimento. — Ela meneou a cabeça.
— Melhor limpar isso. Sente-se na cama.

— Já disse que estou bem. — A última coisa que queria era ficar perto da cama.

Marianne tentou limpar um pouco do sangue. A dor que Bryce sentiu lhe revelou a gravidade do ferimento.

— Pensei que era só um corte.

— Não venha me dizer que o faisão causou isso.

— Já lhe disse quem foi. Seu irmão Darius.

Marianne se deteve por um instante.

— Darius? Não falou dele.

— Falei, sim.

Seu grito a impediu de ouvir. Marianne ergueu o nariz, colocando as mãos nos quadris.

— Eu nunca grito.

Depois de pegar trapos no baú, ela tirou o odre de vinho da sacola.

— Sente-se na cama para que eu possa limpar o sangue.



Bryce olhou para a cama antes de fitar Marianne novamente.

— Acho que não é prudente usar a cama.

Marianne ficou surpresa, mas antes que Bryce pudesse se explicar, já tinha sido empurrado para a cama.

— Não se preocupe, Bryce de Ashforde, não o atacarei... — Ela sorriu antes de acrescentar: — Ainda.

— Não é isso que me preocupa.

— Então o que é? Não é meu irmão, já que o deixou vivo.

— Apenas por essa noite.

Marianne franziu a testa.

— Ele sabe que estou aqui?

— Sim.

— E deixou você voltar sem lutar?

— Sim.

— Hum. — A ruga na testa se aprofundou. — O que ele estará tramando desta vez?

— Estive me perguntando o mesmo.

Marianne abriu o cinto da espada de Bryce e os deixou aos pés da cama.

— O que ele disse?

— Está tentando me distrair?

Marianne o ajudou a tirar a túnica.

— Só quero tirar sua cota para limpar seu pescoço.

Bryce a afastou com gentileza.

— Tem algum riacho aqui perto?

— Sim, atrás da cabana. Mas vai acabar morrendo congelado com a água fria.

— Duvido. — Do jeito que o calor se espalhava por suas veias, seria impossível congelar. — Volto logo.

Marianne esperou que ele saísse para se jogar às gargalhadas na cama. Ele iria se valer da água fria novamente para acalmar seu ardor.

Não fazia idéia de que isso duraria pouco tempo. Já tinha decidido fazer bom uso daquela noite. Bryce de Ashforde seria o único homem que teria por marido. Se Rhys proibisse a união, ela fugiria.

E se por alguma razão Bryce não a quisesse por esposa, não haveria outro homem em sua vida e aquela noite seria tudo o que lhe restaria.

Marianne empilhou as roupas sobre o baú e arrumou a comida sobre o banquinho. Bryce não teria alternativa senão sentar-se na cama.



Desfez as tranças, penteando os cabelos com os dedos. Tinha ouvido as mulheres que trabalhavam no castelo dizendo que os cabelos soltos de uma mulher eram capazes de tentar um homem.

Era hora de testar se o comentário era verdadeiro.

Sabendo que Bryce voltaria logo, Marianne tirou o vestido. O ar da noite estava tão frio que ela deixou a roupa sobre o baú e correu para a cama. Não tinha coragem suficiente para tirar a camisa, como faria normalmente, por isso simplesmente se enrolou nos cobertores.

Acomodada na cama, perguntas começaram a surgir em sua mente. Darius sabia que ela estava ali, mas não viera buscá-la. Isso significava que aceitava aquele relacionamento?

Teria dito isso a Bryce? Não podia imaginar um de seus irmãos permitindo que um homem passasse a noite com ela.

Não fazia sentido. Mas não questionaria o presente que recebera.

O que fazer para convencer Bryce de que aquela noite talvez fosse a única? Esqueceria da honra em favor da paixão? Em favor do amor?

A porta da cabana foi aberta, deixando-a ansiosa.

— Está acordada? — As palavras pareciam hesitantes.

Marianne o fitou, ordenando:

— Venha para a cama. Seus lábios estão quase roxos de frio.

Bryce largou a cota no chão, meneando a cabeça. Marianne revirou os olhos.

— Do que está com medo?

— Medo? — Ele ergueu as sobrancelhas. — Não tenho medo de nada.

Falava feito uma criança teimosa. Marianne apontou para a comida.

— Então venha se enrolar no cobertor. Pode me contar o que meu irmão lhe disse enquanto come. — Era como a mãe repreendendo o filho.

Não era o tipo de relação que queria naquela noite. Não, as imagens que desejava eram mais... carnavais... adultas... Acabou estremecendo.

— Está com frio? — Bryce sentou na beira da cama, mantendo distância.

Ela refletiu antes de responder:

— Estou congelando. — Estremeceu novamente.

Bryce se livrou das botas antes de erguer as pernas na cama e puxá-la contra o peito.

— Duvido que esteja sentindo tanto frio quanto eu.

Marianne suspirou. Assim era bem melhor. Aconchegou-se mais, abraçando Bryce pela cintura, ouvindo as batidas ritmadas de seu coração.

— Então, o que meu irmão contou?



Bryce contou brevemente sobre o que descobrira em seu encontro com Darius.

Marianne suspirou. Nem podia imaginar como Rhys receberia todas aquelas informações.

— Então meu irmão o deixou voltar, sabendo que ficaríamos aqui sozinhos?

— Sim. Mas isso não é tudo. — Bryce apanhou um pedaço de pão da mesa improvisada. — Está com fome?

O tom irritado a fazia imaginar o que Darius teria dito. Bryce ergueu o banquinho para que ela escolhesse o que desejasse.

Enquanto mastigava, Marianne retomou a conversa.

— O que mais ele disse?

— Bem, disse que o conde fará de tudo para me intimidar.

— Isso é verdade. Rhys sempre se vale da intimidação primeiro. Geralmente o poupa de usar a força. — Marianne bebeu um pouco de vinho. — Não o deixe levar a melhor. Enfrente-o.

— Foi o que Darius sugeriu. — Bryce erguia o banquinho novamente. — Quer mais?

— Não. Estou satisfeita, obrigada. — Sem ter como limpar as mãos, Marianne lambia os dedos. — O que mais ele sugeriu?

Como Bryce continuasse em silêncio, Marianne ergueu os olhos. O olhar dele a incendiou. Uma mistura de carência e desejo que fez seu coração disparar.

— Bryce? — Marianne ficou de joelhos. Apoiando as mãos sobre o peito dele, podia sentir o coração batendo tão furiosamente quanto o dela. — Ele falou algo sobre nós?

Com um gemido, Bryce arrancou a camisa e não demorou a livrá-la da peça que ainda vestia. Puxou Marianne contra o peito, sussurrando em tom rouco:

— Ele disse que falcões só têm um parceiro na vida.

Sentir os braços fortes de Bryce ao seu redor espalhava tremores por todo seu corpo.

— Sim, é verdade.

Bryce enterrou o rosto nos cabelos dela.

— Como não sei o que o futuro nos reserva, não tenho o direito de pedir que compartilhe seus dias comigo.

Marianne se escarrapachou na cintura dele. O calor da pele fazia a carne entre suas pernas arder. Ela arfou, mas manteve o olhar fixo em Bryce.

— Nenhum de nós tem o amanhã garantido. Não nos resta senão o agora e a esperança de que mais dias virão. Compartilharei essa noite com você. E todos os dias rezarei por mais uma noite.



Bryce lhe acariciou o seio. Marianne se entregou ao toque, arfando enquanto ele lhe estimulava o mamilo com o polegar.

Começou a deixar uma trilha de beijos desde a testa, descendo pela bochecha, alcançando a boca, os lábios mal tocando os dela.

— Então deixe-me amá-la essa noite para que juntos rezemos pela próxima.

As palavras a excitaram. A protuberância que a pressionava entre as coxas permitia que soubesse que a paixão de Bryce era tão intensa quanto a dela.

Com um gemido, ele deitou Marianne de costas, as pernas ao redor dela e o peso sustentado pelos cotovelos. Marianne lhe cingiu o pescoço, os dedos acariciando os cabelos ainda molhados.

As bocas se encontraram. Era uma carícia feroz que roubava o fôlego de Marianne. Uma carícia selvagem que prometia mais paixão do que ela poderia imaginar e exigia resposta à altura.

Cada centímetro do corpo dela ardia de desejo e pulsava numa desesperada carência. Marianne prendeu-se ainda mais ao pescoço de Bryce, arqueando as costas para ficar mais próxima.

Bryce afastou os lábios, perguntando bruscamente:

— Confia em mim, Marianne? — A chama da vela refletia-se nos olhos dele.

— Sim.

Ele afastou os braços dela e começou a acariciá-la.

— O que você... — Marianne arfou quando as pontas dos dedos circundaram o seio.

— Quero saborear cada instante dessa noite Quero memorizar cada centímetro seu.

O hálito quente lhe tocava a orelha. Marianne arfou novamente quando a carícia alcançou o mamilo, gemendo quando a boca de Bryce substituiu os dedos.

As mãos foram descendo, demorando-se em seu toque luxurioso desde a cintura até as pernas. Alcançando os joelhos, encontraram um ponto que fez Marianne dar risadinhas e se contorcer. Ao mesmo tempo, o movimento deu oportunidade para que a perna musculosa de Bryce se colocasse entre as dela.

O movimento insistente entre as coxas fez com que as risadinhas de Marianne se transformassem em suspiros de prazer.

Quando aquele tormento se concentrou em seu ponto mais sensível, sua respiração falhou. Bryce lhe acariciou com os dedos. Arrebatada por ardente necessidade, Marianne agarrou-se às cegas aos ombros dele.

— Bryce, por favor.

Ele afastou-se o suficiente apenas para se livrar das roupas antes de se ajoelhar entre as pernas dela.



Marianne estendeu os braços num convite, mas, com um sorriso malicioso, Bryce entreabriu as coxas dela e inclinou-se para estimulá-la com os lábios e a língua.

Ela sentia-se consumir em chamas. Agarrando-se aos lençóis, tentava respirar para conter os espasmos em seu corpo. As pernas se contraíram e, inconscientemente, o corpo de Marianne se ergueu da cama.

Bryce gemeu ao se inclinar sobre ela.

— Tentarei não machucá-la.

Marianne mal compreendeu o que ele dizia, tomada pelo desejo. Machucá-la? Como? Antes que pudesse pensar numa resposta, Bryce a tomou numa única investida.

Marianne não sentiu mais do que uma leve pontada de dor, que desapareceu antes mesmo que a apreendesse completamente. Bryce estava parado.

— Não. Não pare. — Ela se arqueou contra Bryce, tentando encontrar o ritmo perfeito entre os corpos. Hesitante, ele a acompanhou.

Logo um selvagem abandono os dirigia. Marianne sentia-se precipitar num abismo de prazer até que um grito de plenitude escapou de seus lábios.

Bryce respondeu ao grito com um gemido profundo, estremecendo completamente ao acompanhá-la naquele abismo.

Molhado de suor, arfante, Bryce se deixou cair sobre Marianne. Ela o abraçou, beijando-lhe o pescoço e os ombros até ficar sem fôlego.

Bryce rolou para o lado, arrastando-a consigo. Ambos caíram no sono, as costas de Marianne apoiadas no peito de Bryce, cuja mão lhe segurava o seio.

Capítulo Dezesseis

Bryce despertou sentindo o ar frio em seu corpo nu. Os olhos ainda semicerrados, procurou pelas cobertas.

Sem encontrá-las, espreguiçou-se e abriu os olhos com certa má vontade. Foi fácil descobrir por que não as achara. Estavam enroladas em Marianne.

Ela estava sentada no banquinho, comendo queijo sem desviar os olhos dele.

— O que está fazendo?

— Comendo e observando-o dormir.

— Divertindo-se?

— Imensamente.

Bryce sentiu o rosto arder. Não adiantava esconder seu embaraço, pois ficaria ainda mais vermelho. Só lhe restava tentar esconder a ereção.



— Não adianta. Já observei bem de perto. — Marianne também enrubesceu.

Antes que ficasse ainda mais embaraçado, Bryce levantou-se e vestiu a calça.

— Já basta disso, Marianne.

Marianne riu.

— Sinto muito. Mas acho seu corpo fascinante. É tão diferente do meu.

— Graças a Deus. — Bryce a ergueu do banquinho, silenciando-a com um beijo antes de colocá-la na cama.

Marianne apontou para o espaço vazio.

— Não há pressa em seguirmos para Faucon. Podemos ficar aqui por um dia, uma semana... pela vida inteira.

— Por mais tentador que seja, preciso levá-la para a fortaleza.

— Não estou pronta para enfrentá-los.

Bryce meneou a cabeça.

— Não é você quem vai arriscar a vida com essa visita.

— Não deixarei que o machuquem.

— Não preciso de sua proteção.

— Mas...

— Chega!

Marianne assustou-se com o grito, mas ficou calada. Bryce esfregou a cabeça.

— Não quero discutir com você. Só quero que isso termine logo.

Ela se apoiou no peito dele.

— Acho que se preocupa demais com minha família.

— Não sei, Marianne. Talvez a tratem bem porque a amam. Não sei o que farão comigo.

— Se algo acontecer com você, morrerei.

Bryce a abraçou com força. A veemência das palavras dela o assustou mais do que a idéia de enfrentar todos os Faucon.

— Não diga isso. Nem pense numa coisa dessas.

— Mas o que eu faria? Para onde iria? Não poderia viver aqui se lhe fizessem algo.

Bryce apoiou o queixo na cabeça dela. Não tinha pensado nessa possibilidade, portanto ofereceu a única solução possível.

— Se algo me acontecer, pegue minha espada e procure por Jared em Warehaven.

— Quer que eu procure O Dragão?



Bryce riu.

— Sim, Marianne. Ele não é um homem ruim. Jared é tão dragão quanto seu irmão é um falcão.

— Mas existem tantas histórias sobre ele.

— Sobre quem? Jared ou Rhys? — Sem ouvir resposta, continuou: — São apenas histórias contadas por pessoas que não os conhecem. Jared não perde tempo tentando corrigi-las. Apenas usa o que pode em vantagem própria e ignora o resto.

— E o que ele faria por mim?

— Ele cuidará de você, vai garantir que nada lhe falte.

— Não quero o ouro dele.

— Ouro dele? — Bryce se afastou para fitá-la. — Não. Sou mercenário desde que era grande o suficiente para montar e carregar uma espada. Minhas necessidades eram poucas, por isso meus baús de dinheiro aumentaram. Ainda mais depois que comecei a participar de torneios.

— Oh!

— Ficou surpresa? Como mais eu poderia reconstruir Ashforde se não tivesse dinheiro?

— Pensei que cuidasse de Ashforde para seu suserano.

Bryce olhou para o teto.

— Sinto muito, fiz acreditá-la nisso. Sou o conde de Ashforde.

— Oh! Mas isso é maravilhoso.

— Por quê?

— Porque poderá enfrentar Rhys no mesmo nível. Ele não poderia simplesmente matá-lo ou trancá-lo numa cela sem pedir resgate.

— Sim, é possível que o título me ajude. — Bryce a tirou do colo. — Mas se não nos apressarmos, o exército de Faucon logo estará procurando por nós.

Pela primeira vez na vida, Marianne olhava para Faucon Keep sem sentir alegria.

Bryce a tocou no rosto.

— Eles a receberão de braços abertos.

Voltando-se para ele, puxou-o pelo pescoço.

— Afaste o medo do meu coração. Beije-me.

Bryce sussurrou:

— Com prazer. — Então as bocas se encontraram novamente.

— Quando os dois terminarem, será que podemos continuar nosso trajeto?

Marianne se afastou de Bryce.



— Darius, de onde você surgiu?

— Eu estava cavalgando quando vi uma mulher de cabelos negros que se parecia com minha irmãzinha desaparecida. — Darius parou ao lado dela, deixando um beijo em sua testa. — É bom vê-la em casa.

— Espero que sim. — Marianne ergueu uma sobrancelha. — Apresentaria meu companheiro, mas creio que já se conhecem.

Darius olhou para Bryce.

— Ah, sim, conde Ashforde. Como está?

Bryce esfregou a garganta.

— Bem, até o momento.

— Bom, pois parece que tiveram sorte. Rhys e Gareth só chegam amanhã.

A tensão de Marianne desapareceu. Relaxando os ombros, ela suspirou aliviada.

— Graças a Deus.

— Ainda não agradeça. Lembre-se de que as esposas estão todas em Faucon.

A perspectiva de reencontrar as cunhadas não a preocupava.

Ela e Bryce saíram a galope atrás de Darius, que tinha disparado em direção aos portões, parando apenas quando chegou ao pátio interno.

Vários guardas surgiram para ver o que estava acontecendo.

Um homem de aspecto rude tirou Marianne do cavalo, abraçando-a.

— É bom vê-la segura em casa, *milady*.

Marianne não poderia ter ficado mais chocada.

— É bom estar em casa, Sir Melwyn. — Quando ele a soltou, Marianne perguntou: — Quem está com Rhys?

— Já que todos os seus irmãos saíram a sua procura, o conde achou melhor que eu ficasse aqui. — Melwyn não parecia muito satisfeito.

— Não poderia ter feito escolha melhor. Tenho certeza de que as damas e todos em Faucon apreciaram essa sábia decisão.

Melwyn pareceu surpreso, então bufou.

— Belas palavras, obrigado. — Então indicou Bryce com a cabeça. — É quem é o rapazinho?

Rindo, Marianne estendeu a mão para que Bryce se aproximasse.

— Este é Bryce, conde de Ashforde. Ele me salvou e cuidou de mim.

Melwyn olhou para as mãos dos dois, entrelaçadas.

— E este é Sir Melwyn, capitão de Rhys.

Melwyn avaliou o forasteiro por um instante antes de estender a mão.

— Ficarei com sua espada.



— Melwyn!

— Quieta! — A ordem de Bryce fez com que os outros homens erguessem as sobancelhas. Bryce soltou a mão de Marianne. — É a obrigação dele. Sou um estranho aqui.

Bryce entregou a espada a Melwyn, pedindo que a espada presa ao cavalo ficasse aos cuidados de Marianne. O capitão atendeu ao pedido, ordenando que um guarda levasse o embrulho para o quarto dela.

Neste instante, um grupo de mulheres veio na direção deles.

Marianne deixou os homens e correu para encontrar as cunhadas. Viu-se afogada por abraços, todas falando ao mesmo tempo.

— Graças a Deus, você está em casa.

— Onde estava?

— O que aconteceu?

— Oh, Marianne, estávamos tão preocupadas.

— Seus irmãos estavam apavorados.

Uma pergunta se misturava à outra. De repente, Lyonesse respirou fundo.

— E quem é aquele?

As outras se viraram para olhar. Marianne suspirou.

— O homem que será meu marido. — Ela sorriu para Bryce, que sorriu de volta, derretendo seu coração.

O silêncio tomou o pequeno grupo. Lyonesse agarrou Marianne pelos ombros. As três cunhadas estreitaram os olhos, examinando atentamente o rosto corado de Marianne.

Marguerite olhou para o marido.

— E ele já sabe disso?

Marianne relanceou Darius, que apenas deu de ombros para o olhar indagador da esposa. Sabendo que não adiantava mentir, Marianne admitiu:

— Sim.

Rhian perguntou:

— Então foi por isso que sumiu? Fugiu com esse homem?

— Oh, não! — Marianne meneou a cabeça com veemência. — Bryce realmente me salvou.

Marguerite suspirou.

— Acho que devemos discutir o assunto.

Lyonesse se dirigiu a Marguerite e Rhian.

— Vocês cuidam de Marianne. Vou interrogar Lorde Ashforde.

Marianne rangeu os dentes.

— Não precisamos ouvir sermões.



— Oh? Não? — Lyonesse parou diante dela. — Não duvido que tenha aproveitado de sua liberdade para agir como se fosse casada.

Marianne não pôde impedir o rubor no rosto. Sentiu as faces ardendo, então mirou o chão antes de responder:

— Não pode ter certeza disso.

As cunhadas riram. Foi Rhian quem falou primeiro:

— Não tínhamos, até agora.

Marguerite esclareceu:

— Seu rubor e sua atitude rebelde falam mais que palavras, Marianne.

Lyonesse confrontou Marianne:

— Tomou a decisão de casar sem a aprovação de seus irmãos. Não tinha o direito de envergonhar sua família com seus atos. E se estava cega demais para cumprir seus deveres, seu homem deveria ter sido mais sensato.

A raiva no peito de Marianne ameaçava explodir.

— E qual de vocês chegou à noite de núpcias com a virgindade intacta?

Marguerite pigarreou.

— Fale baixo.

— Não. — Marianne recuou ao ver o olhar de Lyonesse. — Não abaixarei a voz. Iam escolher um marido que me deixasse contente, mas não é isso o que quero. Quero o mesmo que vocês têm. Quero ser apreciada. Quero ser amada. Quero sentir...

— Marianne, chega. — Bryce a puxou pelo braço, então lhe segurou o rosto. — Não aqui. Nem dessa maneira.

Marianne baixou a cabeça.

— Sinto muito. Não estava raciocinando direito.

Lyonesse estava boquiaberta.

Rhian tinha levado a mão ao peito, atônita.

Marguerite agora se apoiava no marido. Darius quebrou o silêncio, colocando a mão no ombro de Bryce.

— Bem, parece que todos aqui concordam que precisamos conhecê-lo melhor. E rápido.

Lyonesse apoiou as mãos sobre o ventre protuberante.

— Vamos entrar? Preciso me sentar um pouco.

Bryce acariciava os lábios de Marianne.

— Está mais calma agora?

Marianne notou seu olhar preocupado.

— Sim.

Bryce afastou lentamente a mão.



— Quando quiser gritar ou discutir, venha até mim. Não desconte a raiva em sua família.

Marianne apenas assentiu.

Todos acompanharam Darius para dentro da fortaleza numa procissão silenciosa.

Já dentro do salão, Lyonesse comentou:

— Quase me esqueci. Tenho de cuidar dos visitantes. — Acenando para Rhian e Marguerite, sugeriu: — Marianne, por que não vai para seu quarto e toma um banho? Lorde Ashforde, minhas cunhadas cuidarão de suas necessidades. Todos nós podemos nos encontrar mais tarde no solar.

Antes que o grupo se separasse, ouviram o som de pessoas se aproximando. Marianne mal tinha olhado para os visitantes quando ouviu o resmungo de Bryce.

Ele estava paralisado, o rosto pálido.

— Bryce, o que foi?

Mal fizera a pergunta, uma mulher loura se lançou sobre Bryce, quase jogando Marianne no chão devido à pressa. Apoando-se nos ombros dele, a mulher declarou:

— Bryce, meu amor. Você veio me ver.

Capítulo Dezessete

Antes que Bryce pudesse afastar a mulher pendurada em seu pescoço, Marianne já tinha fugido do salão.

Incapaz de se livrar de Cecily sem atirá-la no chão, Bryce olhou em tom de apelo para Darius.

Sua salvação veio na forma de uma espada apontada contra ele.

Darius dirigiu-se a Lorde Glynnson:

— Poderia afastar sua filha do meu prisioneiro?

— Prisioneiro? — Cecily gritou. — Este é o conde de Ashforde. Que direito tem de fazer meu noivo prisioneiro?

— Não sou seu noivo. — A negativa de Bryce se perdeu em meios aos gritos dos presentes.

Como isso tinha acontecido? Por que Glynnson estava ali em Faucon? A imperatriz tinha assegurado inúmeras vezes que ele não mudaria de lado novamente.

Os soluços de Cecily lhe chamaram atenção. Onde estava a dama fria e distante que conhecera? Olhando bem para ela, viu que, apesar das maneiras apaixonadas, os olhos de Cecily continuavam inexpressivos...



Surpreso, concluiu que aquilo era uma encenação. Por quê? O que ela ganharia agindo daquela maneira?

Uma sensação horrível crescia em seu estômago. Subitamente sentiu que não passava de um peão num jogo cujas regras desconhecia.

Ao menos como prisioneiro teria tempo para clarear a contusão em sua mente.

Lorde Glynnson aproximou-se da filha que, com grande relutância, largou os ombros de Bryce.

Com a ponta da espada no peito de Bryce, Darius o fez caminhar em direção à escada.

— Fico grato pela ajuda.

— Não pense que o defenderei em confrontos futuros.

Terminando o último lance de escada, Bryce perguntou:

— Será que ao menos eu poderia falar com Marianne?

— Acho que a sorte não está a seu favor.

Darius abriu a porta de uma cela.

— Então sou mesmo prisioneiro?

— Considere essa a sua melhor opção no momento.

Bryce sentiu os pés pesados ao entrar na cela.

— Poderia mandar uma mensagem a ela?

— Claro.

— Diga que não sou noivo daquela mulher. Que ninguém além dela tem direitos sobre meu coração.

Marianne empurrou Darius para o lado, parando na soleira.

— Isso não ficou claro pela maneira como ela se jogou em seus braços, Lorde Ashforde. — Entrou na cela, ordenando a Darius: — Feche a porta.

Darius hesitou. Marianne fechou a porta com um chute.

— Agora pode ir.

— Marianne, isso não é sensato.

— Deixe-me em paz. — Olhou furiosa pela janelinha da porta de ferro. Quando Darius saiu, ela se voltou para Bryce.

— Então?

Marianne o chamara de Lorde Ashforde, revelando que estava zangada. Precisava avaliar até que nível chegara a raiva dela.

— Não sou noivo dela. — Estendeu a mão, na esperança de que ela se aproximasse.

— É o que você diz; — Marianne afastou-se para o lado oposto da cela.



— Por que eu mentiria? Meu coração está em suas mãos.

Marianne ergueu uma das mãos, a palma voltada para cima. Então fechou os dedos sobre um objeto imaginário. Enquanto olhava diretamente para Bryce, apertou os dedos até ficarem vermelhos, então abriu a mão e fingiu que jogava o objeto no chão. Para finalizar, pisou no objeto imaginário.

— Isso é o que fez com meu coração. Por que não faria o mesmo com o seu?

Sim, Marianne estava furiosa. Mas Bryce sentiu-se aliviado, pois isso lhe daria tempo para explicações. Quando ela percebesse a própria dor, deixaria de ouvi-lo. Já tinha feito isso antes, portanto Bryce não aceitaria que a situação se repetisse.

Bryce cruzou os braços.

— Terminou?

— Sim. — Marianne ergueu o queixo e rumou para a porta. Ao passar por Bryce, foi puxada pela cintura. — Solte-me!

Bryce sorriu.

— Só quando me ouvir.

— Nunca.

Bryce levou os lábios ao pescoço de Marianne, o braço roçava o seio, lentamente minando aquela primeira resistência.

Marianne suspirou:

— Ashforde, solte-me.

De Lorde Ashforde para Ashforde. Bryce sorriu; estava quase conseguindo. Começou a acariciá-la, percebendo que Marianne praticamente se rendia.

— Maldito seja, Bryce. — Ela praguejou, virando-se para apoiar-se no peito dele. — O que tem a dizer?

Ainda segurando-a pela cintura, Bryce baixou a cabeça.

— Beije-me, Marianne.

Bryce não sabia como, mas tentava demonstrar a profundidade de seu amor naquele encontro sensual entre as línguas. Abraçou-a com mais força, rezando silenciosamente para que Marianne o compreendesse.

Sentindo os próprios joelhos tremerem, gemeu antes de sussurrar no ouvido de Marianne:

— Não sou noivo de Cecily de Glynnson. O documento não foi assinado. Não trocamos votos. — Voltou a beijá-la. — Acredita em mim?

— Sim — ela respondeu sem hesitar.

Bryce sentiu o peito apertado. Pela primeira vez na vida queria chorar de alívio.



— Mesmo tendo me enganado para ouvi-lo, acredito em você. — Marianne se pendurou no pescoço dele. — Mas agora não pare.

Gemendo, Bryce ofereceu o beijo que ela tanto desejava.

Depois de longo tempo, sentaram no chão para conversar. Bryce por fim decidiu deitar a cabeça no colo de Marianne.

— Tudo isso é muito estranho.

Marianne tinha pousado o braço sobre o peito de Bryce. Havia uma ruga em sua testa.

— Existe a espada que não é sua. Sir John desobedece minhas ordens e torna-se prisioneiro de Faucon. — Bryce refletiu um pouco. — E agora Glynnson está aqui.

— E isso é suspeito?

— Sim, considerando que a imperatriz jurou que ele lhe era leal.

— Glynnson? — Marianne riu. — O homem já mudou de lado várias vezes. Acreditou mesmo que ele não faria isso novamente?

— Claro. Do contrário não teria nem considerado um casamento com a filha.

Marianne lhe beijou a testa.

— Não quero fazer comentários quanto ao seu gosto por mulheres, mas ela me parece... exageradamente emotiva. Duvido que seria uma boa castelã para Ashforde.

— Ela sempre pareceu ser uma mulher educada, refinada, desapaixonada, fria.

— Oh, sim, uma mulher desapaixonada e fria lhe serviria muito bem. — Marianne riu.

— Parece que você e Jared têm a mesma opinião.

Marianne revirou os olhos.

— Maravilha!

— Ficaria surpresa se soubesse que ele sugeriu que você seria uma escolha melhor?

Marianne arregalou os olhos.

— Surpresa nem serve para descrever o que penso. — Então ficou séria. — Por que ela mudaria de atitude?

— Não sei. Só acho que todos esses fatos estão relacionados.

— Por quê?

— São coisas demais acontecendo ao mesmo tempo. Acho que estou sendo usado.

— Será que alguém deseja Ashforde?



— Não. Ashforde não compensaria minha morte. Matilda só me deu a propriedade porque sabia que eu tinha dinheiro para melhorar as fortificações.

— Talvez ela estivesse em débito com Glynnson e tenha lhe prometido um genro rico. Você deve ter surgido no momento exato.

— Isso é bem possível.

Marianne acrescentou:

— Mas isso não explica por que alguém desejaria vê-lo morto pelas mãos do meu irmão.

— Nem explica a participação de Cecily e Sir John nisso tudo.

Segundos depois, Bryce arregalou os olhos e levantou-se abruptamente.

— É isso! Cecily é a mulher que foi roubada dele. Sendo um guarda da imperatriz, não tem riquezas a oferecer.

Marianne acrescentou:

— Então eles devem ter tramado tudo isso juntos.

— Mas Cecily e eu precisaríamos estar casados para que ela pudesse herdar a propriedade após minha morte.

Marianne levantou também, e começou a andar pela cela.

— Precisamos de mais evidências. Posso tentar me aproximar de Cecily. Pedirei que Darius, ou Sir Melwyn, interrogue seu homem.

— Veja se consegue descobrir onde estão os homens desaparecidos.

— Está bem. — Ela se aproximou dele. — Onde estávamos antes?

— Sentados no chão, conversando..

— Antes disso.

Bryce meneou a cabeça.

— Não lembro.

Marianne colou o corpo ao dele, erguendo os braços para trazer a cabeça de Bryce para mais perto.

— Talvez eu consiga fazer com que se lembre.

Bryce permitiu que ela ditasse o ritmo do beijo. A lenta exploração logo se tornou mais apaixonada e exigente.

A porta da cela foi aberta com estrondo. Antes que Bryce pudesse interromper o beijo, uma espada riscava seu ombro.

— Afaste-se ou morra!

— Rhys! — Marianne afastou Bryce da espada do irmão. — Pensei que só chegaria amanhã.

— Isso é óbvio.

Bryce esfregou o corte, meneando a cabeça ao ver o sangue.

— É a terceira e última vez que um de vocês me fere.



— Da próxima vez, minha espada vai atravessar seu peito.
— Pare! — Marianne se colocou na frente de Bryce.
— Marianne. — Bryce tentou afastá-la, mas ela não saía do lugar.
O conde Faucon agarrou Marianne e praticamente a lançou contra a parede.
Bryce socou o queixo de Faucon.
— Nunca... jamais encoste um dedo nela novamente.
Marianne se agarrou ao braço de Bryce.
— Bryce, por favor.
Ainda encarando Faucon, ele ordenou:
— Deixe-nos, Marianne.
Outra mulher segurou o braço do conde.
— Rhys, pare com isso agora.
Faucon se livrou dela.
— Lyonesse, leve minha irmã. — Entregou a espada a ela. — E leve isso também. — Ele sorriu. — Não vou precisar.
A esposa de Faucon praguejou, mas atendeu ao marido.
— Venha, Marianne.
Marianne resistia.
— Por favor, Rhys, Bryce, não façam isso.
— Saia daqui! — Rhys berrou.
Bryce não estava impressionado. A expressão feroz e a voz forte não serviam para intimidá-lo.
Esperou que as mulheres deixassem a cela. Então sorriu para o conde.
— Está pronto para enfrentar alguém à altura, Faucon?

Capítulo Dezoito

— A altura? Ashforde, você não passa de um garoto arrogante que nem sabe limpar o traseiro sozinho.

Bryce esperava que Faucon desdenhasse de seu desafio, por isso não se deixou intimidar pela resposta. Mesmo que tivessem a mesma altura e o mesmo porte, Faucon era mais velho e mais musculoso.

Ao invés de esperar que Faucon fizesse o primeiro movimento, Bryce baixou o ombro e se arremessou contra o peito dele. O conde balançou um pouco, mas não saiu do lugar.

Faucon ergueu os ombros e bateu no próprio peito.



— Quer tentar novamente?

Bryce ergueu o braço para desferir um soco no queixo do oponente. Faucon agarrou seu punho antes que o atingisse.

— Vai ter que fazer melhor que isso.

Ambos mediam forças. Bryce não conseguia avançar mais com o punho, mas Faucon também não conseguia fazê-lo recuar.

Bryce percebeu que o conde interceptaria seus golpes de acordo com o movimento de seus olhos. Era uma boa técnica, na qual Faucon se aperfeiçoara.

Então, olhando para o pescoço de Faucon, desferiu-lhe um chute na rótula do joelho.

O conde cambaleou e caiu de costas no chão. Mas foi ágil ao se reerguer. Baixou a cabeça e arremeteu o tronco contra Bryce, lançando-o com estrondo contra a parede.

A cela ficou escura por um momento enquanto Bryce tentava respirar. Foi o tempo de Faucon lhe dar dois socos no rosto.

Socos que lhe clarearam a mente. O punho alcançou o nariz torto de Faucon. Quando o conde recuou, Bryce o golpeou nas costas.

Faucon gemeu e girou. O sangue corria de seu nariz.

— Alguma última palavra antes que eu quebre seu pescoço, seu traidor?

— Traidor? Quem é o verdadeiro traidor aqui? Todos os barões tinham jurado lealdade à filha de Henry.

— Discutir isso é inútil. Nunca abandonarei o rei Stephen.

— Talvez não. Mas não pode ter certeza do que acontecerá no futuro. — Bryce realmente esperava que Faucon refletisse sobre sua sugestão. — Não seria interessante ter ligações com alguém leal à imperatriz?

— O que está insinuando?

— Não estou insinuando nada, Faucon. Casarei com sua irmã.

O conde urrou:

— Sobre meu cadáver! — Caminhava na direção de Bryce. — Isso nunca acontecerá. Você é um traidor e morrerá pela minha espada.

Bryce deu de ombros.

— Talvez devesse esperar alguns meses antes de me matar. Só para ter certeza de que Marianne não carrega o herdeiro de Ashforde.

Esperava que a informação enfurecesse Faucon definitivamente. Se Faucon perdesse o controle, talvez Bryce pudesse derrotá-lo.

Mas não contava com a risada do adversário.

— Marianne não se desonraria dessa maneira.

— E se estiver enganado?



— Não importa. Ela não poderá casar com você.

— Não pode vigiá-la dia e noite pelo resto da vida.

Os dois andavam em círculo. Bryce esperava que Faucon fizesse o próximo movimento. E sabia que o conde fazia o mesmo.

— E o que fará, Ashforde? Planeja raptá-la novamente?

— Se necessário.

— E então irá salvá-la novamente? Só um covarde usaria uma mulher em sua vingança.

— Não me importo com o que pensa.

— Você alega ter violado minha irmã... deveria preocupar-se com o que eu penso.

— Violado? Eu não a violei. Nunca usei de força. Ela é uma mulher, Faucon, uma mulher que sabe o que quer.

— E acha que ela quis você? O primeiro homem com o qual esteve sozinha? Você não passa de uma víbora com a qual ela não poderia lidar.

— Ela me ama.

— É claro que sim... não o conhece direito.

— Ela não é uma criança desmiolada. — Bryce sentiu sua irritação aumentando. Como Faucon era capaz de depreciar Marianne?

— Não? Ela é tão sem juízo que dormiu com o inimigo. Se ela fez isso por vontade própria, então é uma traidora também.

— Nunca diga isso. Só colocaria a vida dela em risco.

Bryce sabia que Faucon dizia isso de propósito. Mesmo assim a raiva turvava sua mente.

Agarrando Faucon pela cintura, jogou-o no chão. Levantou, mas caiu novamente quando o conde o puxou pelo tornozelo.

Começaram a lutar no chão, cada um tentando se livrar do outro primeiro. Por fim, Bryce acertou a orelha de Faucon, obtendo a chance de se afastar. O conde sacudiu a cabeça. Mesmo tonto com o murro, não se deixou deter. Levantou e encarou Bryce por um instante.

— Há uma maneira de impedir que eu a declare traidora.

À porta da cela abriu. Melwyn entrou e apontou a espada para o peito de Bryce. Então disse para Faucon:

— Milorde, sua esposa precisa de você.

O conde rumou para a porta.

— Como? — Bryce gritou, detendo-o. — Como posso impedi-lo?

Faucon se voltou com um sorriso de escárnio.

— Um combate. Pela manhã. Até a morte?



Sem hesitar, Faucon respondeu:

— Sim.

A porta de seu quarto foi aberta. Marianne se inclinou e olhou pela cortina que separava a recâmara do restante do quarto. Ela levantou-se e correu até Gareth, que a ergueu num abraço. Depois de beijá-la no rosto, Gareth a colocou novamente no chão e a levou para a recâmara.

Fez com que Marianne sentasse. Então ajoelhou-se, pousando as mãos nos ombros dela.

— Você realmente o ama, Marianne?

— Sim. — Ela respondeu com o máximo de convicção que uma única palavra poderia ter.

— Esse homem a raptou? Ele a forçou a fazer alguma coisa?

De onde ele tinha tirado essa idéia?

— Não, Gareth, eu juro, Bryce nunca me forçou a nada. — Sentiu o rosto arder. — Para ser honesta, acho que foi justamente o contrário.

Gareth sorriu.

— Tenho bons motivos para acreditar em você.

Marianne só podia imaginar o que Rhian não teve de fazer para que seu irmão, tão compelido pelo dever, deixasse a honra de lado em favor do amor.

— Gareth, o que aconteceu?

— Ashforde é um traidor, mas já sabe disso, não?

— Sim. Não me importa que coroa ele serve. — Um sorriso ameaçou surgir em seus lábios. — No fim, ele serve apenas a mim.

O irmão pigarreou e apertou os ombros dela com mais força.

— Marianne, ele não sairá vivo de Faucon.

— Não!

— Pode gritar, chorar ou lutar o quanto quiser. Não vai mudar nada.

— Ele não fez nada. Nada! Como pode permitir isso?

— Permitir? O conde de Faucon exigiu um combate. Não posso desafiar a ordem dele.

O coração de Marianne falhou uma batida.

— Posso falar com ele?

— Quem?

— Rhys.

— Não. — Gareth meneou a cabeça. — Marianne, todos já tentaram. Não há argumento que já não tenha sido usado.

— Não posso deixar que os homens que amo se matem. Preciso tentar.



— Não adianta. Rhys não está aqui.

— Não?

Gareth suspirou antes de explicar:

— Acha que ele não sabe como você e Lyonesse são capazes de demovê-lo? Para evitar a possibilidade, ele e Melwyn saíram de Faucon. Só voltarão de manhã.

— Para matar Bryce.

— Sim.

Marianne sentiu um nó na garganta. Mordeu o lábio, tentando fazer com que a dor evitasse o choro. Gareth puxou a cabeça dela para seu ombro.

— Não há vergonha em chorar por quem se ama.

Marianne sentiu os olhos úmidos, mas empurrou o peito do irmão.

— Não posso desistir tão fácil.

— Escutou algo do que eu disse? Não há nada que se possa fazer. Pela manhã, você e as outras mulheres ficarão confinadas nesse quarto.

— E já não estou confinada agora?

— Não exatamente. Rhys ordenou que os guardas a vigiassem, só isso. — Gareth a encarou, preocupado. — Por quê?

Marianne ergueu o queixo.

— Quero ver Bryce.

— Só tornaria as coisas piores para você.

— Não. Será pior se eu não me despedir.

Gareth deu de ombros.

— Promete que você e ele... — Ele fez uma pausa, o rosto ficando vermelho. — Que vocês...

Marianne teria rido se o medo e a tristeza não a dominassem.

— Sim, Gareth, prometo.

Ele suspirou aliviado, então levantou-se.

— Eu a levarei até ele... mas não prometo a noite inteira.

— Não importa. Ficarei feliz com o tempo que puder nos oferecer.

Gareth abriu a porta do aposento e deu algumas ordens aos guardas antes de levá-la à cela.

— Não pense que terá alguma chance de ajudá-lo a fugir. Eu mesmo os vigiarei.

Capítulo Dezenove



A manhã ainda não havia despontado quando alguém bateu na porta da cela. Marianne e Bryce, um nos braços do outro, acordaram assustados.

Gareth entrou na cela, acenando para Marianne.

— Venha, já é hora de voltar para seu quarto.

Ela se agarrou ao braço de Bryce.

— Ainda não. Ainda vai demorar a amanhecer.

— Eu sei. Mas Rhys pode voltar cedo e não quero que a descubra aqui.

Bryce se levantou e ajudou Marianne a ficar de pé. Manteve-a junto ao peito, abraçando-a com força ao sussurrar:

— Eu a amo, Marianne. Se existir algo além dessa vida, estarei esperando por você.

Marianne segurou o rosto dele entre as mãos, puxando os lábios de encontro aos seus. Ela o beijou avidamente, tentando transmitir os beijos de toda uma vida num só.

Gareth pigarreou.

— Por favor. Não tornem isso ainda pior.

Bryce gemeu, então empurrou Marianne pelos ombros.

— Vá.

Ela ainda o olhou uma última vez.

— Sempre o amarei.

Gareth a arrastou para fora da cela e trancou a porta. Quando já estavam na escada, Marianne praticamente caiu por causa do choro.

O irmão a ergueu nos braços e a carregou para o quarto. Fechou a porta e a colocou de pé. Segurando-a pelos ombros, começou a sacudi-la.

— É uma Faucon ou não?

Assustada e sentindo-se desnorteada pelo sofrimento, afastou-se dele.

— Não. Não sou mais uma Faucon. No meu coração, sou Marianne de Ashforde.

— Bom. Então, se quer mesmo ser Marianne de Ashforde, melhor se preocupar em salvar seu marido.

Uma pequena ponta de esperança ganhou vida.

— O que sugere que eu faça?

Lyonesse, Marguerite e Rhian saíram da rêcamara arrastando Cecily de Glynnson. Soltaram a mulher, que caiu aos pés de Marianne.

Atônita, Marianne olhou paras as cunhadas e para Gareth antes de enfrentar Cecily.

— Por que está aqui?



Cecily apontou para Lyonesse.

— Porque ela me tirou da cama.

— Não. — Marianne agarrou o cabelo de Cecily. — Por que veio para Faucon?

— Para ver meu noivo.

Marianne não tinha tempo a perder. Indo até seu baú, pegou sua espada.

Pressionou a ponta da espada na garganta de Cecily.

— Bryce de Ashforde não é seu noivo, nunca foi. Ele não assinou o documento e vocês jamais trocaram votos. — Apertou um pouco mais a espada. — Então, por que está aqui? Como sabia que Bryce estaria aqui?

Cecily engoliu em seco.

— Foi tudo idéia de Sir John.

Marianne duvidava de que isso fosse completamente verdade.

— Qual era o plano?

— Destruir Ashforde e culpar Faucon.

— Por quê?

Cecily soluçou.

— Porque nos amamos.

— E o que uma coisa tem a ver com outra?

— Sir John e eu nos amamos há muito tempo. Por isso, quando a imperatriz me prometeu a Ashforde, pensamos em uma maneira de assegurar que o casamento não acontecesse.

Cecily fez uma pausa, mas Marianne a incitou a continuar.

— Não percebe? Não tínhamos nada. Mas se eu casasse com Ashforde, poderíamos usufruir o que ele possuía.

— Uma vez que estivesse morto. — Lyonesse tentou apressar o fim da história.

Rhian perguntou:

— Por que Faucon?

— Porque um deles matou o irmão de Sir John.

Marianne suspirou.

— Uma maneira fácil de liquidar duas pessoas de uma maneira só.

Cecily assentiu.

— Mas você estragou tudo.

— Eu?

— Quando Ashforde fez o plano para fingir ser seu salvador, Sir John pagou outros homens para raptá-la antes. Eles deviam matá-la. John faria com que todos soubessem que você morrera nas mãos de Ashforde.



Algo não soava certo. Nem Sir John nem Cecily pareciam inteligentes o suficiente para criar um plano daqueles sozinhos. Marianne estreitou os olhos e colocou a lâmina da espada contra a garganta de Cecily.

— Quem realmente planejou tudo?

Quando a lâmina a apertou, Cecily gritou:

— Meu pai e a imperatriz!

Gareth praguejou e tomou a espada da irmã. Marianne se afastou de Cecily, praguejando também. Olhou para Gareth.

— Pode me tirar de Faucon?

— Podemos fazer melhor do que isso. — Rhian e Marguerite se aproximaram.

Lyonesse trouxe da recâmara um par de calças, um colete de couro reforçado e uma longa couraça. Pressionou a armadura contra o peito de Marianne.

— Vista isso primeiro.

Enquanto Marianne se vestia, Gareth abriu a porta para permitir a entrada de Darius, Melwyn e Edgar. Os olhos de Melwyn procuraram os dela.

— Sir John está morto.

— Maldição! — Marianne gritou, sobrepondo os soluços de Cecily.

Darius sorriu.

— Mas sabemos para onde Eustace foi. — Darius entregou a Marianne uma coifa e um elmo com proteção para o nariz. — Sir John disse que eles voltariam para A Toca.

Marianne não poderia esconder sua alegria mesmo que tentasse.

— Ótimo!

Rhian enrolou as tranças de Marianne e as colocou debaixo da coifa antes de lhe arrumar o elmo sobre a cabeça. Enquanto o prendia bem firme, perguntou:

— Então sabe de quem estamos falando?

— Sim. — Marianne assentiu. — Jared de Warehaven, o Dragão.

Rhian se ajoelhou diante dela, dando um tapinha na perna de Gareth.

— Dê-me sua adaga. — Ela pegou a pequena arma e fez um longo corte na saia de Marianne, tanto na frente quanto nas costas. Melwyn resmungava ao amarrar a proteção de malha às pernas dela.

— Ficarei surpreso se sobrevivermos a esse dia.

Edgar puxava as tiras da couraça e da cota para poder amarrá-las bem.

— Á última patrulha viu um grande grupo de estranhos armados entrando nas terras de Faucon.



Marguerite ajustou um cinto à cintura de Marianne. Presa no lado esquerdo, a espada de Marianne pendia em sua bainha.

Gareth a agarrou pelos ombros e lhe deu um beijo no rosto.

— Vá com Deus, Marianne.

Na porta do quarto, Darius lhe prendeu uma adaga no cinto e lhe entregou um par de luvas de couro.

— Seja uma boa guerreira e vá buscar um exército para resgatar seu homem.

Capítulo Vinte

Sem saber se Gareth tivera tempo de deixar ordens com os guardas do portão de entrada, Marianne, Edgar e Melwyn saíram caminhando dos estábulos em direção ao portão dos fundos.

Uma vez na clareira entre Faucon e a floresta, montaram e dispararam para a estrada principal. Marianne seguia na frente.

O céu noturno ficava cinza, indicando o amanhecer. As mãos de Marianne tremiam de preocupação. Encontrariam Jared a tempo?

— Eles devem estar perto — Edgar gritou mais atrás.

Melwyn vinha ao lado dela.

— Vá mais devagar e pegue sua arma.

Marianne fez o cavalo reduzir o passo e puxou a espada da bainha. Não estava acostumada ao peso da armadura, por isso se sentia estranha.

Ainda ao lado dela, Melwyn perguntou:

— Pode usar a espada?

Ela tentou, mas seus movimentos eram rígidos.

Melwyn e Edgar começaram a lhe dar instruções de como ajustar a postura e a arma.

Marianne seguia as ordens, satisfeita por poder se defender caso fosse necessário. Tentou esconder o sorriso. Não havia nada de divertido naquela situação.

Os três pararam em uma curva da estrada. O som de cavalos se aproximando aumentava. Melwyn se aproximou de Marianne.

— O que sabe desse Warehaven?

— Sei que é irmão de Bryce em espírito, já que não são por nome.

— Bom. — O capitão indicou a curva na estrada com a cabeça. — Porque ele deve estar chegando... exatamente... agora.



Mal ele terminou de falar, Jared e seus homens surgiram. Marianne pousou a espada sobre as pernas e seguiu na frente. Melwyn e Edgar continuaram onde estavam.

Jared refreou o cavalo e ergueu a mão, detendo seus homens. Olhou para Marianne e seus companheiros antes de sacudir a cabeça.

— Deixe-me adivinhar. Marianne?

— Sim.

— O que faz aqui? Onde está Bryce? Quem são esses homens com você?

Marianne se adiantou com o cavalo. Jared fez o mesmo, encontrando-se com ela no espaço que havia entre os dois grupos. Marianne ergueu os ombros.

— Preciso de um exército para salvar meu amado. Em nome de Ashforde, peço para usar o seu.

Jared riu, mas logo se recompôs.

— É assim tão grave?

— Pior. Se ficarmos aqui conversando, poderá ser tarde demais.

Ele acenou para que seus homens se aproximassem. Quando estavam perto o suficiente, Jared desembainhou a própria espada e a entregou a Marianne.

— Eu e meus homens estamos sob seu comando.

Baixinho, ela disse:

— Obrigada, Jared. Tenho com você uma dívida que jamais poderei pagar.

— Erguendo a voz, disse: — Pegue sua arma, Dragão, temos de nos apressar.

Ela girou o cavalo e guardou a própria espada na bainha. Antes de colocar o animal em movimento, Melwyn lhe segurou o braço.

— *Milady?* — Ele indicou os homens de Jared com a cabeça. — Suas ordens?

— Oh! — Marianne revirou os olhos antes de se voltar para os homens. Ouviu a risadinha de Jared, mas o ignorou dizendo:

— Sigam-me. Vamos para Faucon resgatar o conde de Ashforde.

Desta vez, todos vieram logo atrás. Exceto Jared, que cavalgava ao lado dela.

— O que aconteceu para que uma mulher tenha de vestir uma armadura para poder recuperar seu homem?

Bryce andava de um lado a outro na pequena cela. Sua cota retinia a cada passo.

Não aguentava mais aquela espera. O sol já tinha surgido. Se com isto Faucon pretendia enervá-lo, estava conseguindo.



Passos soaram na escada. Bryce parou de andar. A trave da porta foi erguida e dois guardas de espada em punho abriram a porta. Um deles simplesmente apontou a espada para que ele saísse.

Isso irritou Bryce. Será que seu título não lhe valia nada. Não era mais um mercenário qualquer para ser tratado pior que um cão.

Não importava que coroa servia, era o conde de Ashforde.

Como Faucon se atrevia a exigir um combate? Não era seu senhor, tampouco usava uma coroa.

A cada passo, enquanto descia a escada, atravessava o salão e cruzava o pátio, sua raiva aumentava. Não queria morrer daquela maneira. Não justamente quanto tinha uma razão para viver.

Quando chegou à área de treinamento, Gareth o encontrou.

— Marianne pediu para lhe entregar isso. — Ele entregou um pacote a Bryce.

Puxando as luvas com os dentes, Bryce arrancou a fita verde que prendia o embrulho e deparou-se com uma túnica de seda azul. Havia um bilhete preso a ela.

"Não tive tempo de fazer o bordado, meu amor. Então usei a tinta que eu tinha disponível. Não está bem desenhado, mas foi feito de coração e alma."

Bryce conteve um soluço diante daquela evidência do amor de Marianne.

No peito da túnica havia uma árvore, cujo galho mais alto ostentava um falcão montando guarda.

Gareth assobiou.

— Vista.

Bryce entregou as luvas a Gareth. Tirou o cinto e trocou a túnica que usava pela azul. Gareth pediu que ele estendesse o braço.

Aproximou-se para amarrar a fita verde no braço de Bryce.

— Protele.

— O quê?

— Não mate Rhys, nem se deixe matar. Protele. O máximo que puder.

Antes que Bryce pudesse perguntar ou Gareth explicar, Rhys entrou no campo.

Já no centro, desembainhou a espada.

— Pronto para morrer, Ashforde?

Bryce relanceou Gareth e, então, foi para a arena. A espada chiou ao ser tirada da bainha. Erguendo-a em uma das mãos, chamou Faucon com a outra.

— Venha, vamos ver do que é feito, Faucon.

Gareth suspirou, resignado.



— Poderiam ser aliados.

— Não. — Darius meneou a cabeça. — Poderiam ser irmãos.

Gareth olhou brevemente para a muralha. Osbert, capitão de Darius, tinha tomado sua posição na torre principal. Iria sinalizar quando Marianne estivesse à vista.

Darius o acotovelou.

— Por que será que Glynnson parece tão contente? — O homem não escondia uma expressão de satisfação.

— Não tenho certeza. Gostaria de se juntar a mim?

Mesmo sabendo que Glynnson estava envolvido na trama contra Bryce e Rhys, os dois queriam saber mais.

Gareth apoiou os braços na grade da cerca de madeira que delimitava a arena de luta. Não disse nada, mas era óbvio que sua presença deixava o homem nervoso. O sorriso desapareceu. O suor escorria pela testa e Glynnson fez menção de sair.

Darius se aproximou.

— Não provoque uma cena. — Manteve a voz baixa, — Aproveite a luta. Depois conversaremos.

Gareth acenou para que dois guardas o vigiassem.

Certos de que teriam tempo para interrogar Glynnson, Darius e Gareth se concentraram no combate.

Os dois homens lutavam furiosamente. Gareth observava Bryce, concluindo que o homem de Marianne estava bem à altura de Rhys.

O vencedor daquela batalha só surgiria quando um deles cometesse um mínimo erro. Era impossível determinar o mais forte.

Gareth olhou para a torre e acotovelou Darius. Sir Osbert estava inclinado sobre a muralha, observando além da clareira.

Segundos depois o capitão acenou. Os dois começaram a contar. Esse era o plano. Contar até vinte e então simular um ataque.

Terminada a contagem, ambos pularam a cerca.

Ninguém notou o movimento, pois todos se voltaram para o homem que gritava da muralha:

— Às armas! Faucon, às armas!

Gareth correu e agarrou Bryce. Darius aproximou-se de Rhys.

Rhys praguejava, mas apontou para Bryce, ordenando:

— Leve-o para a cela. Terminamos depois.

Sem hesitar, Gareth obedeceu e levou Bryce para a fortaleza.

— O que está acontecendo?



Gareth ignorou a pergunta de Bryce.

— Não vai me contar? — Como Gareth continuasse calado, ele gritou: — Que diabos Marianne está fazendo?

Gareth apenas sorriu. Fez Bryce entrar na cela e fechou a porta. Antes de colocar a tranca, olhou pela portinhola.

— Ela está fazendo o que deve fazer, seu idiota.

Colocou a trave e desceu a escada, ouvindo os berros de Bryce até o salão.

Rhys se inclinou sobre a muralha e viu uma tropa de quase cinquenta homens se aproximando.

Gareth se juntou a ele.

— Quem vem?

— Não sei. Onde estão Melwyn e Edgar?

— Eu os deixei cuidando das mulheres.

Rhys estreitou os olhos.

— Não imaginou que seriam mais necessários aqui?

— Por quê? Espera ser atacado?

Os homens na clareira pararam e se realinharam. Ao invés de continuarem em duas colunas, enfileiraram-se dos dois lados do líder.

Rhys assentiu.

— Eu diria que sim.

O grupo começou a se aproximar de Faucon novamente. Quando estavam a pequena distância, dois cavaleiros ergueram estandartes. As flâmulas tremularam sob a brisa.

Em segundos, um dragão cuspidor de fogo se tornou visível. Junto dele, tremulava um filhote de falcão.

Gareth observava Rhys atentamente. Quando os olhos do conde se arregalaram, Gareth recuou.

Darius também se afastou, abrindo espaço para que Lyonesse, Marguerite e Rhian se unissem a eles.

Lyonesse ergueu os ombros e parou ao lado do marido, colocando a mão sobre o ombro dele.

— Apenas a escute, Rhys.

Marianne ergueu a mão, fazendo os homens pararem. Observou a muralha, procurando por Rhys. Foi fácil encontrá-lo, era o que estava terrivelmente enfurecido.

— Salve, Faucon! — ela gritou.

Rhys gritou de volta:



— Por que veio dessa maneira até meus portões, trazendo consigo uma tropa?

Marianne respirou fundo e gritou:

— Vim reclamar posse sobre o conde Bryce de Ashforde.

— Em nome de quem?

— Marianne de Faucon.

Rhys bateu o punho da espada na muralha.

— E isso será à força ou por resgate?

Resgate? Ele ainda estava vivo? Não era tarde demais?

— Resgate.

— E o que tem a oferecer?

Marianne desmontou e andou até a muralha. Olhou para o rosto de todos de sua família antes de prostrar-se no chão.

— Meu coração.

Rhys praguejou. Jared praguejou ainda mais alto.

Marianne aguardou pela resposta de Rhys. Mas não ouviu nada. Engoliu em seco, forçando-se a esperar mais.

Por fim, quando imaginou que não suportaria mais o silêncio, o portão foi aberto para que um homem passasse.

Mãos fortes a ergueram do chão.

— Marianne.

Ouvindo a voz de Bryce, ela se jogou nos braços dele. Incapaz de falar, agarrou-se a ele, aproveitando-se do conforto e da força na segurança daquele abraço.

Rhys se inclinou novamente sobre a muralha.

— Quando terminarem, venham para o salão... desarmados.

Capítulo Vinte e Um

Bryce tirou o elmo de Marianne e o jogou longe.

— Não sei se merece um beijo ou umas palmadas.

— Não me importa. Pode me bater até eu não conseguir mais andar. — Marianne puxou a cabeça dele para um beijo. — Pode me beijar até eu não conseguir mais respirar.

Os lábios dele roçavam os dela.

— Ainda estou em dúvida.



Jared desmontou. Aproximando-se de Bryce, pegou o elmo de Marianne do chão.

— Beije logo a mulher. Estou ansioso para entrar nessa fortaleza.

Sem precisar de mais incentivo, Bryce reclamou os lábios de Marianne. Só haviam passado algumas horas afastados, mas tinha acreditado que jamais a veria novamente. Saber que a ameaça contra sua vida havia diminuído tornava aquele beijo ainda mais doce.

Gareth surgiu na muralha.

— Acho melhor não o deixarem esperando.

Bryce ergueu a cabeça.

— Teve seu beijo. Deixarei as palmadas para depois.

Marianne riu e puxou a mão dele.

— Venha. Traga esse dragão curioso e vamos falar com Rhys.

Melwyn e Edgar se juntaram a eles. Melwyn foi ter com Jared.

— Mandarei erguerem tendas para seus homens na clareira.

— E mantimentos?

— Sim. Os homens e os cavalos terão o que beber e comer.

Jared agradeceu.

— Falando em homens... — Bryce olhou para Jared. — Onde conseguiu tantos?

— Vinte são meus, dez são seus, alguns são de Faucon e os outros cinco são mercenários. — Olhou de relance para a tropa. — Impressionante, não?

— Como assim, dez são meus?

Marianne puxou Bryce pela mão.

— Podemos conversar enquanto andamos. Vamos.

Enquanto o pequeno grupo adentrava Faucon, Jared respondeu:

— Eles simplesmente apareceram em Warehaven, dizendo que tinham partido para atender ao chamado da imperatriz.

— Não falaram nada sobre o incêndio?

— Não. — Jared meneou a cabeça. — A imperatriz os chamou antes do incêndio.

Marianne o interrompeu.

— Então por que estão com você?

— Ouviram falar sobre o incêndio enquanto estavam na corte. Quando completaram o serviço que lhes era esperado para esse ano, voltaram para ver o que realmente havia acontecido em Ashforde e oferecer apoio. Eustace os encontrou e os levou para Warehaven.

— Esses homens são leais a Ashforde? — perguntou Edgar.



Jared deu de ombros.

— Parecem preferir Ashforde à imperatriz.

— Parece muita coincidência a imperatriz tê-los chamado antes do incêndio.

Bryce concordou com o comentário de Melwyn.

— Sim, é o que penso também.

Marianne balançava a cabeça.

— É uma pena Sir John ter morrido.

— O quê? — O grito de Bryce a lembrou de que ele ainda não sabia.

Melwyn pigarreou.

— Eu o interroguei.

— Interrogou? — Jared olhou para Melwyn. — Parece ser uma habilidade bem útil. Preciso falar com meu capitão. Ele é muito gentil com os prisioneiros.

Bryce se virou de súbito.

— Espere. O que mais tenho de saber? Marianne? Por que está vestida feito homem?

Antes que ela respondesse, voltou-se para Melwyn e Edgar.

— E por que vocês estavam com Jared?

Novamente, não esperou resposta.

— E você? — Agora falava com Jared. — O que está fazendo em Faucon?

O silêncio tomou conta do grupo. Marianne suspirou, mas explicou rapidamente o que havia acontecido desde quando tinham se separado.

Bryce encarou os outros homens.

— Era esse o plano? Deixar que ela conseguisse a misericórdia do conde?

— Não tínhamos plano algum. — Marianne deu de ombros. — Foi no que consegui pensar.

Bryce a puxou contra o peito.

— Seu coração já pertence a mim.

— Eu sei. Se Rhys não o aceitasse, eu ofereceria meu dote.

— Por que não ofereceu isso primeiro?

— Porque precisaremos dele para reconstruir Ashforde.

Bryce meneou a cabeça.

— Preciso lembrar de lhe dar umas palmadas mais tarde.

Marianne ainda ria quando entrou no salão. Ver os três irmãos lado a lado diminuiu seu entusiasmo. Mesmo que vivessem cem anos, ela ainda os consideraria imponentes.

As cunhadas se aproximaram. Lyonesse puxou Marianne pela mão.

— Venha. Precisa se trocar.



Ela olhou os irmãos e então se voltou para Bryce.

— Mas...

— Vá — Rhys disse em tom brando. — Ele ainda estará vivo quando você voltar.

Marianne andava pelo quarto. A cabeça latejava. Já tinha se passado muito tempo.

O que estariam fazendo com Bryce? Sua mente conjurava os piores métodos de tortura. As cunhadas tinham pedido que esperasse no quarto. Todos a tinham ajudado demais para que fosse desobediente justo agora.

A porta de seu quarto foi aberta. Quando Rhys parou no meio do quarto, ela engoliu em seco. Mirou os olhos dourados e lutou contra a vontade infantil de se jogar nos braços dele.

A intensidade do olhar de Rhys a deixava nervosa.

— Fico feliz que esteja segura em casa, Marianne. Mesmo que fique conosco por pouco tempo.

Ela deu um passo na direção dele.

— Eu vou para algum lugar?

— Seu futuro marido quer partir antes que o tempo piore.

Marianne ignorou a vozinha que dizia para agir feito adulta e correu para os braços do irmão.

Rhys a segurou pelos braços, examinando-a atentamente.

— Lamento se não percebi que não era mais criança.

— Sou eu quem deve lamentar, Rhys. Nunca quis magoá-lo ou desonrá-lo.

Ele a abraçou.

— Não, Marianne, você não fez nada disso. Era só uma mulher lutando para descobrir sozinha seu lugar no mundo. Não posso culpá-la por isso.

— Eu poderia ter agido de maneira menos aflitiva.

— Ora. Você é uma Faucon. Não deixamos nada pela metade.

Isso era verdade.

— Rhys, você ia mesmo matar Bryce?

O peito de Rhys vibrou com a risada.

— Não repita isso a ninguém, pois eu negaria. Seu Bryce teve várias chances de me matar, mas sempre recuava. Se eu o teria matado? Não sei se teria essa chance.

— Então fico feliz por ter interrompido a luta.

— Marianne, seria melhor controlar sua impulsividade.

— Sim, acho que Bryce gostaria disso também.



— Todo marido pensa assim.

Marianne ergueu os olhos para o irmão.

— E o que acontecerá agora?

— Você ficarão um mês aqui. Se até lá ainda parecerem um bom casal, casarão aqui em Faucon e partirão para Ashforde.

— E Bryce sabe disso?

— Claro que sabe. — Rhys ergueu as sobrancelhas. — E ele jurou que não dividiriam a cama até estarem casados.

Marianne sentiu o rosto arder. Ao mesmo tempo, seu coração parecia ter caído no chão. Um mês era muito tempo. Rhys a soltou, rindo.

— Ninguém nunca morreu de desejo insatisfeito.

— Sempre há uma primeira vez para tudo.

Rhys a puxou para a porta.

— Comporte-se pelo menos uma vez na vida.

As estrelas pontilhavam o céu. Fora um longo dia, com todos discutindo planos para o casamento e idéias para a reconstrução de Ashforde.

Gareth e Darius tinham interrogado Glynnson. Unindo as informações que ela, Bryce e Jared, seus irmãos e os capitães tinham obtido, foi possível compreender tudo.

Cecily e Sir John estavam realmente apaixonados, mas tinham sido usados como meros peões naquela trama, assim como Bryce.

Glynnson queria Ashforde Keep. Mas tinha matado um dos homens de Stephen e devastado-lhe as terras. Portanto, Stephen provavelmente destacaria um exército caso Glynnson se apossasse da fortaleza.

A imperatriz lhe devia um favor, algo que Glynnson recusou revelar. Nem mesmo Melwyn conseguiu arrancar a informação. Glynnson e Matilda então planejaram colocar Ashforde Keep nas mãos de Cecily.

Se Rhys matasse Bryce, como esperavam, tudo teria se ajeitado, bastando apenas forjar a assinatura do documento no alforje de Bryce. Por isso Glynnson viera para Faucon. Precisava adulterar o documento. Uma vez que Bryce estivesse morto, Ashforde Keep seria herdado por Cecily.

Glynnson e a família tinham partido de Faucon carregando apenas a própria vida.

Bryce ainda tinha a escritura de Ashforde. Rhys pretendia levá-la para ser reconhecida pelo rei Stephen. Apoiaria Bryce desde que ele promettesse não atacar seus vizinhos. Promessa que Bryce fez imediatamente.



À hora do jantar, Marianne já queria gritar. Ela e Bryce não tinham ficado sozinhos nenhum instante. Agora, olhando pela janela do quarto, viu que ele estava na muralha.

Pegando uma capa, correu para encontrá-lo.

— Estou pronta para as palmadas, milorde.

Bryce riu.

— Pensei que teria de esperar a noite inteira por sua companhia.

— Eu teria ido ao seu quarto se soubesse onde é.

— Oh, sim, Melwyn, Osbert e Edgar teriam adorado.

Marianne ficou atônita.

— Está sendo vigiado?

— Não. Só estou dividindo o quarto com eles.

Ela sacudiu a cabeça.

— Isso é alguma piada de Rhys?

— Acho que é a maneira que ele tem de garantir que não dividiremos a mesma cama.

— Falarei com Lyonesse.

— Não. Um mês não é tanto tempo assim, Marianne. Vamos sobreviver. — Ele a beijou na testa. — Imagine o quanto vamos nos desejar ainda mais então.

— Mas eu preciso de você agora.

Bryce segurou as mãos dela, levando-as ao peito.

— Meu amor, eu já lhe pertencço.

— Não permitirei que me deixe. Nunca.

— Isso não acontecerá. — Bryce a puxou para um abraço. — Só espero que ampare meu coração com o mesmo amor com que prometo amparar o seu.

— Sempre, meu amor. Sempre. — Marianne ergueu o rosto. — Beije-me, Bryce.

Os lábios se encontraram ardentes pela promessa de um futuro juntos. Uma promessa tão real e tão forte que fazia o coração de Marianne flutuar.

Quando os corações de ambos passaram a bater no mesmo ritmo, Marianne não teve dúvida do amor que sempre dedicariam um ao outro.

